

A C

A C E

1 0 9 6 2 2 / 7 6

C N F

1 / 4

AC/SNI

ACE 109622 ⁰⁰¹

FICHA DE DISTRIBUIÇÃO E PROCESSAMENTO DE DOCUMENTOS

S. N. 1
AGÊNCIA CENTRAL
029192 22.11.76
PROTOCOLO

1. CARACTERIZAÇÃO DO DOCUMENTO

24 NOV 1976

ORIGEM: ASP TIPO: Infão N: 6609/119 DATA: 17/11/76
Conf. PB. 576/19/AC/76
CLASSIF: REF:
ANEXOS:
ASSUNTO: RACISMO NEGRO NO BRASIL

4782

2. DISTRIBUIÇÃO INICIAL

ORIGINAL		SC-1	
CÓPIAS	<input type="checkbox"/> CHEFE DO SNI	<input type="checkbox"/> CHEFE GAB/AC	<input type="checkbox"/> SC - 1
	<input type="checkbox"/> CHEFE GAB/SNI	<input type="checkbox"/> ASSESSORIA	<input type="checkbox"/> SC - 2
	<input type="checkbox"/> CHEFE DA AC	<input type="checkbox"/> SE - 02	<input type="checkbox"/> SC - 3
OUTROS DESTINATÁRIOS:			

3. ORIENTAÇÃO

TOMAR CONHECIMENTO	REGISTRAR	FALAR COM A CHEFIA	APROFUNDAR	PROCESSAR	INTEGRAR	ARQUIVAR
MONTAR INFÃO PARA:			DIFUNDIR PARA:			

4. ORDENS PARTICULARES:

[Handwritten Signature]

RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DA FICHA

5. PROVIDÊNCIAS FINAIS:

SE 15
D. SE 15 em 12.3.78 JR



002



SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

INFORMAÇÃO N. 6609 119 / 1976 ASP/SNI

DATA : 17 de novembro de 1976
 ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
 REFERENCIA : PB 514/19/AC/76 e PB 591/19/AC/76
 ORIGEM : ASP/SNI
 DIFUSÃO : AC/SNI
 ANEXO(S) :



109622

Em atendimento parcial aos documentos acima referenciados esta ASP informa o seguinte a respeito de entidades e pessoas ligadas a sociedade negra nesta área:

1. GRUPO TEATRAL EVOLUÇÃO

Procura divulgar o movimento da raça negra no interior do Estado. Seu líder é ANTONIO CARLOS SILVA e um ex-professor de matemática - conhecido por "LUMUMBA". O grupo compõe-se de 18 elementos, e fazem suas apresentações distribuindo panfletos alusivos as reivindicações dos negros quanto aos seus direitos, enfatizando a existência do preconceito racial no Brasil. A impressão dos panfletos é feita em RIO CLARO em local desconhecido.

colocar
 Em 1975 a peça "Sinfonia Negra", apesar de censurada pelo DPF - vinha sendo deturpada nas suas posteriores apresentações, onde os participantes incluíam frases e cenas de protesto tendenciosos com ataques aos poderes constituídos, à sociedade branca, que atarou os negros à extinção pela fome e pela doença, o desemprego, à miséria mais completa. Dizem: "Onde estão os negros?". Respondem: "Estão por aí encurralados no emprego humilde, ou, no desemprego, prisioneiros do analfabetismo, da miséria, da doença, do crime. Do crime de ser negro". (Anexo Doc. 01)

ANTONIO CARLOS SILVA ou ANTONIO CARLOS SANTOS SILVA, Infe 3-2, de 1968, dá conta de que ANTONIO CARLOS DOS SANTOS SILVA, SDQ, vulgo "CACÁ" faz parte da chapa de ajuntamento subversivo no meio secundário do Instituto Bento de Abreu em ARARAQUARA. O nominado trabalhou na Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC, onde procedeu ao levantamento do número de estudantes negros existentes na Universidade. (Vide encaminhamento 362/19/AC, de 17 Out 75).

2. GRUPO TEATRAL REBU

colocar
 No município de CAPIVARI/SP, no dia 19 Out 75, às 17 horas, na sede da Associação Esportiva Juventos houve uma reunião de pessoas de raça negra daquela região, sendo apresentadas na ocasião uma peça teatral e filmes referentes à época da escravatura no Brasil. Após as apresentações houve palestra proferida por APARECIDO SALVA DOR e RONALDO DE ALMEIDA LIMA, ambos residentes naquele município.

No dia 22 Nov 75, no salão do Rotary Clube de CAPIVARI, situado nos arrabaldes da cidade, foi apresentada uma peça teatral, denominada "Rebelião na senzala", encenada pelo mencionado grupo, do município de SÃO CARLOS/SP, tendo sido assistida somente por negros.

Segue-



CONTINUAÇÃO da Informação nº 6609 /119/ASP/1976

Dias antes da encenação da peça foram distribuídos nas residências das famílias negras daquela cidade, um tablôide intitulado "Reunião". Tudo indica que o documento em anexo seja o indício de uma exploração de antagonismos raciais (Doc. 02).

As seguintes pessoas organizaram o encontro:

RONALDO DE ALMEIDA LIMA, vulgo "DONALDO TOLEDO", filho de Francisco Almeida Lima e Maria de Lourdes de Almeida Lima, brasileiro, solteiro, cor preta, auxiliar de análises, nascido em 17 - Mar 53, natural de CAPIVARI/SP, residente naquela cidade à rua Tiradentes, nº 167. É estudante do curso de Economia na USP.

Em 18 Jun 74, o DEOPS realizou diligência no bloco da Faculdade de Economia da USP, ocasião em que o nominado, juntamente com GUSTAVO ALBERTO BUSSINGER e outros, foi detido e atuado em flagrante, por estar rodando um panfleto a respeito de uma intimação recebida por RICARDO OSCAR KOMORI para comparecer ao DEOPS, a fim de prestar esclarecimentos referentes ao Movimento Estudantil. Na ocasião foi apreendido farto material subversivo.

APARECIDO SALVADOR, vulgo "Testa", brasileiro, casado, mecânico de autos, cor preta, filho de Marcos Salvador e Maria de Lourdes Toledo Galvão, nascido em 23 Out 46, natural de CAPIVARI/SP, ali residente à rua São Luiz, nº 120. Já foi submetido a processo criminal, por acidente de trânsito. Há anos atrás o referido elemento tentou suicídio através de enforcamento, não tendo sido feito inquérito a respeito, sendo as causas da tentativa desconhecidas. O mesmo é suspeito de estar introduzindo tóxicos naquela cidade. O nominado tem facilidade para reunir as pessoas negras principalmente para bailes realizados em clubes de CAPIVARI, RAPARD e outras cidades da região, mormente em épocas carnavalescas.

JOSÉ ADÃO GALVÃO, vulgo "Adãozinho", brasileiro, casado, de cor preta, escriturário, filho de Osmar Galvão e de Maria Augusto Deodoro Galvão, nascido em 17 Abr 53, natural de CAPIVARI/SP, ali residente à rua Balduina Marinho, nº 42.

JOSÉ LUIZ CARNEIRO FILHO, vulgo "Zé Ito", brasileiro, desquitado, cor preta, escriturário, filho de José Luiz Carneiro e Celina, natural de CAPIVARI/SP, ali residente à rua João Vaz, nº 315.

3. CLUBE "220"

Rua Líbero Badaró, nº 504, SÃO PAULO, Capital. O Clube costuma promover passeatas todos os anos no dia 13 de maio. Seu presidente é FREDERICO PENTEADO.

4. ARISTOCRATA CLUBE

Situado na Estrada do Bororé, em Santo Amaro.

-Segue-



Em data de 13 Mai 76, na Faculdade de Direito da USP, realizou-se - Sessão de debates e a seguir a apresentação da peça "Arena contra Zumbi", durante as quais foram distribuídos por estudantes, no pátio da aquela Faculdade, os panfletos em anexo. O tema do debate foi: "O Negro na arte do Brasil". A mesa foi presidida por: Dr. IRACEMA DE ALMEIDA, médica da FUC; Dr. ESMERALDO SOARES TARQUINIO CAMPOS, bacharel em Direito e jornalista; Dr. JOSÉ HIGINO JR, professor de Ciências Sociais da USP, Dra. EUNICE DE JESUS, bacharel em Direito e funcionária da Escola (foi quem organizou o debate).

Entre as várias perguntas feitas pelos estudantes, foram observadas:

- a. Primeira pergunta - feita ao Dr. ESMERALDO: "Quais as dificuldades de um jovem jornalista negro ou branco no início da carreira?"

Resposta: "As dificuldades são as mesmas, muito embora o negro - tenha mais, devido ao preconceito que há".

- b. Segunda pergunta - Feita ao Dr. JOSÉ HIGINO JR: - "Como os negros são recebidos nas Forças Armadas?"

Resposta: "Muito bem, quando se trata de soldados, cabos e sargentos; daí para frente surgem os problemas; que atualmente há poucos negros no oficialato; sabe-se a respeito de um Tenente Coronel e um General, sendo que este foi transferido para a divisa do AMAZONAS.

- c. Perguntaram: "Por que o Prefeito de SANTOS (que era negro) não tem ou possui?". Os componentes da mesa pediram desculpa por se omitirem. Sendo respondido entretanto, pelo Dr. ESMERALDO, "que talvez fosse por ele ser negro".

- d. Durante os debates, a Dra. IRACEMA, diante de uma pergunta sobre CASSIUS CLAY, disse que o assunto não interessava, mais sim o problema da cultura do negro no Brasil, ao que um aluno disse que a mesma estava atrapalhando o debate, não deixando que o mesmo atingisse outros campos como o político. Diante disto, o Dr. ESMERALDO procurou acalmar os ânimos dizendo que estavam ali para discutir a cultura negra e não a política, pois como todos sabiam "era perigoso".

ESMERALDO SOARES TARQUINIO DE CAMPOS FILHO, filho de Esmeraldo - Tarquinio de Campos e Gracy de Campos, DLN - 12 Abr 27, São Vicente, Santos, advogado, casado.

HISTÓRICO POLÍTICO

- 04 Out 59 - Elegu-se vereador à Câmara Municipal de Santos, pelo partido Socialista Brasileiro.
- 16 Mar 60 - Foi escolhido para ser um dos vice-presidentes do Comitê Central Inter-Partidário Pró-candidatura Jânio - Quadros.
- 25 Abr 61 - Pelo núcleo santista do "Movimento Nacionalista Brasileiro" foram realizados vários atos de simpatia à Cuba, tendo, na Câmara Municipal, liderado pelos vere-



dores nacionalistas ANTONIO RODRIGUES, PAULO FERREIRA LIMA, JOSÉ APÍALO FILHO, ORLANDO ALMEIDA MATOS e JOÃO INA CIOIDE SOUZA, e apoiado pelo socialista ESMERALDO TARQUINIO, sido apresentado um requerimento de solidariedade a aquele país, face à vitória de FIDEL CASTRO, sobre as forças invasoras.

- 16 Dez 61 - Foi eleito vice-presidente da Comissão de Justiça da Câmara Municipal de Santos.
- Abr 62 - Era o líder situacionista na Câmara Municipal.
- 07 Out 62 - Elegeu-se deputado estadual pela coligação PTN-MTR.
- 07 Abr 62 - Em convenção realizada na Capital, foi indicado para disputar uma cadeira de deputado estadual, sendo eleito em 07 Out 62.
- 14 Dez 62 - Renunciou ao seu mandato de vereador à Câmara Municipal de Santos, visto ter sido eleito deputado estadual.
- 04 Abr 63 - Com a participação de comunistas da primeira linha, de São Paulo, Santos e interior, realizou-se em São Paulo o "Encontro Paulista de Solidariedade a Cuba". Alguns deputados da Assembléia Legislativa do Estado, entre os quais destacavam-se CID FRANCO, OSWALDO RODRIGUES MARTINS, ESMERALDO TARQUINIO e outros, manifestaram-se solidários, subcrevendo, nesse sentido, telegrama endereçado aos promotores do movimento.
- 07 Abr 63 - A convite do Prefeito de Santos, participaram de um almoço os deputados federais e estaduais eleitos por Santos. Era objetivo do Prefeito mostrar aos convidados as necessidades da cidade, para deles obter o apoio desejado. Falando o marginado, fez críticas ao governador do Estado, no tocante a pretendida iluminação da Via Anchieta.
- 10 Abr 63 - Em companhia de outros deputados, vários vereadores - líderes sindicais e diretores da COSIPA, esteve nas dependências dessa Empresa quando a visitou o Ministro do Trabalho, ALMIR AFONSO.
- 05 Jun 63 - Participou de reunião de líderes sindicais que, reunidos à portas fechadas, na sede do Sindicato dos Empregados em Administração dos Serviços Portuários, decidiram deflagrar greve geral em Santos, em solidariedade aos estivadores, que por sua vez, haviam se declarado em greve num movimento contra os "bagrinhos". Tal greve geral não chegou a ser deflagrada, visto ter chegado a Santos, o Ministro do Trabalho, ALMIR AFONSO, que conseguiu demover desse propósito subversivo, os líderes sindicais da Baixada Santista.

-Segue-



- 17 Jun 63 - Em reunião conjunta, realizada pelo Fórum Sindical de Debates e União dos Sindicatos da Orla Marítima de Santos (FSD e USOMS), foi o marginado designado para juntamente com uma comissão de líderes sindicais, solicitar ao Juiz de Direito competente, se entendesse com o Comando Militar, no sentido de fazer retirar desta cidade as tropas que para cá vieram, isto é, haviam sido transferidas, face às ameaças de greves. Essas tropas haviam sido requisitadas pela Justiça, e somente o Juiz requisitante poderia se manifestar sobre a conveniência ou não de sua permanência em Santos.
- 24 Jun 63 - Com os deputados MARIO COVAS JUNIOR e OSWALDO MARTINS, participou da mesa, na solenidade da posse da nova diretoria do Sindicato dos Estivadores.
02. Set 63 - Decidiu o Fórum Sindical de Debates, alegando acatar determinações do Sr. Presidente da República, dar por encerrada a greve geral que deflagraram em Santos, (com insucesso, já que foi parcial), em solidariedade à greve dos enfermeiros, todavia, continuou seu movimento grevista, por não ter ainda alcançado seus objetivos. Tal movimento, dada sua importância, provocou a participação de autoridades federais, estaduais e municipais, requerendo, ainda a atenção das autoridades militares. Nessas atuações destacou-se o marginado que, com fins evidentemente políticos, chegou, por vezes, a criar embaraçosas demarques havidas entre os líderes do FSD, empenhados na subversão e autoridades por sua vez, empenhadas na manutenção da ordem.
- 23 Set 63-- Esteve presente à Assembléia dos ferroviários que, reunidos conjuntamente com os servidores do DAE e DER decidiram declarar-se em greve, reivindicando melhorias salariais. Participaram da reunião, o deputado estadual OLAVO HORNEUAX DE MOURA, o comunista LAZARO MOURIRA, representante do FSD e dois oficiais reformados, sendo de destacar que a atuação do marginado muito contribui para a eclosão do movimento paredista.
- 15 Out 63 - Quando da greve dos professores, movimento de âmbito estadual, que abrangeu oito estabelecimentos de ensino secundário desta cidade, compareceu o marginado, à sede do Comando da Greve, além de hipotecar-lhes sua solidariedade.
- 12 Dez 63 - Presente à conferência realizada pelo deputado federal ALMIRINO AFONSO, e que versou sobre a "Encampação da Refinaria de Cajuva". Sob a presidência do comunista CERALDO SILVINO DE OLIVEIRA, e com a participação de dirigentes do FSD e líderes sindicais comunistas, representantes de diversas categorias, tomou o marginado parte na mesa diretora. Digno de registro o fato de que nos pronunciamentos mais fortes do conferencista, quer referindo-se aos interesses norte-americanos,

-Segue -



quer às atividades dos governadores de São Paulo e da Guanabara, ou quando citou o orador a situação da Venezuela e de Cuba, e mesmo no final, quando pregava a subversão, era o marginado, em companhia do vereador GILBERTO DE FREITAS GUIMARÃES, um dos que mais se destacaram pela veência dos aplausos.

22 Ago 64 - Publicaram os jornais locais haver o marginado, da Assembleia Legislativa, atacado o Sr. Capitão dos Portos, acusando-o de destacar o poder Judiciário, recusando-se a soltar os comunistas presos no navio presidido "Raul Soares", surto no porto de Santos. Tal acusação, por infundada, mereceu o fício do Juiz apontado, dirigido à autoridade atacada, pelo qual o magistrado enaltecia a ação desenvolvida pelo Sr. Capitão dos Portos, e censurava a ação dos que se esqueceram dos dias amargos que viveu a cidade de Santos, antes de 31 de março. O Sr. Capitão dos Portos, referindo-se ao marginado, censurou a ação de elementos que esperaram o término da vigência do art. 10 do Ato Institucional, para prosseguirem em sua obra de corrupção, confusão e desagração.

Fev 65 - Prestadas informações ao MM. Juiz Eleitoral da 118ª Zona, p/ res. candidato a prefeito de Santos, pela legenda do MTR.

16 Fev 65 - Conforme publicação da mesma data, foi pelo MM. Juiz Eleitoral, indeferido o pedido de registro de sua candidatura a Prefeitura de Santos, requerido pelo MTR, sendo aquele magistrado, essa medida foi tomada consubstanciada nas informações do DOPS, cabendo ainda recorrer ao Tribunal Regional Eleitoral, no prazo de 3 dias, pelo MTR.

Fev 65 - O MM. Juiz da 118ª Zona Eleitoral, reformou sua sentença no processo de negativa ao registro da candidatura do deputado ESMERALDO SOARES TARQUINIO DE CAMPOS FILHO, a Prefeitura de Santos, tendo em vista, o recurso apresentado pelo candidato em 11 Mar 65, cabendo a palavra final ao TRE-São Paulo. Por unanimidade de votos, teve o epígrafado, ganho de causa, em seu registro como Prefeito de Santos.

21 Mar 65 - Concorreu à Prefeitura de Santos, não logrando eleger-se.

4 Mai 65 - Tomou parte num almoço oferecido ao Sr. Jânio Quadros, por ocasião de seu embarque para a Europa, na residência da Sra. MIR PINHEIRO, à rua Ricardo Pinto, nº 8, apt. 5-B, onde compareceram vários líderes políticos de Santos e de São Paulo.

15 Jul 65 - Durante a convenção Municipal realizada na sede do MTR,



diversos membros tentaram persuadi-lo que disputasse - um lugar na Câmara Federal, no próximo pleito, porém - recusou-se salientando seu desejo de lutar pela reeleição estadual; porém os correligionários pretendem com - por, para o próximo pleito a dobradinha "Tarquinio-Vi-eira".

- 08 Jan 65 - Segundo informes reservados, tomamos conhecimento, que o deputado em pareço, visitou, na tarde de 22 deste - mês, entre 16,15 a 16,50 horas, na sede da Guarda No - turna de Santos, o Sr. LUIZ RODRIGUES CORVO, ex-vereeador de Santos, ali recolhido, por ordens do poder Judi - ciário .
- 07 Jan 66 - Conforme publicação, manifestou-se contrário ao novo - horário de trabalho no Porto, dizendo: "O período de - trabalho noturno, nada mais é que um retorno à escravi - dão".
- 30 Jan 66 - Conforme noticiário dessa data do jornal "A TRIBUNA" , da Assembléia Legislativa da Câmara, continua o margi - nado pronunciando-se a favor das reivindicações dos - portuários da Baixada Santista.
- 16 Mai 66 - Segundo fontes, o nominado em campanha do deputado NOR - NEAUX DE MOURA, esteve no vizinho Município de Cubatão promovendo reuniões, com os vereadores locais, com a # finalidade de apoiarem o candidato que o MDB-local, - apontasse. Desta feita, foi apontado JOSÉ EDGARD DA SI - VA CEZIMBRA, tendo feito a defesa do vereador em apre - ço, no rumoroso processo, em que a Câmara de Cubatão, baseada mais, em subversão, tentara cessar seu mandato; defendeu ainda na 2ª Região Militar, os comunistas in - diciados em inquéritos subversivos, principalmente os e do grupo dos "11", onde grande número de cubatenses se encontram envolvidos.
- 31 Out 66 - Candidatou-se a deputado estadual pelo MDB. Sua propa - ganda política era distribuída juntamente com a de GAS - TONE R. CIOGHI. Seu número de registro era 1937.
- 15 Nov 66 - Eleito deputado pelo MDB-Santos.
- Set 66 - Por ocasião da greve dos estudantes, manifestou-se a - favor dos mesmos, advogando sua causa na Assembléia le - gislativa de São Paulo, conforme publicações da impre - sa.
- 04 Mar 67 - Esteve presente no Porto de Santos, por ocasião de de - sembarque do Sr. JÂNIO QUADROS, procedente da Europa.
- 10 Set 67 - Presente à missa mandada celebrar em sufrágio da alma de um estivador assassinado, tendo discursado no cemitério, pedindo aos companheiros do morto que conduzis - sem suas lutas pacificamente e visitassem anualmente o

-Segue-



- t túmulo do que morreu como símbolo de um sacrifício em defesa da classe.
- 18 Set 67 - Ominado é contra o lançamento da "Frente Ampla" em Santos.
- 25 Set 67 - Compareceu à conferência proferida pelo FREI CHICO no auditório do Colégio São José, em 24 Set 67, promovida pela "AUBS" - Associação dos Universitários da Baixada Santista.
- 06 Set 67 - Presente na posse da diretoria eleita no Sindicato dos Empregados na Administração dos Serviços de Santos, - no dia 2 do corrente.
- 27 Set 67 - Compareceu à reunião dos líderes do MDP-Santos, a fim de escolherem o presidente do Diretório de Santos.
- 30 Out 67 - Compareceu à palestra de D. DAVID PIOÃO, na Faculdade de Direito de Santos, sobre a Encíclica "Populorum - Progressium".
- 14 Nov 67 - Segundo informações, entre os políticos de Santos, o nominado se destaca como batalhador juntamente com os componentes da União Cívica Feminina de Santos, para o restabelecimento dos antigos pontos de partida de ônibus da linha São Paulo-Santos.
- 18 Dez 67 - Presente à inauguração das novas dependências da Caixa Econômica Estadual.
- 04 Fev 68 - Na reunião do MDP-Santos, desentendeu-se com o deputado GASTONI R. CUOGHI, por ser contra a participação da União Cívica Feminina, na passeata proposta por aquele, caso fosse casada a autonomia dos municípios da baixada.
- 14 Abr 68 - Convidado para almoçar na residência do Deputado GASTONE R. CUOGHI, almoço esse oferecido ao ex-presidente JÂNIO QUADROS, quando de sua partida para a Europa.
- 21 Abr 68 - Prestigiou com sua presença o Sr. ABRNU SOBRÉ por ocasião das festividades do aniversário de Itanhaem, quando o Governador fora agraciado com o título de cidadão "Itanhaense".
- 23 Abr 68 - Segundo informações, apoiará a candidatura de EMANUEL LEON, para a vereança no pleito do 15 de novembro de 1968, em Santos.
- 24 Abr 68 - Usará da palavra na "Vigília Cívica" promovida pela Câmara Municipal de Cubatão, pela cassação da autonomia da cidade.
- Mai 68 - Presente na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, ocasião em que forma suspensas as festividades pela passagem do dia do Trabalho. Em sua oração fez suas

-Segue-



as palavras do deputado GASTONE R. CUOGHI. Se foi válida ou não a agressão ao Governador ABREU SODRÉ é um mérito que não posso discutir, referindo-se a agressão sofrida pelo Governador Estadual, na manhã daquele dia, na Capital.

- 03 Mai 68 - Presente às festividades levadas a efeito na sede da Associação Beneficente dos Empregados da Cia. Docas de Santos, pelos funcionários das Cantinas Mantidas pela referida Associação, na passagem do dia do Trabalho, 1º de Maio, tendo feito uso da palavra, se inflamou, fazendo sentir aos presentes que aquela festividade "era de gente humilde e não de demagogos e políticos, como o episódio ocorrido naquela manhã na Capital de S. Paulo, onde o Governador ABREU SODRÉ fora apedrejado, afirmando que o fato se deu pela presença do mesmo em lugar onde não lhe pertencia, ou seja, ao lado dos trabalhadores". Aproveitando mais esta oportunidade de se manifestar em público, o marginado afirmou que "aquele episódio, nada mais era que a explosão natural do trabalhador, contra todas as privações que o Governo lhes impõe".
- 16 Jun 68 - Deixou de comparecer na reunião em casa do deputado GASTONE R. CUOGHI, visto não concordar com a mesma, tendo inclusive telefonado para seu representante, GERALDO PRINCEPE, determinado sua retirada da reunião.
- 08 Set 68 - Prestigiou com sua presença a posse da nova Diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos.
- 05 Ago 68 - Presente à passeata estudantil em Santos.
- 23 Set 68 - Um dos assistentes da peça "Roda Viva", levada a efeito nesta cidade pela Comissão Municipal de Cultura de Santos.
- 06 Ago 68 - Conforme informações, assegurado seu nome para candidatura ao cargo de Prefeito Municipal em Santos, pelo MDB, no pleito de 15 de Novembro próximo.
- 17 Ago 68 - Proferiu conferência sobre sua recente viagem aos Estados Unidos da América do Norte, na sede do Instituto Educacional "Pan-Americano", nesta cidade, cujo diretor - OSWALDO GONÇALVES MARTINS - é considerado elemento de esquerda, tendo mesmo sido preso no Movimento Revolucionário de 31 de Março de 1964 para averiguação. O nominado, ao fazer o relato de sua viagem, discorreu - comparativamente sobre a democracia na sua totalidade. Não deixando, entretanto, de salientar críticas às organizações extremistas Klu Klus Klan e Mórmons (racistas), denunciando a filiação dos mórmons nesta cidade, cujo templo foi construído com recursos oriundos do Estado de Utah. Antes de finalizar sua conferência, o deputado em apreço, apresentou à assistência o sr. PAULO PIMENTEL (membro do Sindicato dos Enfermeiros de Santos), ex-presidente do Grêmio Estudantil "Pan-Americano", como candidato à Câmara Municipal de Santos.



- 24 Ago 68 - Em reunião dos dirigentes do MDB-Santos, ficou praticamente definida sua candidatura a Prefeito de Santos, com o apoio do deputado MÁRIO COVAS JÚNIOR.
- 14 Set 68 - Presente na Convenção realizada na Câmara Municipal de Cubatão, ocasião em que foi feita a escolha dos candidatos do MDB-Cubatão, para vereança municipal local.
- 28 Set 68 - Conforme convenção realizada na Câmara Municipal de Santos, foi um dos escolhidos para candidato a Prefeito de Santos, pelo MDB, levando como vice-prefeito o vereador OSWALDO JUSTO.
- 03 Out 68 - Fez parte da mesa presidiada pelo Bispo de Santos, D. DAVID PICÃO em 2 do corrente, quando do lançamento nesta cidade do movimento "Ação, Justiça e Paz".
- 11 Nov 68 - O Deputado ARIÉ JORGE COURRY recebeu carta de Dna. - ELOA QUADROS, manifestando seu apoio ao marginado, para a Prefeitura de Santos. Consta que vai usar a carta para sua propaganda política.
- 17 Nov 68 - Conseguia eleger-se prefeito de Santos, pelo MDB, no pleito de Novembro do corrente ano, com 45.210 votos.
- 24 Dez 68 - Diplomado no Fórum de Santos, Prefeito eleito pelo MDB-Santos.
- 11 Mar 69 - Recebeu o ministro TARSO LUTRA, em sua visita a 10 do corrente, em Santos.
- 15 Mar 69 - Teve grande repercussão nesta cidade, a cassação do deputado estadual em aprego, que deveria tomar posse em 14 de abril pr. Os santistas, ignorando os motivos da cassação, tem criticado tal medida, dizendo que o marginado não é corrupto e nem subversivo, daí não haver motivo para tal procedimento por parte do governo federal. Conforme comunica que já está de volta ao seu escritório de advocacia.
- 24 Mar 69 - Prestou declarações no Departamento de Polícia Federal.
- 19 Mar 69 - Manteve contato, com o ex-presidente da República - JÂNIO DA SILVA QUADROS, também cassado, na residência do sr. JOSÉ DE SOUSA.
- 02 Abr 69 - Em represália à cassação do marginado, eleito prefeito de Santos, elementos do diretório local do MDB, vêm renunciando ostensivamente à filiação partidária.
- 12 Abr 69 - Foi nomeado pelo sr. presidente da República, interventor em Santos, o Gal. de Divisão CÍOVIS BANDEIRA BRASILE, em decorrência da cassação do nominado, prefeito eleito em Nov 68, bem como da renúncia do vi-

-Segue-



vice-prefeito sr. OSWALDO JUSTO.

10 Jun 69 - Prestou declarações neste DOPS.

14 Jun 72 - SELMA REIS LAPA consta em PE do Exército, como amante do marginado. No entanto, após investigações a respeito, ficou apurado que a única relação existente ambos é que trabalharam juntos na Caderneta de Poupança Paes de Barros, onde o marginado é consultor jurídico. Ainda em 1972 o marginado surge como locutor de TV.

73 - AMAURI DA CRUZ TIRIBA, elemento pertencente ao Pelagismo Sindical é ligado ao marginado.

25 Abr 74 - Desembarcou no Porto de Santos, procedente de Londres e o ex-presidente JÂNIO QUADROS e esposa. Dentre as pessoas que os receberam estava ESMERALDO TARQUINIO.

75 - O ex-presidente JÂNIO QUADROS é tido como um dos coordenadores e conselheiro da ala de políticos casados que atuam como articuladores do plano contra-revolucionário coordenado pelo PC. O marginado figura como coadjuvante.

09 Jan 76 - Compareceu à missa de 7º Dia de SILVIA COVAS, filha de MÁRIO COVAS JÚNIOR.

06 Jan 76 - Eleito diretor jurídico da Federação Santista de Teatro Amador - FESTA - com sede à rua Euclides da Cunha, 103 - Santos, com mandato para o biênio de 76/77. Filho de Esmeraldo Soares Tarquinio de Campos e Tracy Moura; inscrição - OAB nº 8862; residente à rua Epitácio Pessoa, 574; advogado.

IRACEMA DE ALMEIDA, filha de Cantídio Carlos de Almeida e Maria das Dores R. de Almeida, DIN - 31 Ago 21, São Paulo, Capital; RG nº 583.200/SP. Em 1973 solicitou audiência com o Exmo. Sr. Presidente da República. Em 1974 foi candidata a Assembleia Legislativa - pela ARENA.

Quanto a EUNICE e JOSÉ HIGINIO nada há de antecedentes em nossos arquivos.

O DESTINATÁRIO E RESPONSÁVEL
PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO
DESTE DOCUMENTO, (Art. 52 - Dec.
N. 60.417/67 - Regulamento para Salva-
guarda de Assuntos Sigilosos)

A Revolução de 64 é irreversível e
consolidará a democracia no Brasil.

CONFIDENCIAL

013

GTC e deu vistas:

Sec. Par/PR ~~XXXXXXXXXX~~

Em 24/7/78



GTC e deu vistas:

Sec. Par/PR Ch. Gab. Civ/PR

Em 26/7/78

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

GTC e determinou enviar cópia des-
caracterizada a *Justiça*

INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78

o que já foi feito por esta SI/GAB/SNI
Em 10/ agosto /1978

JUL 1978

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL

ORIGEM : AC/SNI



GTC e determinou enviar cópia des-
caracterizada a *Assessoria de*

INFORMAÇÃO Nº 908/02/CH/GAB/SNI/78

o que já foi feito por esta SI/GAB/SNI
Em 10/ agosto /1978

Os constantes do item 9.

1. Em 1976, os Órgãos de Informações tiveram suas atenções despertadas para a proliferação, nos Estados do RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO, de Associações Culturais destinadas à propagação da cultura negra no BRASIL. Tais associações, embora inspiradas no "Movimento SIMBA", adepto de soluções violentas, surgido na década de 60 e que desapareceu, em 1972, caracterizavam-se pela atuação pacífica; o que não impediu que elementos radicais se infiltrassem em seus quadros.

2. No segundo semestre de 76, alguns órgãos da chamada grande imprensa do RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO passaram a publicar, com ênfase, matérias abordando o problema racial no País. As principais reportagens tiveram como motivação o chamado "Movimento BLACK" iniciado quase que, simultaneamente, nas cidades do RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO e, por similitude, denominados "BLACK RIO e BLACK SÃO PAULO". Esse movimento se estendeu ao Nor

CONFIDENCIAL

deste com o denominado "BLACK BAHIA", este de raízes mais nativistas e de menor envergadura que os citados anteriormente.

O "Movimento BLACK" originou-se nos ESTADOS UNIDOS, com uma maior divulgação da música "soul" e, por intermédio das gravadoras multinacionais, penetrou em vários países com população negra jovem, onde essas próprias empresas incentivam o Movimento com o intuito de auferir lucros com a venda de discos.

Encarado como uma manifestação primordialmente comercial, os grupos "SOUL" passaram, também, a aglutinar, em torno de seus líderes, elementos que viam no novo Movimento uma maneira de demonstrar, à sociedade branca dominante, a sua autenticidade e criatividade. Tais elementos passaram a exigir de seus líderes manifestações de antagonismo racial que, por conveniência ideológica, eram registradas com destaque pela imprensa infiltrada e/ou sensacionalista.

3. Na esteira dessas manifestações, pessoas de maior lastro cultural sentiram-se estimuladas a expor suas idéias sobre o problema. Dentre estas, destaca-se a historiadora e socióloga MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO que, em entrevista publicada na revista "MANCHETE", edição de 21 Ago 76, sob o título "O NEGRO VISTO POR ELE MESMO", defende a tese de que o negro precisa conscientizar-se de sua própria força. Entre outras coisas, a firma que "(...) não foi apenas a necessidade de fugir que permitiu o estabelecimento da sociedade quilombola. Foi, isso sim, a capacidade de criar uma sociedade alternativa, com valores próprios, diferentes dos valores dominantes na sociedade em que os negros foram integrados à força". "(...) é ao organizar sua própria sociedade que o negro se afirma e se torna autônomo". Tais afirmações, ainda que se referindo a uma época passada, tornam-se atuais na medida que a historiadora, em sua tese, relaciona os antigos quilombos com as favelas atuais. Estimulando a luta

racial, preconiza que "(...) é preciso mostrar ao negro a verdade histórica, dando-lhe oportunidade de tomar conhecimento de sua própria força. Ele precisa saber que pode dominar, pode organizar uma sociedade, fazê-la vitoriosa. Se ele vai usar essa força para dominar os outros ou simplesmente para libertar-se, afirmar-se, é problema dele. O importante, inicialmente, é recuperar a consciência de sua força, sentir-se potente".

Igual relevo, merece o escritor negro, esquerdista, ABDIAS DO NASCIMENTO - desde 1964 radicado nos ESTADOS UNIDOS, onde, atualmente, é professor de Culturas Africanas no Novo Mundo, na Universidade de NOVA IORQUE - que em 15 Jun 78, retornou ao BRASIL. Em sua colaboração para o livro "MEMÓRIAS DO EXÍLIO", editado em PORTUGAL, no ano de 1976, com a finalidade de difamar o BRASIL no exterior, defende a tese de que existe perseguição racial, no BRASIL, e que o negro precisa se impor como raça. Em seu relato afirma: "O negro tem que fazer a coisa dele, sem esperar, sem nem olhar para a cara do branco. Depois pode dar uma colher de chá para os brancos, mas antes tem de se afirmar como negro". "O problema, antes de ser a busca de uma volta à ÁFRICA, é o de como formar o BRASIL Negro, institucionalmente falando, já que de fato ele sempre existiu".

Quando da realização do II Festival Mundial de Artes Negras, em Fev 77, na cidade de LAGOS/NIGÉRIA, durante um colóquio de especialistas em assuntos africanos, ABDIAS DO NASCIMENTO tentou apresentar uma monografia de sua autoria, intitulada "DEMOCRACIA RACIAL DO BRASIL - MITO OU REALIDADE?". Em seu trabalho, desenvolve a idéia de que, no BRASIL, se processa "a extinção do negro no contexto brasileiro, através de um tipo hipócrita de genocídio que não deixa marcas de seu crime, isto é, procura se destruir o negro por casamentos inter-raciais. Apesar de ter negada a apresentação de seu trabalho, em uma das comis-

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78...016..Fls. 04)

sões do colóquio, fez uma intervenção denunciando "a dominação da minoria branca no BRASIL, que à semelhança da ÁFRICA DO SUL, oprime a maioria negra". Sua atitude recebeu o apoio de representantes de vários países, inclusive de CUBA que hoje expande sua influência na ÁFRICA Negra.

No seu retorno ao BRASIL, ABDIAS DO NASCIMENTO concedeu destacada entrevista à revista "VEJA", edição de 28 Jun 78, onde torna a expor as idéias contidas em sua tese, acima referida, criticando em termos agressivos a chamada "Democracia Racial Brasileira". Sobre este aspecto vale ressaltar alguns trechos do artigo "A SOMBRA NEGRA NA ALMA DO BRASILEIRO" de autoria de MARTIN GESTER, publicado no jornal "FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG", edição de 30 Jul 77:

Para os sociólogos que se agrupam em torno de ROGER BASTIDE e FLORESTAN FERNANDES essas teses de amalgamação pacífica das raças é mera ficção. Não acreditam numa redução, mas sim num agravamento dos contrastes. Com base em pesquisas em SÃO PAULO concluíram que, com a crescente conscientização política dos negros, seguir-se-á uma resistência cada vez mais ferrenha das classes média e alta (mais brancas), temerosas de perderem seus privilégios. Isso geraria uma luta de classes que acabaria convertendo-se em luta entre raças.

Certamente seria até benéfico apontar as falhas no tão louvado modelo brasileiro de democracia racial a seus mais empedernidos apologistas. Seria, porém, o caso de perguntar se esses críticos progressistas não seriam, até certo ponto, vítimas de seus próprios preconceitos. Muitos parecem mais interessados na luta de classes do que na luta de raças. Falam de "negritude" pensando em revolução.

*Salvo engano total, os brasileiros estão paulatinamente tornando realidade uma democracia racial até hoje jamais concretizada em país algum. Seu modelo - apesar de todos

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78.....Fls. 05) 017

os senões citados - já se encontra provavelmente num estágio tão adiantado que, dificilmente, correrá perigo. Futuramente haverá, decerto, políticos negros, porém não partidos negros. Haverá contestação dos negros desfavorecidos, porém não como negros e sim como desfavorecidos, e em colaboração com seus semelhantes brancos desfavorecidos. Já não se concebe uma rebelião de características raciais.*

MARTIN GESTER parece não ter se equivocado em sua análise. Vários são os dados mostrando que elementos de formação marxista estão, por intermédio da exploração do problema, incitando a luta de classes e fazendo apologia do regime socialista. Assim, durante a realização da XXIX Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em 1977, em SÃO PAULO/SP, o professor CLÓVIS MOURA, do Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA) discorrendo sobre o tema "O Negro: de Bom Escravo a Mau Cidadão?" afirma: "O preconceito de cor é uma ideologia de barragem criada pela elite branca para impedir que grandes segmentos negros consigam ascender socialmente".

Da mesma forma, para as organizações subversivo-terroristas o acirramento de antagonismos raciais é um meio útil a seus propósitos. A publicação clandestina "INDEPENDÊNCIA OPERÁRIA", porta-voz do MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro), em seu nº 28, edição de Jul 77, instiga claramente a revolta racial com "palavras de ordem" como "contra a educação racista", "contra a discriminação racial" e "por uma autêntica democracia racial". Preconiza, também, a introdução, nos currículos escolares, da disciplina "História do Negro", além da criação de um periódico noticioso exclusivamente da "Comunidade Afro-brasileira".

Em Mar 78, era lançada, em PORTO ALEGRE/RS, a revista "TIÇÃO" que, no editorial do seu primeiro número declara

CONFIDENCIAL

se propor a discutir a participação do negro na questão das reivindicações sociais e a sua história, "geralmente mal contada" e distorcida que tem "como exemplo mais típico o Quilombo de Palmares". A revista afirma, ainda, que a educação no BRASIL prejudica o negro, mas esse aspecto é decorrente do sistema capitalista, onde o negro "não tem vez". Anuncia, também, o lançamento do livro de poemas de AGOSTINHO NETO, exaltando a figura do líder marxista angolano e o "Movimento Popular de Libertação de ANGOLA - MPLA", criticando, em contrapartida, os negros angolanos "mercenários" JONAS SAVIMBI e HOLDEN ROBERTO.

A revista "ISTO É", edição de 17 Mai 78, aproveitando a comemoração do Dia da Abolição da Escravatura no BRASIL, publicou ampla matéria abordando o problema racial. Dela participaram destacadas personalidades de cor que emitiram, entre outras, as seguintes opiniões:

- a democracia racial brasileira é um dos grandes blefes da estrutura dominante;
- a separação da grande camada negra em pardos, mulatos e negros faz parte do mecanismo de defesa das classes dominantes;
- na chamada democracia racial quem lucra é apenas a classe dominante;
- o que está acontecendo no BRASIL é um genocídio não institucionalizado;
- há duas tendências para a solução do problema do negro: uma de transformação dentro do sistema capitalista e outra de mudanças básicas na estrutura da sociedade. O negócio é partir para a ação e abandonar toda discussão que parece divisionista;
- o racismo é um instrumento de dominação ideológica, de base racial, é um instrumento moderno, não um instrumento histórico, como a ideologia oficial pretende fazer crer;

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78....019..Fls. 07)

- contra o racismo é necessário uma luta política que se deve traduzir pela transformação das instituições que o produzem e a outras ideologias de dominação, como o machismo e o consumismo. Essa luta política deve ser articulada a uma luta social ou a uma luta de classes, embora com cuidado; e

// - o racismo é, fundamentalmente, uma questão de capitalismo, que não dá oportunidade ao negro. (grifo nosso)

No momento, dentro do movimento "Convergência Socialista", e visando a capitalizar a adesão de uma parcela da população negra já atingida pela massificante pregação de um suposto antagonismo racial, surge uma ala autodenominada "Núcleo Negro Pró-PS", criado em 14 Mai 78, no RIQ DE JANEIRO/RJ e que tem por finalidade:

- garantir a participação do negro na formação do futuro "Partido Socialista";
- lutar pelo fim do subemprego que leva os negros à condição permanente de biscateiros e domésticos;
- reorganizar entidades negras a nível nacional;
- reorganizar a imprensa negra, duramente reprimida pelo sistema;
- recolocar na História o real sentido do papel do negro na sociedade;
- integrar o negro na lista dos setores oprimidos da população;
- desenvolver a tendência negra socialista, combinando a luta dos trabalhadores com a luta do negro; e
- mobilizar, integrar e organizar a luta negra nas favelas, bairros operários e conjuntos residenciais.

4. Por ocasião do Ato Público Contra o Racismo, o corrido dia 07 Jul 78, em SÃO PAULO/SP, foi distribuído um panfleto de autoria da "Convergência Socialista" que diz:"(...) os

CONFIDENCIAL

integrantes da Convergência Socialista manifestam sua total solidiedade ao 'Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial', por ocasião deste primeiro Ato Público contra o racismo. Nós, socialistas, não podemos aceitar a discriminação racial que divide a sociedade brasileira, nem sempre de forma velada, impedindo o pleno desenvolvimento do homem negro e a sua realização como pesoa humana. (...) Nós, socialistas, acreditamos que a superação dos problemas que afligem a população negra somente será possível em uma nova sociedade, onde o produto do trabalho coletivo seja usufruído por todos os brasileiros e não apenas por uma minoría como acontece atualmente". O panfleto termina com as "palavras de ordem":

- "contra a discriminação racial!
- pelos direitos do homem negro!
- pela construção de um partido socialista!
- por um BRASIL socialista!".

Durante a realização da "XXX Reunião Anual da SBPC" o problema racial foi novamente enfocado. No dia 11 Jul 78, MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO expôs o trabalho de sua autoria "BRA SIL-ABOLIÇÃO, NOVENTA ANOS. CONFRONTO", com a sala lotada, em sua maioria por pessoas de cor. Apesar do pronunciamento ser considerado de limitada significação, diante da envergadura do evento, atingiu sua finalidade, que era estimular o conflito racial. No mesmo dia, no Forum de "CULTURA POPULAR" foi abordado o tema "HE RANÇA NEGRA NA PRODUÇÃO CULTURAL", onde dez negros, sentados de frente para a platéia, depuseram sobre os seguintes itens:

- colonialismo cultural;
- direito de falar; e
- o papel do negro na sociedade brasileira.

Um estudante, não identificado, conferiu conotações marxistas ao problema do negro.

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78.....⁰²¹Fls. 09)

Durante a Reunião, foi distribuída uma "carta aberta à população" intitulada "CONTRA O RACISMO", de autoria do "Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial", assim sintetizada:

*Hoje estamos na rua numa campanha de denúncia.

Campanha contra a discriminação racial, contra a opressão policial, contra o desemprego, o subemprego e a marginalização. (...)

Estamos saindo das salas de reuniões, das salas de conferências e estamos indo para as ruas. Um novo passo foi dado na luta contra o racismo.

Os racistas do Clube de Regatas Tietê que se cubram, pois exigiremos justiça. Os assassinos dos negros que se cuidem pois a eles também exigiremos justiça!

O MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL foi criado para ser um instrumento de luta da Comunidade Negra. (...)

Portanto, propomos a criação de CENTROS DE LUTA DO MOVIMENTO UNIFICADO CONTRA A DISCRIMINAÇÃO RACIAL, nos bairros, nas vilas, nas prisões, nos terreiros de candomblé, nos terreiros de umbanda, nos locais de trabalho, nas escolas de samba, nas igrejas, em todo lugar onde o negro vive (...)

Convidamos aos setores democráticos da sociedade que nos apoiem, criando as condições necessárias para criar uma verdadeira democracia racial.

- contra a discriminação racial!
- contra a opressão policial!
- pela ampliação do movimento!
- por uma autêntica democracia racial!*

5. Durante o longo acompanhamento que os Órgãos de Informações vêm fazendo do assunto "RACISMO NEGRO NO BRASIL" foi identificada uma expressiva quantidade de associações, institu -

CONFIDENCIAL

tos, clubes e sociedades congêneres que se propõem a defender os direitos do negro brasileiro "marginalizado". Algumas dessas organizações tiveram existência efêmera, outras não conseguiram aglutinar um número significativo de adeptos. Observa-se, também, nos grupos já organizados, a existência de elementos partidários da ação pacífica e partidários da ação violenta.

Foram identificados, até o momento, os seguintes grupos:

a. Em SÃO PAULO

- Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas (IBEA), presidido pelo sociólogo CLÓVIS MOURA;
- Centro de Estudos Afro-Brasileiro;
- Centro Comunitário Afro-Brasileiro;
- Grupo Cultural Zumbi;
- Centro de Cultura Artes Negro;
- Reunião Cultural do Negro;
- Clube Jeque Plei (radical);
- Grupo Teatral Evolução (de CAMPINAS/SP);
- Instituto Brasileiro de Estudos Africanos;
- Centro de Cultura Afro-Brasileira (congada), de SÃO CARLOS/SP;
- Centro de Estudos Culturais Afro-Brasileiro Zumbi, de RIO CLARO/SP;
- Clube dos 220 - presidido por FREDERICO PEN TEADO JÚNIOR, que tentou outorgar ao Presidente GEISEL uma réplica do monumento à MÃE PRETA, por ocasião da passagem de 13 Mai 77;
- Centro de Estudos de Cultura e Artes Negras (CECAN).

b. No RIO DE JANEIRO

- Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN), tem como líder a socióloga MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO e realiza cursos na sede do Instituto Cultural BRASIL-ALEMANHA (ICBA).

- Cultura Negra do Brasil;
- Grupo Apache;
- Centro de Estudos Brasil-África (CEBA), de NITERÓI/RJ;

- Gran Quilombo;
- Associação de Intercâmbio Brasil-África, que edita o jornal "SIMBA".

c. Em PORTO ALEGRE

- Grupo Palmares - criado em 1971, que em 13 Mai 73 sugeriu, através da imprensa, a mudança do "dia nacional da raça negra", de 13 Mai, dia da Abolição da Escravatura, para 20 Nov, dia da morte de ZUMBI, líder do Quilombo dos Palmares.

d. Em JOINVILLE/SC

- Grupo Afro-Brasileiro de Cultura, Educação e Saúde, que recebe orientação do Grupo Afro-Brasileiro de SÃO PAULO.

e. Em SALVADOR

- Centro de Estudos Afro-Orientais da "Universidade Federal da BAHIA (UFBA)";

- Núcleo Cultural Afro-Brasileiro.

6. No que se refere às publicações especificamente dedicadas ao "movimento negro" citam-se: "ÁRVORE DOS PALMARES" e "NOVO HORIZONTE", de SÃO PAULO/SP; "SIMBA" e "JORNEGRO", do RIO DE JANEIRO/RJ; e "TIÇÃO", de PORTO ALEGRE/RS.

7. Fruto da "conscientização" promovida de forma acentuada, como já foi mencionado, a partir de 1976 e, certamente, encorajados pelo clima de abertura política, que tem permitido a atuação ostensiva de diversos grupos de pressão, o autodenominado "Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial", apoiado por vários grupos (Grupo Afro-Latino-Americano de SÃO PAULO e RIO DE JANEIRO, Grupo de Atletas Negros, Associação Cultural e Re

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/73.....⁰²⁴Fls. 12)

creativa Brasil Jovem, Grupo de Artistas Negros, Associação Cristã Brasileira Beneficente e Instituto Brasileiro de Estudos Africanistas- IBEA, de SÃO PAULO) promoveu um ato público contra a discriminação racial.

Essa concentração, ocorrida, no dia 07 Jul 78, na área fronteira ao Teatro Municipal, em SÃO PAULO/SP, caracteriza publicamente, a existência do chamado "movimento negro".

O estágio desse movimento pode ser medido, não pelo número de pessoas presentes - segundo a imprensa, entre ... 3.000 a 5.000 - uma vez que foi realizado em área de passagem obrigatória de milhares de transeuntes, mas pelo simples fato de terem sido criadas condições para a efetivação de uma manifestação dessa natureza, inspirada em dois casos claramente despidos de força de arregimentação.

De fato, a alegada discriminação racial contra quatro atletas negros no C.R.TIETÊ - que foi contestada pela diretoria do clube - e a morte de um homem de cor em uma Delegacia de Polícia de SÃO PAULO, em abril, não justificariam uma tomada de posição desse porte. Ademais, arbitrariedades policiais ocorrem em todos os países do mundo e no BRASIL, eventualmente, ocorrem tendo brancos como vítimas, havendo para esses casos possibilidades de solução dentro da lei.

As teses defendidas pelos seus líderes e a participação da Convergência Socialista, no "movimento negro" caracterizam a sua tendência ideológica de esquerda, mesclando, dessa forma, antagonismo racial com luta de classe.

8. Embora não se constitua, no momento, em um "movimento de massa", o nível alcançado lhe confere evidente importância, com possibilidades de evoluir em proporções prejudiciais à ordem política e social.

A grande bandeira, já identificada, qual seja, a

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78...⁰²⁵Fls. 13)

de que o capitalismo impede a ascensão do negro (política-social e econômica) na sociedade poderá aglutinar não só pessoas de cor descontentes como, também, grupos esquerdistas atuantes, interessados em obter vantagens políticas por intermédio do "movimento negro".

9. O anexo à presente INFORMAÇÃO reúne parte da documentação produzida sobre o racismo negro no BRASIL, a partir de 1976 e, contendo dados mais detalhados sobre o assunto.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

ANEXO À INFORMAÇÃO Nº 580/19/AC/78
RACISMO NEGRO NO BRASIL - 14 JUL 78

026

- ENCAMINHAMENTO Nº 217/19/AC/76; -
- INFORMAÇÃO Nº 1200/19/AC/76; -
- INFORMAÇÃO Nº 0048/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 138/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0251/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0361/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0399/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0410/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0444/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0567/19/AC/77; -
- ENCAMINHAMENTO Nº 092/19/AC/77; -
- ENCAMINHAMENTO Nº 096/19/AC/77; -
- ENCAMINHAMENTO Nº 099/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0728/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0822/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0845/19/AC/77; -
- ENCAMINHAMENTO Nº 129/19/AC/77; -
- ENCAMINHAMENTO Nº 130/19/AC/77; -
- INFORMAÇÃO Nº 0416/19/AC/78; -
- INFORMAÇÃO Nº 0448/19/AC/78; -
- INFORMAÇÃO Nº 0400/16/AC/78; -
- INFORME Nº 339/119/ASP/78 (A-1); -
- PROPOSTA DE APRECIÇÃO (AC) Nº 26/78; e -
- INFORMAÇÃO Nº 3500/119/ASP/78.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL



027

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL



ENCAMINHAMENTO Nº 217/19/AC/76

DATA : 3 NOV 1976

ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL

ORIGEM : PRG 26850/76

REFERÊNCIA : PB Nº 567/19/AC/76

DIFUSÃO : ABE - ABH - ACG - ACT - AFZ - AMA - APA - ARE
ASV - NAGO/SNI

ANEXO : Cópia xerox do INFORME Nº 204/CISA-RJ, de 20
Out 76.

Encaminha-se, para conhecimento dessa AR, o documento constante do anexo que se refere a associações negras existentes nos Estados do RIO DE JANEIRO e SÃO PAULO.

* * *

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 001/CISA

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

- C I S A -

028

Em 20 OUT 1976

109222

- 1 - ASSUNTO RACISMO NEGRO NO BRASIL
- 2 - ORIGEM CISA-RJ
- 3 - CLASSIFICAÇÃO B-1
- 4 - DIFUSÃO AC/SNI - CIE - CENIMAR - CI/DPF - DSI/MRE
- 5 - CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR CISA-BR (p/conhecimento)
- 6 - DIFUSÃO ANTERIOR + + + + +

S. N. I.
 AGÊNCIA CENTRAL
 026850 21.1076
PROTOCOLO

NUMERAÇÃO	
M Aer	PNI

INFORME Nº 0204 /CISA-RJ



- 1 - Estão-se proliferando, nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, Associações Culturais que têm o objetivo de propagar a cultura negra no Brasil.
- 2 - Algumas dessas Entidades têm sido apoiadas pelas Missões Diplomáticas do Senegal e Nigéria. O interesse dessas Missões é difundir a cultura, a história do colonialismo na África, história das etnias e o socialismo africano.
- 3 - O movimento negro é a continuação de um movimento que surgiu, no Rio de Janeiro, no final da década de 1960, denominado SIMBA, e que desapareceu há 4 anos atrás. Este movimento é adepto da violência. Entretanto, dentro das Associações, surgiram dissidências entre aqueles que defendem a não-violência como fórmula válida de propagar o movimento negro. Os adeptos da violência - chamados radicais - foram deixados de lado pelos dirigentes das novas Associações e, apesar de continuarem frequentando essas Entidades, não têm nelas voz ativa. Contudo, são respeitados quando emitem opiniões favoráveis à não-violência.
- 4 - As Associações Culturais desenvolvem, em primeiro plano, o trabalho de recrutar associados da raça negra. Desenvolvem frequentemente ciclos de palestras sobre o desenvolvimento da cultura negra no Brasil. Nesta fase, os conferencistas preocupam-se em não falar ostensivamente em política, mas condicionam os ouvintes a aceitar a existência de um disfarçado racismo branco no Brasil.

- Continua -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

(Continuação de o INFE Nº 0204/CISA-RJ, de 20 OUT 1976

029



- 5 - Durante as palestras, os orientadores das Associações procuram identificar os ouvintes mais sensíveis às idéias do movimento. Estes, posteriormente, são convidados a participar de grupos de Estudos. As reuniões de tais grupos efetuam-se sempre em caráter reservado.

Os dirigentes procuram colaboração dos associados que possuem habilidades ligadas à artes e a esportes, no sentido de ministrarem aulas especializadas a outros associados.

- 6 - Das palestras assistidas nesses Centros, foram colhidos os seguintes tópicos, que evidenciam a propaganda racista e socialista:

"Qualquer movimento cultural não pode ser desvinculado do político, pois, que muitas manifestações culturais, principalmente a negra, é esmagada por uma força política branca que é adversa a qualquer outro motivo cultural de outra raça."

"O problema do negro no Brasil é sócio-cultural, pois a sociedade dominante da época da escravidão até os dias de hoje é branca e não é do seu interesse que a cultura negra vigore."

"O cristianismo é uma alavanca daqueles que subjagam os assariados para que eles passem pela vida sem enxergar a realidade presente e aspirarem a uma vida melhor só após a morte."

"O racismo branco de uma sociedade cristã é marcado pela sua passagem histórica, onde o negro não é tido como irmão e um igual, mas, como um objeto de trabalho e exploração. A religião cristã é ensinada com o fito dos brancos poderem manter um domínio nas raças tidas como inferiores, tais como, o índio, negros, mestiços, etc."

"O movimento iniciado por CRISTO foi usado pela classe dominante e desvirtuado a ponto de ser usado como arma racial e política."

"Escravo é pessoa que, por intimidação, aceita um trabalho ou doutrina contrária à sua real aspiração de liberdade."

- Continua -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

(Continuação de o Infe nº 0204 CISA-RJ, de 20 OUT 1976



030

"Os negros devem-se conscientizar do que são, e se honrar dos seus antepassados que lutaram até morrer por uma liberdade, como foi o caso do Quilombo dos Palmares."

Até o momento, os moderados estão evitando falar claramente em política e problemas sociais e também tornar público o seu movimento.

- 7 - "Os radicais" defendem a "libertação do negro" das Sociedades Capitalistas. Inspiram-se nos "Panteras Negras" dos EEUU e cultuam IDI AMIN DADA. Realizam reuniões em caráter bastante restrito para poder debater com mais franqueza, a realidade atual do negro no mundo.
- 8 - Os "radicais" desenvolvem o trabalho de recrutamento entre os frequentadores dos Clubes de Soul. Até o presente momento, não foi possível configurar se os Conjuntos Musicais de Soul estão envolvidos.
- 9 - Os "radicais" são denominados "ALMAS NEGRAS" e possuem as seguintes características que os identificam:
 - a - a saudação entre homens e mulheres é feita com um beijo na boca;
 - b - o cumprimento entre homens é idêntico ao usado pelos Panteras Negras - vários toques de mão;
 - c - em algumas reuniões, alguns negros fizeram saudação à moda comunista - braço levantado e mão fechada;
 - d - usam alguns termos especiais e chamam o branco de "mucala";
 - e - vestem-se com roupas extravagantes, à moda africana.
- 10- Os "radicais" têm o Socialismo como base ideológica. Dizem que a forma imperialista não dará alcance para a evolução da raça negra no mundo.
- 11- Os propagadores do movimento identificam o negro, não pela cor da pele e sim pelos cabelos encarapinhados. Entre eles há distinção entre etnias e consideram os de raça mais pura, aqueles que o cabelo faz trancinha.

- Continua-

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTERIO DA AERONAUTICA

(Continuação de o INFE Nº 0204 /CISA-RJ, de 20 OUT 1976

031



- 12- As ligações da Embaixada do Senegal com as Associações são feitas pelo diplomata EDMOND ROQUES KING - Av. Rui Barbosa, Aptº 170 - Flamengo - Rio de Janeiro.
- 13- No Estado de São Paulo, além da Capital, existem Associações negras em Sorocaba, Campinas e São Carlos. Nessas cidades, os grupos radicais estão melhor estruturados:
- a - em Campinas, existe o Grupo Evolução ligado ao teatro. Participam deste grupo:
- ANTONIO CARLOS DOS SANTOS SILVA; e
 - CARLOS WALLACE SIQUEIRA;
- b - em São Paulo (Capital), funcionam as seguintes Associações:
- ✓ Centro de Estudos Afro-Brasileiro - rua Rifaiana 511 - Sumarezinho. Elemento de ligação:
 - MARLENE SIMÕES DE PAULA;
 - ✓ Centro de Cultura Afro-Brasileira - rua Cap José Leite 39 Vila Matilde. Elemento de ligação:
 - ANNA FLORENCIA DE JESUS;
 - ✓ Grupo Cultural Zumbi - Av. 9 de Julho 273 - Cascatinha - São Vicente. Elemento de ligação:
 - RUTH de tal;
 - Reunião Cultural do Negro - rua Santo Amaro 690. Elemento de ligação:
 - VANDA LOPES DOS SANTOS;
 - Clube JECUE PLÚ (radical). Compõe-se de cerca de 200 associados. É dirigido por:
 - IVETE de tal, dentista. É casada com um negro formado em Administração de Empresas;
 - HELOISA RACHEL DE CAMARGO - reside na rua Oratório 522, bl. 2, aptº 103;
 - ALCIREMA DE ALMEIDA - jornalista. Trabalha no Jornal NOTICIAS POPULARES. É colaboradora; e
 - ANA de tal - reside na Vila Matilde. Faz freqüentes reuniões de negros na sua casa. É apoiada pelo Dep. ESME-

- Continua -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTERIO DA AERONAUTICA

(Continuação de o Infe nº 0204 CISA-RJ, de 20 OUT 1976

032



RALDO TARQUINIO e escritor Dr. EDUARDO DE OLIVEIRA, membro da União Brasileira de Escritores;

c - o ponto de entrada para contato com os radicais de São Paulo é com MARLENE de tal - fone 229-4194-SP;

d - em São Paulo, é editado o jornal ÁRVORE DOS PALMARES. É distribuído gratuitamente às Associações de negros.

14- No Estado do Rio de Janeiro, foram identificadas as seguintes Associações:

a - INSTITUTO DE PESQUISA DA CULTURA NEGRA--IPCN - Av. Graça Aranha 416 9º andar. Esta Associação é a que coordena todo trabalho de desenvolvimento da cultura negra no Estado. É presidido por ORLANDO SILVA DANTAS.

Realiza cursos nos seguintes locais:

- SESC de Copacabana - sob a orientação de JOSÉ HENRIQUE de tal;

- INSTITUTO CULTURAL BRASIL-ALEMANHA (Federal).

Foram levantados os seguintes ativistas da Associação:

IVO GONÇALVES;

CARLOS ALBERTO JESUS;

CARLOS ALBERTO de tal - É o ligação com o Estado de São Paulo;

ALBA REGINA - esposa de CARLOS ALBERTO de tal;

GAL;

GERSON;

PLINTO;

JOSÉ;

UBIRAJARA;

ROBERTO CASALS - ligação com Campinas/SP;

ALMIR;

OLIMPIO de tal - orador;

ESTELA - ligação com outros países, principalmente da África;

BEATRIZ DO NASCIMENTO; e

ABDIAS DO NASCIMENTO;

- Continua -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 063/CISA

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

(Continuação de o INFE Nº

0204

/CISA-RJ, de 20 OUT 1976

033



b - CULTURA NEGRA DO BRASIL:

Os cursos desta Associação são orientados por LELIA DE ALMEIDA GONZALES e ministrados na Escola de Artes Visuais - Parque Lage, Jardim Botânico;

c - GRUPO APACHE - localizado em Santo Cristo próximo à Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Não se tem maiores detalhes sobre ele;

d - GRUPO OLORUM BABA MIM - É um conjunto musical especializado em músicas africanas;

e - em CAXIAS, na Praça do Relógio e no local denominado "CALÇADÃO" é ponto de encontro dos radicais. Este grupo é dirigido por NORMAM de tal;

f - na Adega Pérola, em Copacabana, às sextas-feiras são realizadas reuniões dos radicais;

g - CENTRO DE ESTUDOS BRASIL-ÁFRICA-CEBA - localizado na rua Alberto Torres 400 - São Gonçalo, Niterói; e

h - foi levantado que ORLANDO FERNANDES é um dos principais orientadores do movimento negro no Rio de Janeiro. Ele trabalha nas Editoras VOZES e ZAHAR - rua Senador Dantas 118, S/404.

15- BEATRIZ DO NASCIMENTO do IPCN, fará, este mês, uma palestra abordando o problema da marginalização das favelas do Rio e a sua comparação ao Quilombos.

16- Os dirigentes do IPCN estão-se articulando para enviar uma delegação para a Reunião Internacional de Negros que deverá ser realizada em Caracas/VENEZUELA, em 1977.

17- O IPCN deverá realizar um "trabalho de massa" nas favelas dos Morros de Marquieira e São Carlos. O trabalho será realizado através da formação de grupos de capoeira.

18- No dia 10 de outubro 1976, no Clube Fluminense de Natação e Regatas - rua Visconde do Rio Branco s/n, houve um show do Grupo Evolução de Campinas, composto de 10 pessoas vestidas à moda africana.

- Continua -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

(Continuação de o INFE Nº

0204

CISA-RJ, de

20 OUT 1976

034



O show foi liberado pela CENSURA FEDERAL, e os componentes do grupo mudaram todo "Script" na hora da apresentação. de músicas de protesto contando a história do negro desde a sua chegada ao Brasil como escravo, o sofrimento, a libertação, a atual fase de escravidão econômica e social e a necessidade da sua libertação do imperialismo.

Estavam presentes representantes do IPCN, do CEBA, do Conjunto ITARARÉ (radical) e mais 1200 assistentes.

- 19 - Este Centro prossegue no levantamento da área do Rio de Janeiro e gostaria de receber colaboração dos OI para aprofundamento do assunto. //
 //

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL
 PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTA
 DOCUMENTO, (Art. 52 - Dec. n.º 69.417/67,
 Regulamento para Salvaguarda de Assuntos
 Sigilosos).

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 001/CISA

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

- C I S A -

035
10 DEZ 1976
Em

1 - ASSUNTO RACISMO NEGRO NO BRASIL
2 - ORIGEM CISA-RJ
3 - CLASSIFICAÇÃO B-1
4 - DIFUSÃO AC/SNI-CIE-CENIMAR-CI/DPF-DSI/MRE-CISA/BR (p/co-
5 - CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR + + + + + encaminha-
6 - ANEXO Citado no texto.
7 - REFERÊNCIA Informe 204/CISA-RJ, de 20 Out

AGÊNCIA CENTRAL
031307 16.12.76
PROTOCOLO 109622

NUMERAÇÃO	
M Aer	PNI
	INFORME Nº 0244 /CISA-RJ



- 1 - Foram identificados as seguintes pessoas, que possuem anteceden-
tes subversivos, infiltrados no movimento negro:
- a - RICARDO DE CARVALHO DUARTE - integrado no Movimento Estuda-
ntil, como simpatizante da VAR-PALMARES. Está ligado ao Ins-
tituto de Pesquisa da Cultura Negra - IPCN.
 - b - CARLOS ALBERTO VIEIRA - citado no Encaminhamento 380/CISA,
de 29 Nov 73, estudou no Chile no Governo ALLENDE, vivia ma-
ritalmente com VERA LUCIA THIMOTEO, militante da VAR-PALMA-
RES. Participa ativamente dos grupos negros do Rio de Janei-
ro e São Paulo. Atualmente trabalha como fotógrafo (autôno-
mo) e reside na rua do Catete.
 - c - OLIMPIO MARQUES DOS SANTOS - filho de Leocádio Manoel dos
Santos e Cyrila Marques dos Santos, natural da Bahia, nasci-
do em 1918. Ex-funcionário do Ministério da Aeronáutica. É
militante do PCB e membro da Associação Brasileira de Impren-
sa e do IPCN. Trabalha no setor gráfico do SENAI. Afirma
que todos os seus filhos foram conscientizados na doutrina
marxista.
 - d - CARLOS ALBERTO MEDEIROS - filho de Norival Peçanha Medeiros
e de Flora Lima Medeiros, natural do Rio de Janeiro, nasci-
do em 04/08/47. Foi Cadete da Aeronáutica e desligado da
Academia da Força Aérea, em 18/09/68, por falta de conceito pa-
ra o oficialato, por estar juntamente com os ex-Cadetes AR-
TUR VIEIRA DOS SANTOS e EDMUNDO VIEIRA JUNIOR, introduzindo
literatura marxista no Corpo de Cadetes.

CONFIDENCIAL

- CONTINUA -

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTERIO DA AERONAUTICA

(Continuação do) INFORME Nº 0244 /CISA-RJ, de

10 DEZ 1978

038



Está ligado ao IPCN. Estaria trabalhando na Tribuna da Imprensa.

- 2 - No período de 15 a 27 de novembro de 1976 as associações que tratam do problema do negro, deram ênfase a comemoração do aniversário de ZUMBI (20 Nov) e foram feitas inúmeras palestras sobre o Quilombo dos Palmares.
- a - No dia 20 Nov, a Professora MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO fez, no IPCN, uma palestra, abordando a falta de liberdade do negro e a sua dependência à sociedade branca. Disse que a luta do negro deve ser desencadeada de maneira discreta, para não chamar atenção. Para tal, os negros precisam enfrentar a luta atual e futura com as mesmas características de ZUMBI que eram: FORÇA, TENACIDADE, INTELIGÊNCIA, LIBERDADE e amor ao seu povo. Finalizou a exposição enaltecendo os países socialistas africanos e europeus.
- Nessa reunião, compareceram representantes dos Grupos Negros de São Paulo, entre eles, IAPABL de tal que é um dos elementos de ligação dos grupos radicais. Atende no telefone 2116955-SP.
- Verificou-se também que algumas palestras do IPCN são assistidas por africanos. Na referida reunião, foram identificados OLUM BUNMI TOGUM e MANOEL de tal.
- No final da palestra, o médico OTELYNO DE SOUZA tomou a palavra e falou sobre constantes discriminações raciais que tem sofrido.
- b - No dia 24 Nov na sede do IPCN, o Grupo OLORUM BABA MIM encenou a peça sobre a morte de ZUMBI. O show foi assistido também por representantes do CERA, do SIMBA e do Grupo EVOLUÇÃO de São Paulo.
- c - Em 26 Nov no Auditório da ABI, houve uma representação do Grupo VOZES DE BRONZE, dirigido por SEBASTIÃO RODRIGUES DE OLIVEIRA. Esteve presente ao evento, OLIMPIO MARQUES DOS SANTOS, acompanhado de EMETERIO MESSIAS DOS SANTOS (Jornalista), JORGE FRANCISCO DA COSTA (Professor) e 3 outros não identificados.

CONFIDENCIAL

- CONTINUA -

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTÉRIO DA AERONÁUTICA

(Continuação do INFORME Nº

0244

/CISA-RJ, de

10 DEZ 1977

037



OLIMPIO deu a entender que os seus acompanhantes são todos comunistas. Posteriormente, EMETERIO disse pertencer ao PCB e que o seu Partido está em franca atividade no Brasil. É ligado ao Grupo 22 de Itararé. JORGE disse ser marxista-leninista convicto. Frequenta todos os movimentos negros do Rio de Janeiro. Numa conversa informal com o grupo, OLIMPIO afirmou que estavam presentes naquela representação, elementos de Órgãos de Informações, tendo apontado dois como integrantes do SNI. Disse que está elaborando um artigo para o jornal "O GLOBO", sobre a realidade negra. Usará o pseudônimo de SANTO OLIMPO.

d - No dia 27 Nov, no IPCN, foi realizada uma conferência pelo Professor de História, ROY ARTHUR GLASCOW. Ele é americano e chegou ao Brasil procedente da África. Falou sobre Problemas Raciais nas Antilhas.

Disse que, em certos aspectos, o problema do negro antilhano é análogo ao do negro brasileiro. Ambos viveram sob a colonização européia e perderam o seu vínculo com a cultura africana. Em vista disso, procuraram adquirir os hábitos dos brancos, afastando-se acentuadamente dos costumes negros. Talvez essa seja a maior dificuldade em fazer os negros voltarem as suas origens culturais.

Afirmou que o único dirigente latino-americano que abordou o preconceito racial, foi FIDEL CASTRO e, por isso, é olhado por alguns dirigentes negros americanos, como o mais negro dos chefes de Estado das Antilhas.

Criticou o sistema político de FIDEL CASTRO e dos países comunistas. Disse que, tanto em Cuba como na Rússia, existe racismo, sendo que na Rússia além do negro, existe preconceito contra outras raças.

No dia da conferência, na sede do IPCN, foram afixados cartazes alusivos às Guerrilhas de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

- CONTINUA -

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

Ficha 008/CISA

MINISTÉRIO DA AERONAUTICA

0244

10 DEZ 1975

(Continuação do INFORME Nº

/CISA-RJ,

038



Durante sua estada no Rio de Janeiro, o Professor GLASCOM foi hóspede de CARLOS ALBERTO MEDEIROS.

Após a reunião, alguns dirigentes do IPCN e do Grupo ABO-LIÇÃO informaram que iriam viajar para Campinas/SP, a fim de se encontrarem com dirigentes do Grupo EVOLUÇÃO.

- e - ROBERTO CASALS foi identificado como membro do Grupo 22 de Itararé. Defende o maoísmo e diz que o comunismo russo está em decadência, por estar nas mãos de uma elite militarista. Tem afirmado que o IPCN tem se preocupado apenas, em difundir aos seus Associados, assuntos de natureza sócio-cultural. A seu ver, isto tem dificultado a abordagem de assuntos de cunho marxista-leninista. Entretanto, isso não tem importância porque o trabalho principal de conscientização, está sendo realizado nas favelas pelo seu Grupo.
- f - No dia 20 Nov, foi realizada pelo CEBA no Instituto de Educação CLEIA NANCY - São Gonçalo, uma reunião para comemorar os 281 anos da morte de ZUMBI.
 - MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA fez uma exposição sobre a vida heróica de ZUMBI e GANGA ZUMBA. Encerrou sua palestra, afirmando que a liberdade do negro no Brasil tem que vir mesmo com sangue.
 - SONIA de tal falou sobre o QUILOMBO DOS PALMARES (Anexo 1).
 - EDMUND GEORGES KING da Embaixada do Senegal deu uma aula sobre o Problema Geral do Negro na África. Criticou os 51 países independentes africanos, porque a liberdade deles foi dada pelos brancos. Disse que o problema principal do negro no mundo é a falta de cultura. Sem ela não há liberdade. Criticou o negro brasileiro pelo seu baixo nível de cultura e falta de força de vontade. Deu como exemplo, aquela reunião onde só havia 70 participantes e que dias atrás, presenciou um ensaio de uma Escola de Samba onde haviam 7.000 espectadores, sendo 2.000 dentro e 5.000 fora da Escola.

- CONTINUA -

CONFIDENCIAL



039

Fez severas críticas ao governo comunista de Angola onde foram suprimidas todas as liberdades. Que a solução para o mundo é o socialismo, mas não se pode fazer socialismo sem cultura e, para isso, os negros do mundo não estão preparados.

- DULCE VASCONCELOS esposa de JAIR VASCONCELOS candidato a Vereador por Niterói nas eleições de 15 Nov 76, foi eleita presidente do CEBA.

g - No dia 28 Nov, o CEBA realizou uma reunião no Clube Fluminense - Rua Xavier de Brito 22 - Niterói para apresentação dos Conjuntos Musicais TRUTA SOUL e SUPER FLAG. Estavam presentes cerca de 300 pessoas (95% de negros).

DULCE VASCONCELOS abriu a festa enaltecendo a figura de ZUMBI e conclamando os negros a lutarem pela liberdade.

No intervalo entre a apresentação dos dois conjuntos, MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA declamou um poema de autoria de EDMUND GEORGES KING em homenagem à cantora GIÓVANA (Anexo 2). Em seguida, SONIA de tal leu o panfleto intitulado ZUMBI NOS SO HEROI (Anexo 3).

Os dirigentes do CEBA pretendem expulsar da Associação, MIGUEL de tal por suspeita de ser comunista.

3 - Os dirigentes negros do Rio de Janeiro são unânimes em dizer que o movimento negro, em São Paulo, está muito mais adiantado que o do Rio de Janeiro e que o Grupo EVOLUÇÃO de Campinas, está na Vanguarda.

4 - Este Centro solicita dos OI qualquer dado que possa ampliar o Informe. //////////////////////////////////////

////////////////////////////////////

O DESTINATÁRIO É RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO DO SIGILO DESTES DOCUMENTO, (Art. 62 - Dec. n.º 60.417/67, Regulamento para Salvaguarda de Arquivos Sigilados)

CONFIDENCIAL



040

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 0008 /19/AC/77



DATA : 04 DEZ 76
ASSUNTO : RACISMO NEGRO NO BRASIL
ORIGEM : PRG 30309/76
DIFUSÃO ANT. : CH/SNI (1200/19/AC) 76.)
DIFUSÃO : SG/CSN - CIE - CISA - CENIMAR
ANEXOS : Os constantes do item 8.

Constam anexos na Infção 1200/19/AC/76

1. Observou-se que, no segundo semestre do corrente ano, alguns órgãos de imprensa, do RIO DE JANEIRO e de SÃO PAULO, passaram a publicar, com ênfase, matérias abordando o racismo no BRASIL.

Como mais importantes, destacam-se as seguintes reportagens:

a. "O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL. BLACK RIO" (ANEXO A), reportagem de autoria de LENA FRIAS, publicada no "Caderno B" do "JORNAL DO BRASIL", edição de 17 Jul 76, que aborda o surgimento de uma "nova cultura" - importada dos ESTADOS UNIDOS - entre os negros da Zona Norte do RIO DE JANEIRO/RJ; a cultura "SGUL". A matéria afirma que a música negra americana passou a funcionar como elemento de aglutinação dos "BLACKS" - elementos de cor dos subúrbios cariocas e das cidades do Grande RIO - incentivando-os a assumirem um posicionamento ativo no que se refere aos problemas ra

CONFIDENCIAL

ciais. Procura criar um clima de confrontação entre negros e brancos e exaltar as qualidades dos "BLACKS"; despreza o samba, considerando-o um valor negro absorvido pelos brancos e estimula atitudes antagônicas ao publicar citações como a que se segue, extraída do filme "WATTSTAX": "É a hora do despertar da consciência negra... Temos alma... Temos Soul ... Podemos estar num cortiço, mas o cortiço não está em nós ... Podemos estar na cadeia, mas a cadeia não está em nós... Posso estar desempregado, mas sou alguém. Sou negro. Lindo. Orgulhoso. Tenho que ser protegido. Que horas são? Hora de uma Nação. A Bíblia é livro de preto, o crioulo é cupincha de Deus".

b. "O SOUL, DO GRITO NEGRO À CADERNETA DE POU PANÇA" (ANEXO B), reportagem publicada no "Caderno B" do "JORNAL DO BRASIL", edição de 03 Ago 76, comenta um baile de música "SOUL" no bairro carioca de BOTAFOGO, usando termos como: "Povo Black do RIO", "Os Blacks", "Massa Black" que sugere a aglutinação dos negros do RIO DE JANEIRO em torno de ideais comuns. Dentro desta linha, o artigo faz referência a um editorial de autoria de uma das equipes de música "SOUL", a "DYNAMIC SOUL" que, pela primeira vez, revela uma estrutura econômica e uma intenção social do movimento. Os adeptos do "SOUL" procuram mudar o estereótipo do negro para o de um indivíduo pacato, bem comportado e livre de influências negativas.

c. "O NEGRO VISTO POR ELE MESMO" (ANEXO C), entrevista com MARIA BEATRIZ NASCIMENTO, formada em História e Ciências Sociais, publicada na revista "MANCHETE", edição de 21 Ago 76, na qual a entrevistada expõe a sua tese de que o negro precisa conscientizar-se de sua própria força. Afirma que "... não foi apenas a necessidade de fugir que permitiu o estabelecimento da sociedade quilombola. Foi, isso sim, a capacidade de criar uma sociedade alternativa, com valores pró-

prios, diferentes dos valores dominantes na sociedade em que os negros foram integrados à força". Diz ainda que: "(...) é ao organizar sua própria sociedade que o negro se afirma e se torna autônomo". Tais afirmações, ainda que se referindo aos quilombos, tornam-se extremamente atuais na medida que a historiadora relaciona os antigos quilombos com as favelas. Finalmente estimula, abertamente, a luta racial quando faz estas colocações: "... é preciso mostrar ao negro a verdade histórica, dando-lhe oportunidade de tomar conhecimento de sua própria força. Ele precisa saber que pode dominar, pode organizar uma sociedade, fazê-la vitoriosa. Se ele vai usar essa força para dominar os outros ou simplesmente para libertar-se, afirmar-se, é problema dele. O importante, inicialmente, é recuperar a consciência de sua força, sentir-se potente". "(...) o negro não se mostra, mas, para falar em termos grossos, permanece no seu lugar, isto é, ocupa os espaços sociais que lhe permitem ocupar, mantendo, indiretamente, a discriminação".

d. "OS BLACKS NO EMBALO DO SOUL" (ANEXO D), reportagem publicada na revista "MANCHETE", edição de 11 Set 76, que, à semelhança das duas outras publicadas no "JORNAL DO BRASIL", salienta a influência do negro americano sobre o comportamento que vem sendo adotado pelos "BLACKS" brasileiros. Divulga, também, as opiniões de um estudante de Sociologia, não identificado na reportagem, que acusa PELÉ de nunca ter se importado com a ascensão do negro. Considerando que fica mais fácil para o negro brasileiro identificar-se com os americanos, acrescenta: "Aberta a porta, então podemos tentar desviá-lo para as nossas coisas, a nossa história. Descobrir qual o seu papel na história do BRASIL".

e. "O RACISMO À BRASILEIRA" (ANEXO E), reportagem publicada no jornal "ÚLTIMA HORA", de SÃO PAULO/SP, edição de 20/21 Nov 76, em que são apresentados, de forma sen

cionalista, os depoimentos de algumas personalidades de destaque das mais diversas camadas da população. Os depoimentos e a própria opinião do jornal concluem pela existência de racismo negro no BRASIL.

f. "ZUMBI" (ANEXO F), reportagem publicada no "Caderno B" do "JORNAL DO BRASIL", edição de 23 Nov 76, que volta a enfocar tema racista. A matéria, de autoria da historiadora MARIA BEATRIZ DO NASCIMENTO, aborda a rebelião dos Palmares e a importância do negro na consolidação da unidade territorial brasileira. A matéria exalta as qualidades étnicas do negro, refletidas no líder do quilombo dos Palmares, ZUMBI.

g. "BLACK RIO" (ANEXO G), reportagem publicada na revista "VEJA", edição de 24 Nov 76, que volta a enfocar o fenômeno do "BLACK RIO" de maneira idêntica às abordagens anteriores. Saliencia a existência de discriminação em relação ao negro; procura despertar neles a necessidade de um posicionamento firme em relação ao racismo além de exortá-los a assumirem sua negritude e uma cultura negra que enalteça as qualidades de sua raça.

h. "LEILA ALEXANDRA", reportagem publicada em "FATOS E FOTOS - Gente", em 26 Dez 76, ressaltando os dotes físicos e as aspirações profissionais da manequim negra LEILA ALEXANDRA. A matéria insere declarações, atribuída à citada manequim, afirmando que, no BRASIL, existe discriminação e segregação racial (ANEXO H):

" Embora não se pareça com a forma grosseira que existe nos ESTADOS UNIDOS, o racismo também está presente aqui no BRASIL. Só que é disfarçado. Muita porta de restaurante, bar e boate é testemunha disso. Isso sem falar em clubes ou reuniões grã-finas, onde, mesmo que as pessoas nos aceitem, somos olhados como seres inferiores, pouco mais do que

animais. No começo de minha carreira fui contratada pelo cos tureiro HUGO ROCHA, que queria uma negra para desfilhar no RIO. Fui barrada, entretanto, por uma coreógrafa racista. Aliás, os negros normalmente só podem ser cantores, bailarinos, pugilistas, atletas; as negras, empregadas domésticas ou prostitutas. Acontece que os negros não estão conscientizados do seu valor e vivem na maior acomodação, sem liderança, submissos, com me do de competir com os brancos. Enfim, nossa raça não é unida ..."

2. O escritor esquerdista ABDIAS DO NASCIMENTO, vivendo atualmente nos ESTADOS UNIDOS, em sua colaboração no livro "MEMÓRIAS DO EXÍLIO", editado em PORTUGAL, com a finalidade de difamar o BRASIL no exterior, defende a tese de que em nosso País existe perseguição racial e que o negro precisa impor-se como raça. Destacam-se, de seu relato, os seguintes trechos:

" Aqui estou eu, falando a intelectuais brancos, filhos das classes que oprimem as pessoas da minha cor há qua trocentos anos".

" Não sou um opositor simplesmente do governo militar instalado em 1964, pois todos os governos que o BRASIL já teve foram contra o negro".

" Somente em 1938 eu e outros cinco jovens ne gros realizamos o I Congresso Afro-Campineiro e, em 1950, o Teatro Experimental do Negro promoveu o I Congresso do Negro Brasileiro, no RIO DE J. NEIRO. As pessoas e as idéias já vi nham de antes, mas foi no início dos anos trinta que o movimento se institucionalizou na forma da Frente Negra Brasileira".

" A Frente fazia protestos contra a discriminação racial e de cor em lugares públicos... sob a perspectiva

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0008/19/AC/77.....Fls. 06)

045

integrar os negros na sociedade nacional. Dessa forma combateria a FNB os hotéis, bares, barbeiros, clubes, guarda-civil, departamentos de polícia, etc, que vetaram a entrada ao negro, o que lembrava muito o movimento pelos direitos civis dos negros norte-americanos".

" Jornal QUILOMBO. Por volta de 1949/50 publicamos um periódico chamado QUILOMBO (vida, problemas e aspirações do negro), o qual teve a existência de dez números ou edições. (...) Basicamente o objetivo de QUILOMBO, conforme sugere seu próprio título, consistia em reatar a antiga luta de libertação do negro, inaugurada em terras brasileiras pelos heróis de Palmares, por CHICO-REI, LUÍS GAMA, JOSÉ DO PATROCÍNIO, KARUCANGO, LUÍSA MAHIN, os mártires da revolta dos alfaiates, e muitos outros".

" ... O negro tem que fazer a coisa dele, sem esperar, sem nem olhar para a cara do branco. Depois pode dar uma colher de chá para os brancos, mas antes tem de se afirmar como negro. Senão, acaba sendo manipulado. É o caso por exemplo do Partido Comunista (que aliás, não está sozinho nisso). Acha que afirmar a tradição africana e manter um estilo de vida africano não faz sentido; mas está sempre lá, dando opinião, procurando influir e desvirtuar o movimento para a sua linha ideológica. Se acham que questão negra é besteira, por que então se imiscuem em nosso assunto, por que tentam nos manipular? Vai manipular branco, porra!"

" Tive muita alegria em rever o RIO e os amigos, quando estive lá em 1975 e 76. Foi um banho de juventude rever aquele pessoal quente do BRASIL. Tive encontros verdadeiros com jovens negros, os quais me deram a certeza de que a luta continua".

" Seria loucura pensar em levar os negros brasileiros de volta para a ÁFRICA. Mais do que romantismo, utopia,

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0008/19/AC/77.....Fls. 07)

046

seria suicídio; o mesmo raciocínio é válido para um movimento que pretende criar no BRASIL um Estado autônomo. Não dá pé tampouco voltar à sociedade tribal, no tipo de vida agrícola comunal dos nossos antepassados. Isso exigiria uma revolução mundial que transformasse todos os valores. Estamos aqui, no meio da sociedade industrial, e é dentro dela que temos de encontrar as soluções. O problema, antes de ser a busca de uma volta à ÁFRICA, é o de como formar o BRASIL Negro, institucionalmente falando, já que de fato ele sempre existiu".

" Mais concretamente é preciso retomar o trabalho de organização em torno de afirmações culturais, reivindicações sociais, enfim o caminho da libertação e da dignificação do afro-brasileiro".

" Já é tempo de pensarmos na convocação do II Congresso do Negro Brasileiro, provavelmente para maio de 1978 quando transcorrerá o 90º aniversário da falsa abolição da escravatura".

Sobre ABDIAS DO NASCIMENTO esta AC/SNI dispõe, até a presente data, em resumo, dos seguintes registros:

- Racista brasileiro, negro, fundador e diretor do antigo Teatro Experimental do Negro; foi promotor de concursos como "Boneca de Pixe" e "Rainha das Mulatas".

- Foi tesoureiro do ex-IAPC e um dos colaboradores do ex-Deputado ROLAND CORBISIER e ligado ao jornalista GERALDO MELO MOURÃO.

- Depois de 1964, foi para os EUA, para um curso de férias e ali se fixou, conseguindo um lugar de professor na Universidade do Estado de NOVA IORQUE, dedicando-se também à pintura. Desde então, passou a ter relacionamento com os movimentos de libertação da ÁFRICA, mormente com os de origem das antigas colônias de PORTUGAL, visitando, periodicamente, MOÇAMBIQUE, ANGOLA, GUINÉ, além de vários países africanos.

CONFIDENCIAL

- Em 24 Mai 71, foi denunciado pelo Representante do Ministério Público Militar em exercício nas Auditorias da 2ª da Aeronáutica, da 1ª Circunscrição Judiciária Militar, por estar incurso nos Arts. 2º, III - 10º e 11º, b., com agravantes dos Par. 1º e 12º, todos com o agravante do Art. 34, da Lei nº 1802/53.

3. Registra-se, também, no RIO GRANDE DO SUL, em SÃO PAULO e no RIO DE JANEIRO, a existência de associações organizadas com o propósito de promover uma conscientização das pessoas de cor no sentido de manter intactas suas origens culturais e étnicas:

a. No RIO GRANDE DO SUL

- GRUPO PALMARES

Criado em PORTO ALEGRE/RS em 1971, o "Grupo Palmares" constitui uma associação de elementos de cor negra, cuja finalidade declarada é: "levantar o patrimônio histórico do negro para que ele conheça a verdadeira história do seu povo no BRASIL e, sacudindo seus complexos, passe a participar de outra maneira na sociedade, consciente do seu valor - o que é diferente de uma integração à custa de sua alienação cultural".

Em Mai 73, o "Grupo Palmares" sugeriu, publicamente, através da imprensa (ANEXO I), a mudança do dia nacional da raça negra, de 13 Mai, dia da Abolição da Escravatura, para 20 Nov, dia da morte de ZUMBI, líder do Quilombo dos Palmares. Alegavam que o negro não possuía motivos para se ufanar com a Abolição. Em 23 Nov 74, o jornal "ZERO HORA", de PORTO ALEGRE/RS, publicou reportagem (ANEXO J), enfocando o problema racial sob uma ótica revanchista, causando reflexos negativos no seio da comunidade gaúcha. A reportagem, apesar de não estar assinada, faz referência ao "Grupo Palmares" e à sua proposição sobre a mudança da data nacional da raça ne

gra. Um dos líderes do "Grupo Palmares" é DÉCIO BERGAMASCHI FREITAS, filho de PÉRCIO DE OLIVEIRA FREITAS e de CAROLINA BERGAMASCHI FREITAS, nascido a 06 Set 22, no RIO GRANDE DO SUL, Advogado, casado. Conforme publicou o "DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO", de 07 Out 64, o nominado, ex-Procurador da "Fundação Brasil Central", foi atingido pelo AI-1/64, sendo enquadrado no Art. 7º daquele documento legal. É elemento comunista, tendo estado asilado no URUGUAI; após seu retorno ao País inscreveu-se na "Ordem dos Advogados do Brasil - OAB", Secção do RIO GRANDE DO SUL, sob o número 1584-A. É autor dos livros "PALMARES GUERRA DOS ESCRAVOS" e "INSURREIÇÕES ESCRAVAS", todos abordando as insurreições negras no BRASIL sob o aspecto das injustiças sociais de que era vítima o negro, escravo ou libertado e da necessidade de ele assumir uma posição agressiva diante de tais fatos. Seu último livro "INSURREIÇÕES ESCRAVAS" (ANEXO L), que aborda as revoltas urbanas dos negros, em SALVADOR/BA, entre 1805 a 1835, procura desfazer a imagem de docilidade da raça negra. Essa obra foi comentada na seção de livros do semanário comunista "MOVIMENTO", em sua edição de 13 Dez 76, sob o título "SALVADOR, A CIDADE NEGRA" (ANEXO M), por ANTÔNIO MENDES JR. que a considera como "de leitura obrigatória por quantos se interessam pela nossa história real".

b. Em SÃO PAULO

- CENTRO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIRO, Rua Rifaiana nº 511 - SUMAREZINHO - SÃO PAULO/SP.

- CENTRO DE CULTURA AFRO-BRASILEIRA, Rua Capitão José Leite nº 39, VILA MATILDE - SÃO PAULO/SP.

- GRUPO CULTURAL ZUMBI, Avenida 9 de Julho nº 273 - CASCATINHA - SÃO PAULO/SP.

- CLUBE JEGUE PLU (radical), possui cerca de 200 associados. Sua sede fica em SÃO PAULO/SP, não tendo sido localizado o endereço exato.

- GRUPO EVOLUÇÃO, sediado em CAMPINAS/SP,

049

é ligado ao teatro e liderado por ANTÔNIO CARLOS DOS SANTOS SILVA e CARLOS WALLACE SIQUEIRA. O grupo compõe-se de 18 elementos, mais ou menos, que fazem, durante suas apresentações, distribuição de panfletos contendo as reivindicações dos negros quanto aos seus direitos e enfatizando a existência de preconceito racial no BRASIL.

Em 1975, fizeram várias encenações da peça "SINFONIA NEGRA", censurada pelo DPF, ocasião em que deturpavam o texto original incluindo frases e cenas de protesto com ataques aos poderes constituídos e a sociedade branca que, segundo eles, atirou os negros à extinção pela fome e pela doença, pelo desemprego e pela miséria mais completa. Perguntavam aos presentes "onde estão os negros?" E eles mesmos respondiam: "estão por aí encurralados nos empregos humildes, ou no desemprego, prisioneiros do analfabetismo, da miséria, da doença, do crime. Do crime de ser negro".

Em 10 Out 76, apresentaram um "show" no "Clube Fluminense de Natação e Regatas", Rua Visconde do Rio Branco s/nº. Durante a apresentação, os componentes do "Grupo Evolução" alteraram o texto que havia sido liberado pela Censura Federal, e apresentaram um espetáculo composto de músicas de protesto e do relato da história do negro no BRASIL. Abordaram seus sofrimentos como escravos e sua libertação, o que consideram a atual fase de escravidão econômica e social e a necessidade de sua libertação do imperialismo.

- GRUPO TEATRAL REBU

No dia 19 Out 75, às 17,00 horas, no Município de CAPIVARÍ/SP, na sede da "Associação Esportiva Juven-tos", houve uma reunião de pessoas negras daquela região, sendo apresentadas na ocasião uma peça teatral pelo "GRUPO TEATRAL REBU", de SÃO CARLOS/SP e filmes referentes à época da escravatura no BRASIL. Após as apresentações houve palestras proferidas por APARECIDO SALVADOR e RONALDO DE ALMEIDA LIMA,

ambos residentes em CAPIVARÍ/SP.

No dia 22 Nov 75, no salão do "Rotary Club" de CAPIVARÍ/SP, situado nos arrabaldes da cidade, foi apresentada uma peça teatral denominada "Rebelião na Senzala", encenada pelo referido grupo, a qual foi assistida somente por negros. Dias antes da encenação da peça, foram distribuídos, nas residências das famílias negras daquela cidade, um tablôide intitulado "REUNIÃO".

- CLUBE 220

Situado à Rua Líbero Badaró, nº 504, SÃO PAULO/SP. O clube costuma promover passeatas todos os anos, no dia 13 Mai.

Seu presidente é FREDERICO PENTEADO.

- ARISTOCRATA CLUBE

Situado na Estrada do Bororó, em SANTO AMARO/SP.

Em 13 Mai 76, na Faculdade de Direito da USP, realizou-se uma sessão de debates e a seguir foi apresentada a peça "ARENA CANTA ZUMBI". Durante os eventos, foram distribuídos panfletos. O tema do debate foi: "O NEGRO NA ARTE BRASILEIRA". A mesa foi composta por IRACEMA DE ALMEIDA, médica da PUC; ESMERALDO SOARES TARQUINO CAMPOS, bacharel em Direito e Jornalista; JOSÉ HIGINO JR, professor de Ciências Sociais da USP e por EUNICE DE JESUS, bacharel em Direito, funcionária da USP, que organizou o debate.

Entre as várias perguntas feitas pelos estudantes, destacam-se as seguintes:

P - "Quais as dificuldades de um jovem jornalista negro ou branco no início da carreira?"

R - "As dificuldades são as mesmas, muito embora o negro tenha mais, devido ao preconceito que há".

P - "Como os negros são recebidos nas For-

ças Armadas?"

R - "Muito bem, quando se trata de soldados, cabos e sargentos; daí para frente surgem os problemas; que atualmente há poucos negros no oficialato; sabe-se a respeito de um Tenente Coronel e um General, sendo que este foi transferido para a divisa do AMAZONAS".

P - "Por que o Prefeito de SANTOS (que era negro) não tomou posse?"

R - Os componentes da mesa pediram desculpas por se omitirem. Sendo respondido, entretanto, por ESMERALDO TARQUINO, "que talvez fosse por ele ser negro".

ESMERALDO SOARES TARQUINO DE CAMPOS FILHO, foi cassado em 1969, antes de tomar posse no cargo de Prefeito de SANTOS/SP, eleito pelo MDB.

Em SÃO PAULO/SP, é editado clandestinamente o panfleto "ÁRVORE DAS PALAVRAS" (ANEXO N) de conteúdo racista e radical, que é distribuído, de maneira restrita, às associações de negros.

c. NO RIO DE JANEIRO

- INSTITUTO DE PESQUISA DA CULTURA NEGRA - IPNC, Avenida Graça Aranha nº 416, 9º andar - RIO DE JANEIRO. Esta sociedade é a que coordena todo o trabalho de deseenvolvimento da cultura negra no Estado e realiza cursos no SESC de COPACABANA e no "Instituto Cultural BRASIL-ALEMANHA - ICBA".

- CULTURA NEGRA DO BRASIL, que ministra cursos na Escola de Artes Visuais - Parque Lage - Jardim Botânico - RIO DE JANEIRO/RJ.

- GRUPO APACHE, localizado em Santo Cristo - RIO DE JANEIRO/RJ.

- CENTRO DE ESTUDOS BRASIL-ÁFRICA - CEBA, Rua Alberto Torres nº 400 - SÃO GONÇALO - NITERÓI/RJ.

4. Acredita-se que os recentes movimentos de aglutinação dos negros tenham se originado do "Grupo Simba" que surgiu no RIO DE JANEIRO/RJ, em 1960 e que desapareceu há quatro anos. Este movimento era adepto da violência, mas houve uma dissidência no movimento e as associações atuais estão, em sua maioria, sob o controle dos adeptos da não violência, apesar de serem freqüentados por elementos radicais, adeptos da violência. As palestras promovidas por estas associações deixam, quase sempre, transparecer suas tendências racistas, como fica evidenciado nos seguintes trechos de palestras proferidas em algumas dessas associações:

" Qualquer movimento cultural não pode ser desvinculado do político, pois que, muitas manifestações culturais, principalmente a negra, é esmagada por uma força política branca que é adversa a qualquer outro motivo cultural de outra raça".

" O problema do negro no BRASIL é sócio-cultu-ral, pois a sociedade dominante da época da escravidão até os dias de hoje é branca e não é do seu interesse que a cultura negra vigore".

" O cristianismo é uma alavanca daqueles que subjagam os assalariados para que eles passem pela vida sem enxergar a realidade presente e aspirarem a uma vida melhor só após a morte".

" O racismo branco de uma sociedade cristã é marcado pela sua passagem histórica, onde o negro não é tido como irmão e um igual, mas, como um objeto de trabalho e exploração. A religião cristã é ensinada com o fito dos brancos poderem manter um domínio nas raças tidas como inferiores, tais como, o índio, negros, mestiços, etc".

" O movimento iniciado por CRISTO foi usado pe

la classe dominante e desvirtuado a ponto de ser usado como arma racial e política".

" Escravo é pessoa que, por intimidação, aceita um trabalho ou doutrina contrária à sua real aspiração de liberdade".

" Os negros devem-se conscientizar do que são, e se honrar dos seus antepassados que lutaram até morrer por uma liberdade, como foi o caso do Quilombo dos Palmares".

5. Está em preparação o seguinte material sobre preconceito racial no BRASIL:

a. Filme de longa metragem sobre a situação dos negros no BRASIL e as grandes rebeliões negras ocorridas no País de 1700 a 1800. A encarregada da pesquisa, LEILANE FERNANDES, em Nov 76, solicitou a NELSON WERNECK SODRÉ a indicação de um especialista na matéria, sendo intenção de NELSON W. SODRÉ indicar CLÓVIS MOURA, residente em SÃO PAULO/SP, por considerá-lo a maior autoridade no assunto, especialmente em rebeliões negras.

b. O repórter da BBC de LONDRES, SIMON BRINGS, contactou, em Set 76, com JEAN ROCHA (repórter da revista "VEJA" e correspondente da BBC no BRASIL) e obteve o seu apoio para uma reportagem sobre discriminação racial no BRASIL. O mencionado repórter estava interessado, particularmente, nas possibilidades de acesso dos negros a posições de destaque nas Forças Armadas, grandes empresas e no clero.

6. Informes, classificados como B-1, em fase de processamento, dão conta da infiltração de elementos com antecedentes subversivos no movimento negro.

7. Os fatos acima expostos configuram uma campanha, embora ainda limitada, visando a despertar e/ou incentivar antagonismos raciais, procurando incutir no espírito do

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0008/19/AC/77.....054 Fls. 15)

negro a existência de uma estratificação social que o estaria colocando em situação de inferioridade ou marginalidade na sociedade brasileira.

A intensificação dessa campanha poderá resultar em perturbação da ordem política e social do País, bem como na manipulação da população de cor com fins ideológicos.

8. ANEXOS

A) Cópia xerox da reportagem "O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL", "JORNAL DO BRASIL", de 17 Jul 76.

B) Cópia xerox da reportagem "O SOUL, DO GRITO NEGRO À CADERNETA DE POUPANÇA", "JORNAL DO BRASIL", de 03 Ago 76.

C) Cópia xerox da reportagem "O NEGRO VISTO POR ELE MESMO", revista "MANCHETE", de 21 Ago 76.

D) Cópia xerox da reportagem "OS BLACKS NO EMBALO DO SOUL", revista "MANCHETE", de 11 Set 76.

E) Cópia xerox da reportagem "O RACISMO À BRASILEIRA", jornal "ÚLTIMA HORA", de SÃO PAULO/SP, 20/21 Nov 76.

F) Cópia xerox da reportagem "ZUMBI", "JORNAL DO BRASIL", de 23 Nov 76.

G) Cópia xerox da reportagem "BLACK RIO", revista "VEJA", de 24 Nov 76.

H) Cópia xerox da reportagem "LEILA ALEXANDRA", revista "FATOS E FOTOS", de 26 Dez 76.

I) Cópia xerox da reportagem "NEGRO NO SUL NÃO QUER MAIS ABOLIÇÃO COMO DATA DA RAÇA", "JORNAL DO BRASIL" de 13 Mai 73.

J) Cópia xerox da reportagem "SER NEGRO", jornal "ZERO HORA", de 23 Nov 74.

CONFIDENCIAL

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 0008 /19/AC/77.....Fls. 16)

055

L) Um exemplar do livro "INSURREIÇÕES ESCRAVAS".

M) Cópia xerox da reportagem "SALVADOR, A CIDA DE NEGRA" semnário "MOVIMENTO", de 13 Dez 76.

N) Dois exemplares do panfleto "ÁRVORES DAS PA LAVRAS".

* * *

CONFIDENCIAL

ATENÇÃO:

O original deste documento (com 24 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro □ Sábado, 17 de julho de 1976



Selo na contracapa do livro
Black Power, Only Skin, lançado pela
Tapestar Gráficas, com o selo
limited edition

O ORGULHO (IMPORTADO) DE SER NEGRO NO BRASIL

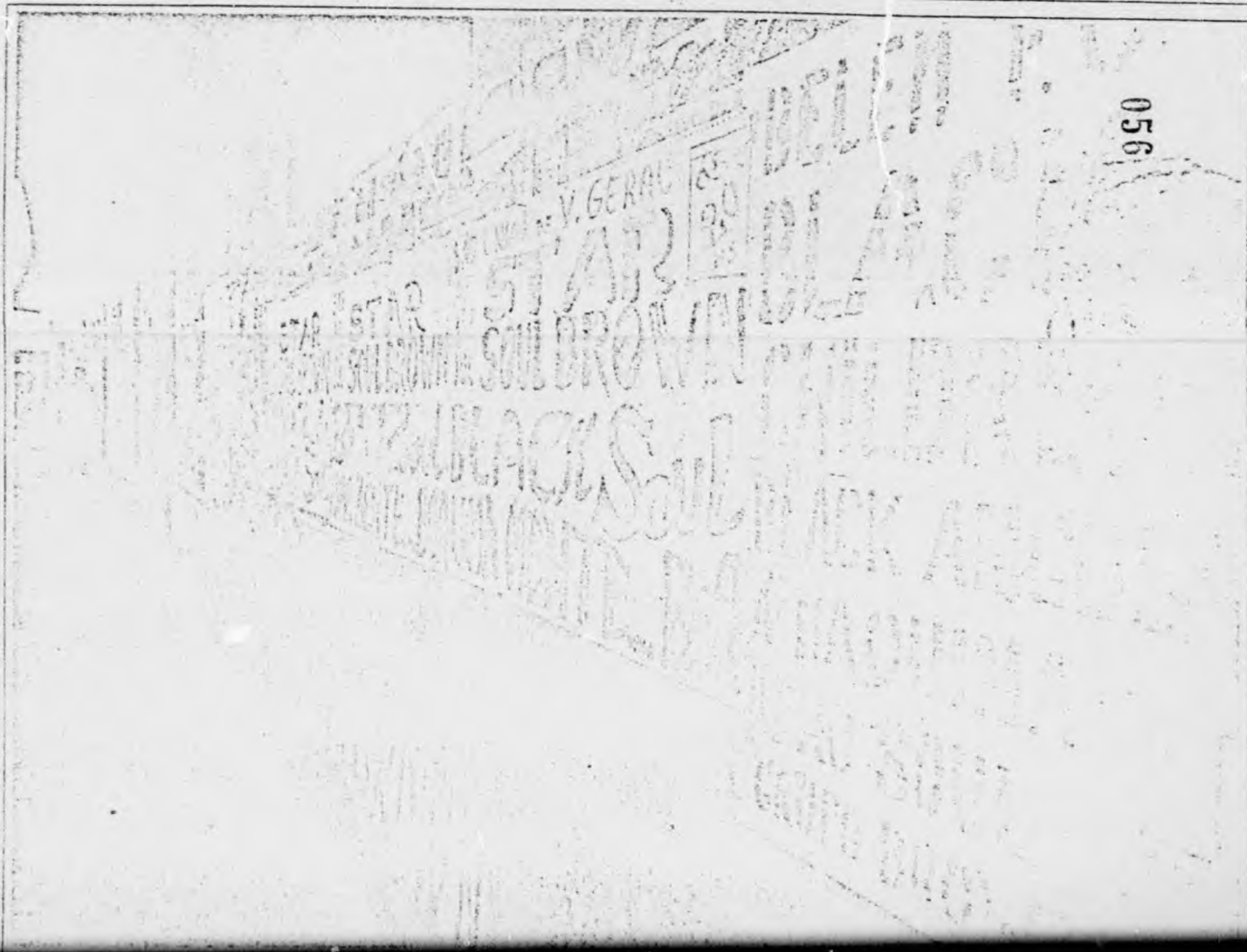
CADERNO

B

BLACK RIO

Lena Frias □ Fotos de Almir Veiga

Uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio. Uma cidade que cresce e assume características muito específicas. Cidade que o Rio, de modo geral, desconhece ou ignora. Ou porque o Rio só sabe reconhecer os uniformes e os clichês, as gírias e os modismos da Zona Sul; ou porque prefere ignorar o, minimizar essa cidade absolutamente singular e destacada, classificando-a no arquivo descompromissado do mesmo; ou porque considera mais prudente ignorá-la na sua inquietante realidade. A essa população que não tem samba e feijão entre as suas manifestações cotidianas e folclóricas. Embora possa até gostar de samba e de feijão como qualquer estrangeiro gosta. Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para modelos nada brasileiros. População que forma uma cidade móvel, cujo centro se desloca permanentemente — ora está em Copacabana, onde fica o clube Colégio, considerado um dos primeiros templos do soul, ora em Itajá, ora em Marechal Hermes ou em Rocha Miranda, ora em Niterói ou na Pavuna. Cujos pontos de encontro e de decisão são as calçadas do Grande Rio, em Madureira ou no Calçadão, em Guadalupe; em Vilar dos Teles ou na Rua Sítio de Setúbal, no Centro do Rio. Uma cidade cujos habitantes se intitulam a si mesmos de blacks ou de browns; cujo hino é uma canção de James Brown ou uma música dos Blackbirds; cuja língua é Wattitit, a centroparlina negra do Woodstock; cuja linguagem incorporou palavras como brother e white; cuja bandeira traz estampada a figura de James Brown ou de Ruff Thomas, de Mirva Whitney ou Lin Collins; cujo lema é I am somebody; cujo modelo é o negro americano, cujos gestos e movimentos, embora laços e corças se criem originalidade. Uma população que não bebe nem usa drogas, que evita cuidadosamente conflitos e que se reúne nos finais de semana em bailes por todo o Grande Rio. É o soul power, fenômeno sociológico



BLACK RIO

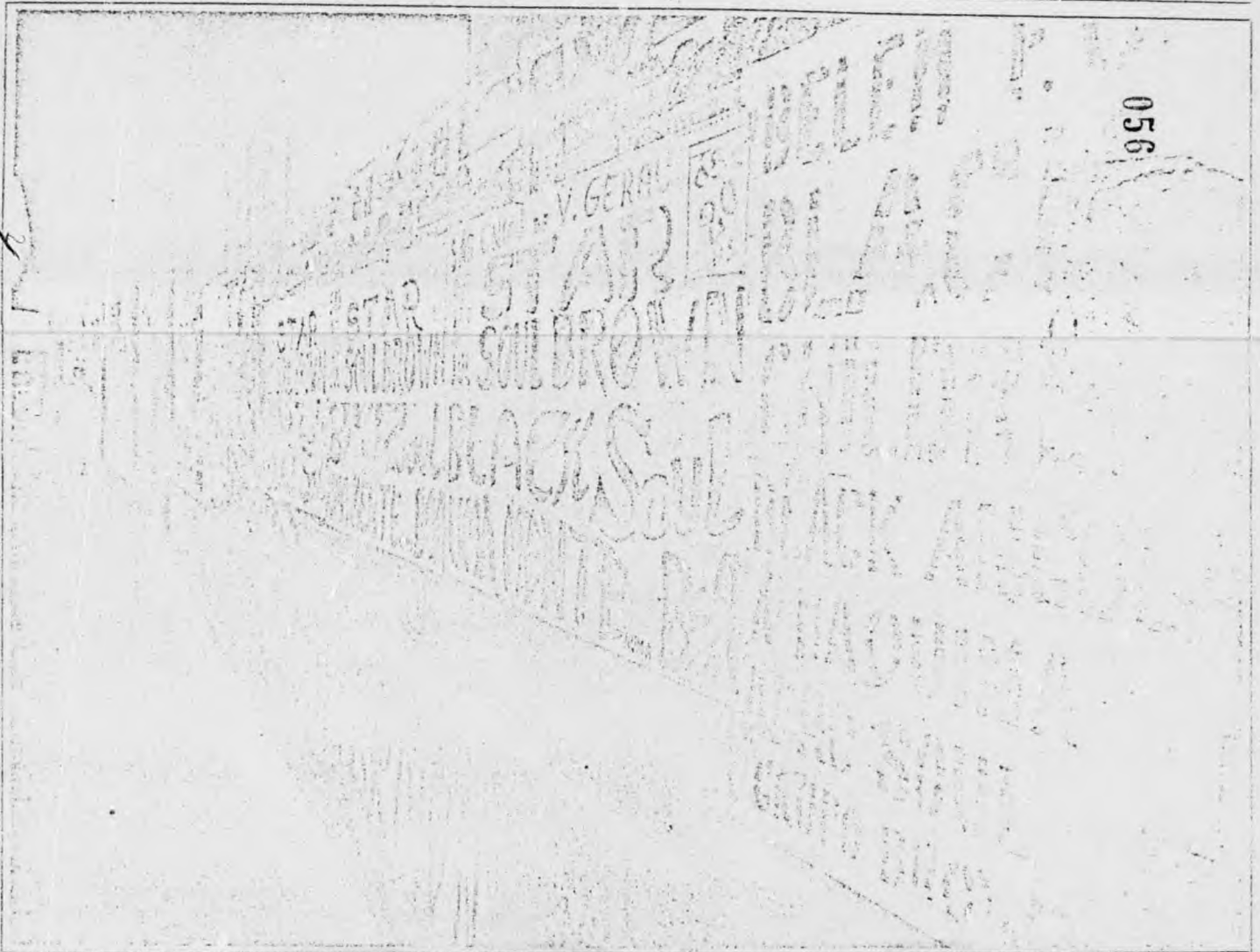
Lena Frias □ Fotos de Almir Veiga

Uma cidade de cultura própria desenvolve-se dentro do Rio. Uma cidade que cresce e assume características muito específicas. Cidade que o Rio, de modo geral, desconhece ou ignora. Ou porque o Rio só sabe reconhecer os uniformes e os clichês, as gírias e os modismos da Zona Sul; ou porque prefere ignorar ou minimizar essa cidade absolutamente singular e destacada, classificando-a no arquivo descompromissado do modismo; ou porque considera mais prudente ignorá-la na sua inquietante realidade.

A essa população que não tem samba e feijoadas entre as suas manifestações condâneas e folclóricas. Embora possa até gostar de samba e de feijoadas como qualquer estrangeiro gosta. Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para modelos nada brasileiros. População que forma uma cidade móvel, cujo centro se desloca permanentemente — ora está em Colégio, onde fica o clube Colégio, considerado um dos primeiros templos do soul, ora em Inajá, ora em Marechal Hermes ou em Rocha Miranda, ora em Nilópolis ou na Pavuna. Cujos pontos de encontro e de decisão são as calçadas do Grande Rio, em Madureira ou no Calçadão, em Candae, em Vilar dos Telos ou na Rua Sete de Setembro, no Centro do Rio. Uma cidade cujos habitantes se intitulam a si mesmos de blacks ou de browns; cujo hino é uma canção de James Brown ou uma música dos Blackbirds; cuja bíblia é Wattstat, a contrapartida negra de Woodstock; cuja linguagem incorpora palavras como brother e white; cuja bandeira traz estampada a figura de James Brown ou de Ruff Thomas, de Marva Whitney ou Lin Collins; cujo lema é I am somebody; cujo modelo é o negro americano, cujos gostos copiam, embora sobre a cópia já se criem originalidades. Uma população que não bebe nem usa drogas, que evita cuidadosamente conflitos e que se reúne nos finais de semana em bailes por todo o Grande Rio.

É o soul power, fenômeno sociológico dos mais intrigantes já registrados no país. Um fenômeno que ninguém, até agora, sabe explicar exatamente como começou. Sabe-se apenas que reúne muitos pretos e raros brancos (estes, se frequentam habitualmente os bailes, são sempre pessoas de classe social modesta). "A gente bota uns coqueiros, um chapélio, um paletó diferente, lascarado atrás, um termo branco e uma gravatinha borboleta, um casaco até o pé. Fica chamando atenção. É como a gente gosta. Calça tem que ser de boa estofada, na cintura, nada de calceinha de coqueta. Domingo, o ônibus que eu pego na Presidente Vargas pra ir ao baile no Grajã só tem black. A gente já se conhece." Hélio de Oliveira, de 22 anos, é contínuo e mora em Jacarepaguá. "O pessoal lá de casa gosta do samba, mas eu, sinceramente, não me amarro não." Ele é uma figura típica do soul, como também o é José Alberto Carneiro, de 19 anos, mecânico, morador em Coelho da Rocha e frequentador do soul music do clube Apolo (capacidade para 1 mil 500 pessoas, próximo a sua casa, José Alberto tem as suas máquinas: "Poxa, eles implicam com tudo que a gente faz. Até com o nome da equipe Black Power, a que eu mais gosto, eles implicam. Se fosse white power eles sabiam tudo certo."

O soul é uma espécie de sensibilizador



Um ar de Harlem nos muros de Brás de Pina (Zona Norte do Rio), cobertos de stogans (em inglês) e de avisos das alegres equipes do soul power

ou de catalizador do fenômeno. Soul hoje, no Grande Rio, é um sinônimo de negro, como rock é sinônimo de branco. Por que você dança soul? "Eu não sei explicar. É meu. É black. Vem do sangue e do coração" — esta a resposta mais comum recolhida entre os dançarinos, em sua maioria, jovens entre 14 e 20 e poucos anos. Não estou vendo brancos por aqui, qual é a razão disso? "Não sei, você vai a baile de roqueiro e não vê preto".

"O soul black está um movimento fantástico, entusiasma-se o discotecário Ademir Lemos, branco, produtor do primeiro elepê do Grupo Soul Grand Prix (que entra com o nome e ganha um cruzetiro com elepê editado. As faixas são selecionadas de elepês americanos). "Um movimento fantástico, a ponto de reunir 10, 15 mil pessoas num baile, como eu estou cansado de ver. Um negócio desses, só a base de discos, é uma loucura. De chegar a render Cr\$ 200 mil de bilheteria por baile como eu estou cansado de ver. Uma renda que um jogo, se não tiver Vasco ou Flamengo, não atinge".

Quando se toca a canção soul power, de James Brown, quase um hino, a expressão soul power é repetida

ritmicamente pelo público de ginásios lotados num sussurro, num murmúrio, num ruído surdo e homogêneo. Isso apesar de James Brown estar um pouco desgastado pela repetição excessiva de suas canções nas festas, ao longo de três anos (desde 1973).

Os bailes já alcançaram as quadras das escolas de samba. Na Portela realizou-se um encontro de blacks, ano passado. No Império Serrano os bailes já estão praticamente incorporados ao calendário. Começam também a abrir-se caminhos para o show business. Monsieur Lima, discotecário e empresário de bailes tem um programa de televisão que, a cada sábado, puxa mais para o soul, inclusive apresentando grupos de dançarinos. E Nito já pensa no assunto em termos de espetáculo: "Nós temos idéia de construir uma casa noturna de espetáculos de soul. Tem concertos de rock por aí, tem o Teresa Raquel com rock. Soul ainda não houve. Mas nos estamos caminhando para lá. E estão mesmo: dia 20 de agosto chega ao Rio o conjunto negro Archie Bell & The Drells, ligado a The Sound of Philadelphia, grupo negro americano, cujo representante, Elton Douglas III esteve no Brasil, onde deixou, como intermediários, a empresa

paulista Four Seasons. A finalidade da Four Seasons é empresariar a vinda ao Brasil de artistas negros norte-americanos ligados a The Sound of Philadelphia. Archie Bell ganhará 10 mil dólares, livres de despesas, por apresentação, segundo informações da CBS, sua gravadora. Vão fazer 17 apresentações, junto com a Soul Grand Prix. Que, com a vinda de Archie Bell inaugura uma nova forma de apresentação: soul music em disco, alternando com apresentações ao vivo. Proximamente, a Soul Grand Prix pretende lançar soul com artistas brasileiros, dentro desse mesmo esquema. Mas a festa de particular importância para o soul power é a do dia 21 de julho, no Mourisco, em Botafogo, quando pela primeira vez em sua ainda curta história, os blacks vão à Zona Sul. "Não temos fracasso, porquê, onde vamos, a massa black vai conosco", afirma Sérgio Bernardino, que se identifica como seguidor da equipe Black Power. A Black Power e a Soul Grand Prix comandarão a festa, quando se esperam lançamentos especialmente notáveis em roupas, sapatos, chapéus e cortes de cabelos. A festa funcionará como uma espécie de aquecimento

para a primeira apresentação de Archie Bell & the Drells, que ainda não se sabe exatamente onde se dará, mas que deve ser no Mourisco. Em quase todas as festas soul há sorteios, prêmios: sapatos, camisetas, boinas, pequenas quantias em dinheiro entre os melhores dançarinos. Desta vez, a premiação será inusitada: o black mais parecido com Isaac Hayes, um dos papas-atuais do soul ganhará de presente uma caderneta de poupança. Ainda para aquecer, o 2º Grand Rio, hoje, no Olaria Atlético Clube, onde estará reunida a gang do soul, segundo os dizeres dos volantes distribuídos em bailes: Dynamic, Big Boy, Boot Power, Toni Tornado, Monsieur Lima, Soul Grand Prix e Ademir Disco Show. É o lançamento de mais um elepê: desta vez é a Equipe Dynamic Soul que entra no mercado.

A reportagem
sobre os negros
adeptos do soul está
nas páginas 4, 5 e 6

BLACK RIO

TRES AMIGOS, TRES DISCOS DE "SOUL"; ESTÁ FORMADO UM NÚCLEO DO "BLACK POWER"



O soul power já tem um esboço de filosofia ("e a d a um faz o que quer, minha irmã, chegou a vez do preto"), seus anseios ("a gente não pode ficar só nessa, tem que crescer, tem que ser importante também"), suas paixões ("é tanta coisa que eu não sei nem dizer"), suas restrições ("cobaia e cabelo parafina não é com a gente"), seus ressentimentos ("por que é que preto não pode fazer festa que balna logo os cabelos?").

No meio dessa massa black movimentam-se empresários, discotecários, comerciantes de discos (discos vendidos nos balcões das lojas ou no cambalão negro, um compacto importado e raro chegando a custar de Cr\$ 2 mil a Cr\$ 3 mil, os menos raros a Cr\$ 500, no mínimo), comerciantes de sapatos (os piores de dois, três, quatro andares, feitos à mão, modelos especiais, custam de Cr\$ 250 a Cr\$ 600 nas lojas do Sousa e do Pinheiro, no centro da cidade e em Madureira; só a filial do Pinheiro na Galeria São Luis, em Madureira, está vendendo, por semana, cerca de 500 pares de sapatos especiais para os blacks). Movimentam-se agora os produtores de discos (da Phonogram, da Top Tape, que só em maio lançou sua LPs de soul, da Tapeçaria, da CBS). Discos cujas tiragens ficam entre 10 e 20 mil cópias, vendem fácil na Zona Norte. Proprietariamente, tiram-se poucas cópias, o que garante a raridade do disco e a possibilidade de relançamento posterior a preço bem mais alto. Ou a vendagem no cambalão negro, a preço que dependerá da qualidade da seleção musical. Mas movimentam-se principalmente a célula de toda a vida social dos blacks: as cariocas; as equipes de soul music.

No começo era apenas a de Big Boy. Agora, elas vão a quase 500, cada uma com seu público certo. Algumas, como a Soul Grand Prix, cujo LP, lançado há pouco mais de um mês, já está entre os primeiros lugares nas paradas de sucesso, a Black Power, a Petrus, a Dynamic arrastam de 5 mil a 15 mil pessoas a uma festa comum, a uma simples dominicana ou a um baile de sábado. A equipe nada mais é do que a reunião de duas, três ou mais pessoas (quase sempre rapazes), que armam uma aparelhagem de som, compõem uma discoteca (só de soul no caso dos bailes black, onde não se aceita outro tipo de música), armam um esquema de iluminação tipo boate, com spots verdes, vermelhos, amarelos, roxos, azuis acendendo e apagando, variando as composições e os efeitos segundo a criatividade de cada equipe. Nas equipes menores, todo esse aparato cênico é confeccionado no fundo de quintais do suburbio, à base de madeira compensada e papel de balão.

ROBERTO, ESTAFETA, ESTÁ CHORANDO: "I AM SOMEBODY"

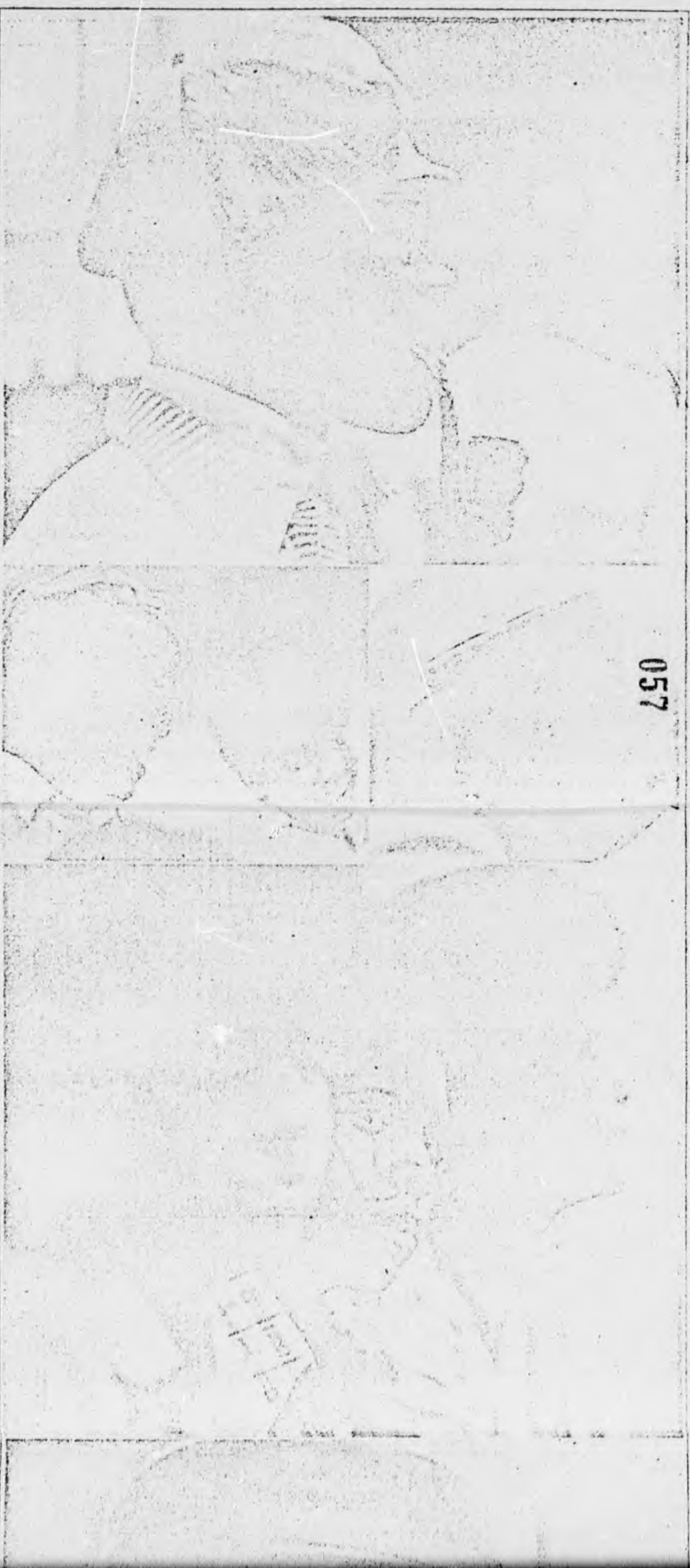
Comeram a movimentar-se também agora os homens do show business estimulados pela fidelidade ao soul desse público black carioca. Elton Douglas III, da The Sound of Philadelphia, esteve no Brasil onde deixou como representante daquela companhia a empresa paulista Four Seasons, que trata, das temporadas brasileiras de artistas negros norte-americanos. Archie Bell, o primeiro da lista, ganhará 10 mil dólares (Cr\$ 110 mil), livres de despesas, em cada uma das suas 17 apresentações. Quantia que será paga pelos adreps do soul, os habitantes da cidade negra no Rio, uma cidade quase secreta, na medida em que é ignorada, mas cujos

cabelos em permanente protesto, suas roupas em permanente (e sofisticada) desarrumação. Os eternos cineastas inéditos, os artistas incompreendidos, os gênios injustiçados. E' então que a paisagem rotineira começa a mudar. Aparecem os primeiros negros (e como negro, na linguagem black, compreende-se também o mulato, o mestiço de todas as etnias, exceto a amarela.) Calçam pisanças brancas, ou, o que é mais comum, coloridos — rosa, rosa e roxo, amarelo ovo, verde-limão, azul e creme, lilás, todas as combinações imagináveis. Vestem suas melhores roupas. Aquela é o primeiro teste de ambientação na Zona Sul, uma preparação para o grande baile do Mourisco no dia 31 de julho.

As roupas, de um modo geral, são de tecido barato, pois as despesas com os sapatos não deixam muita margem a luxos complementares por parte da população black carioca, constituída, em sua grande maioria, de bagageiros, contínuos, entregadores, balconistas, ambulantes, biscateiros, auxiliares de escritório, empregadas domésticas. Exóticos, isto sim: velhos paletós bordados com frases-chave da soul music (os blacks sabem tudo sobre o soul, detalhes históricos, épocas de lançamentos de discos, de conjuntos e cantores norte-americanos; sabem tanto de soul quanto ignoram de cultura brasileira), camisas toscamente pintadas a mão, chapéus, óculos escuros em modelos americanos, coletes, bengala como complemento.

Chegam cabreiros, um pouco assustados, susto que se esconde atrás de uma certa erudição ruidosa. Chegam para, mais uma vez, assistirem ao filme Wattstax, a contrapartida negra do Festival de Woodstock. O filme revela cenas do dia-a-dia negro nos Estados Unidos: negros no trabalho, negros em casa, negros cantando na igreja, negros nos bairros, negros reunidos nas esquinas conversando, negros falando sobre os Panteras Negras, negros se cumprimentando segundo uma complicada coreografia, negros protestando, negros reclamando da vida, negros jogando dados, negros quebrando pedras, negros contando como a polícia os persegue. E' o espírito do Festival Wattstax, cujas cenas vão sendo também mostradas, em alternância com todos esses flashs.

O Festival foi em Los Angeles, em 1972, e não chegou a ser muito comentado aqui no Brasil. O filme, lançado mais ou menos na mesma época, não chegou também a atrair grande público. Mas, a partir do aparecimento da canção Soul Power, de James Brown, que estourou entre os negros do soul carioca a ponto de o título da música ter-se estendido no que passou, então, a esboçar-se em movimento, Wattstax ganhou uma nova dimensão. Passou a constituir-se num sensibilizador permanentemente atual e eficaz. As frases de Wattstax são decoradas, repetidas, bordadas nas roupas, cantadas, cantareladas, dançadas, assoviadas. E não é só Wattstax. Embora seja ele o filme principal, outros, com elenco inteiramente negro, são do conhecimento e gosto dos jovens. E' o caso de Claudine, com músicas de Gladys Night e Curtis Mayfield; de Melinda, sobre a vida no Harlem; de O Cheiro de Nova Iorque, com músicas de James Brown e outros vilões são brancos; de Slaughter, com Jim Brown e músicas de James Brown; de Black Samson, sobre o negro nos Estados Unidos. Há quem viva apenas de exibir esses filmes antes dos bailes soul. Quem os tem pode pedir qualquer preço, mercado aberto à especulação. O conhecido Messié Lima, (branco), que detém também fil-



IPCN apresenta, na Cinemateca do MAM, o sensacional filme do Festival de Soul Music, distribuição Columbia, Wattstax. Um filme de Mel Stuart completo, com 110 minutos de duração mostrando os maiores astros do soul music americano: Isaac Hayes — The American — Ernie Thomas — Richard Pryor — Albert King — Bar Kays — Carla Thomas — Jimmy Jones e muitos outros astros. Não percam. Ingressos Cr\$ 6,00.

Aberta a bilheteria, rapidamente os 200 lugares foram ocupados e, poucos minutos após, quase 320 pessoas compraram-se na sala da Cinemateca. Lá embaixo, no péio outras tantas ainda tentam entrar. Artes de indicar a seção, um membro do IPCN explica a razão da festa: "E' a melhor forma que nos encontramos de comemorar o primeiro aniversário do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Não tem bolo nem vela pra apagar, mas tem um convite para vocês: vamos dar continuidade ao nosso trabalho, a partir da semana que vem, com reuniões".

O público negro (haviam dois brancos presentes, os habitantes do museu ficavam lá embaixo), não presta muita atenção às palavras, mas passa a gritar e aplaudir logo que começa a projeção. Na tela, as imagens do Festival de Wattstax sendo armada, no estúdio de Los Angeles, gente empilhando o porquê de tudo aquilo. O público repete as palavras, as frases, ambora o sentido lhes possa não ser desconhecido. E quando o Reverendo Jesse Jackson aparece na tela conclamando os negros americanos a profissão de fé na própria raça, no cinema, a exemplo do que sempre acontece em todas as exhibições de Wattstax em todo o Grande Rio, repete com ele as palavras que fazem chorar um jovem negro de 16 anos, Roberto, estudante, que está a meu lado, espreitando no corredor da cinematheca: "Se eu fosse branco, eu não estaria aqui na tela, com o punho erguido, braço dobrado para dentro, a multidão no estúdio de Los Angeles repete gesto e palavras. Na primeira multidão reunida no MAM, como nas grandes multidões reunidas nos ginásios da Zona Norte e Baixada, alguns pontos também repetem o movimento, e todo mundo dança em coro, uns mais alto outros quase sussurrando: "I am somebody".

"O PESSOAL NÃO BEBE, NÃO QUEIMA FUMO. O NEGÓCIO É DANÇAR"

— Não existe movimento, a rigor não existe. Eles criaram o soul power e estão tentando levar a frente. Pode dar certo, como está dando certo até agora, e pode ser que, futuramente, seja um movimento deles, porque é a única maneira de eles darem o grito de alerta, de revolta deles. Agora, eu não acho que haja pressão em cinema porque o Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro, todo mundo é preto, todo mundo faz o que quer, como na maioria do Brasil. Mas é aquela negação, não sei, eles criaram o movimento, querem levar a frente e, se der certo, boa sorte pra eles. Você sabe de uma coisa? E' um negócio, a gente só entende quando penetra na realidade da coisa. No início, eu me sinto não acreditado. Um amigo meu, paulista, estava lá. Eu lá, lá tinha pessoas, de várias camadas, inclusive antropólogos, e essas pessoas ficaram admiradíssimas. Ninguém foi barrado, porque todo mundo entrou comigo, e eu conheço o pessoal. Acheiram... sei lá. De início, quando você entra, você se espanta. Mas depois, você começa a conversar com eles, e tomar a alma do

est. tem que ser importante também", suas paixões ("é tanta coisa que eu não sei nem dizer"), suas restrições ("coqueta e cabelo para-fina não é com a gente"), seus ressentimentos ("por que é que preto não pode fazer festa que balna logo os caras?").

No seio dessa massa black movimentam-se empresários, discotecários, comerciantes de discos (discos vendidos nos balcões das lojas ou no cambão negro, um compacto importado e raro chegando a custar de Cr\$ 2 mil a Cr\$ 3 mil, os menos raros a Cr\$ 100, no mínimo), comerciantes de sapatos (os picuotes de dois, três, quatro andares, feitos à mão, modelos especiais, custam de Cr\$ 250 a Cr\$ 600 nas lojas de Sousa e do Pinketto, no centro da cidade e em Madureira; só a filial do Pinketto na Galeria São Luis, em Madureira, está vendendo, por semana, cerca de 500 pares de sapatos especiais para os black). Movimentam-se agora os produtores de discos (da Phonogram, da Top Tape que só em maio lançou seis LPs de soul, da Tapeccar, da CBS). Discos cujas tiragens ficam entre 10 e 20 mil cópias, vendem fácil na Zona Norte. Proprietariamente, tiram-se poucas cópias, o que garante a raridade do disco e a possibilidade de relançamento posterior a preço bem mais alto. Ou a vendagem no cambão negro, a preço que dependerá da quantidade da seleção musical. Mas movimentam-se principalmente a célula de toda a vida social dos black: as cantinas, as equipes de soul music.

No começo era apenas a de Big Boy. Agora, elas vão a quase 300, cada uma com seu público certo. Algumas, como a Soul Grand Prix, cujo LP, lançado na pouco mais de um mês, já está entre os primeiros lugares nas paradas de sucesso, a Black Power, a Petrus, a Dynamic arrastam de 5 mil a 15 mil pessoas a uma festa etílica, a uma simples demingueira ou a um baile de sábado. A equipe nada mais é do que a reunião de duas, três ou mais pessoas (quase sempre rapazes), que armam uma aparelhagem de som, compõem uma discoteca (só de soul no caso dos bailes black, onde não se aceita outro tipo de música), arrumam um esquema de iluminação tipo boate, com spots verdes, vermelhos, amarelos, roxos, azuis acendendo e apagando, variando as composições e os efeitos segundo a criatividade de cada equipe. Nas equipes menores, todo esse aparato cêntico é confeccionado no fundo de quintais do subúrbio, à base de madeira compensada e papel de balão.

ROBERTO, ESTAFETA, ESTÁ CHORANDO: "I AM SOMEBODY"

Comeram a movimentar-se também agora os homens do show business estimulados pela fidelidade ao soul desse público black carioca. Elton Douglas III, da The Sound of Philadelphia, esteve no Brasil once deixou como representante daquela companhia a empresa paulista Four Season, que trata das temporadas brasileiras de artistas negros norte-americanos. Archie Bell, o primeiro da lista, ganhará 10 mil dólares (Cr\$ 110 mil), livres de despesas, em cada uma das suas 17 apresentações. Quanto que será pago pelos shows do soul, os habitantes da cidade negra no Rio, uma cidade quase secreta, na medida em que é ignorada, mas cujos habitantes se conhecem muito bem. Conhecem-se e se reconhecem através de sinais próprios, modos próprios de caminhar, maneiras de se vestir e de se apresentar.

"É a hora do despertar da consciência negra... Temos alma... Temos soul..."

Podemos estar num cortiço, mas o cortiço não está em nós... Podemos estar na cadeia, mas a cadeia não está em nós...

Posso estar desempregado, mas sou alguém. Sou negro. Lindo. Orgulhoso. Tenho que ser respeitado. Tenho que ser protegido. Que horas são? Hora de uma nação.

A Bíblia é livro de preto, o crioulo é cupincha de Deus".

(Do filme Wattstax)

Dia 9 de julho, sexta-feira, sete da noite. O Museu de Arte Moderna exibe a paisagem humana habitual. É a fauna ainda ligada à contracultura, com seus

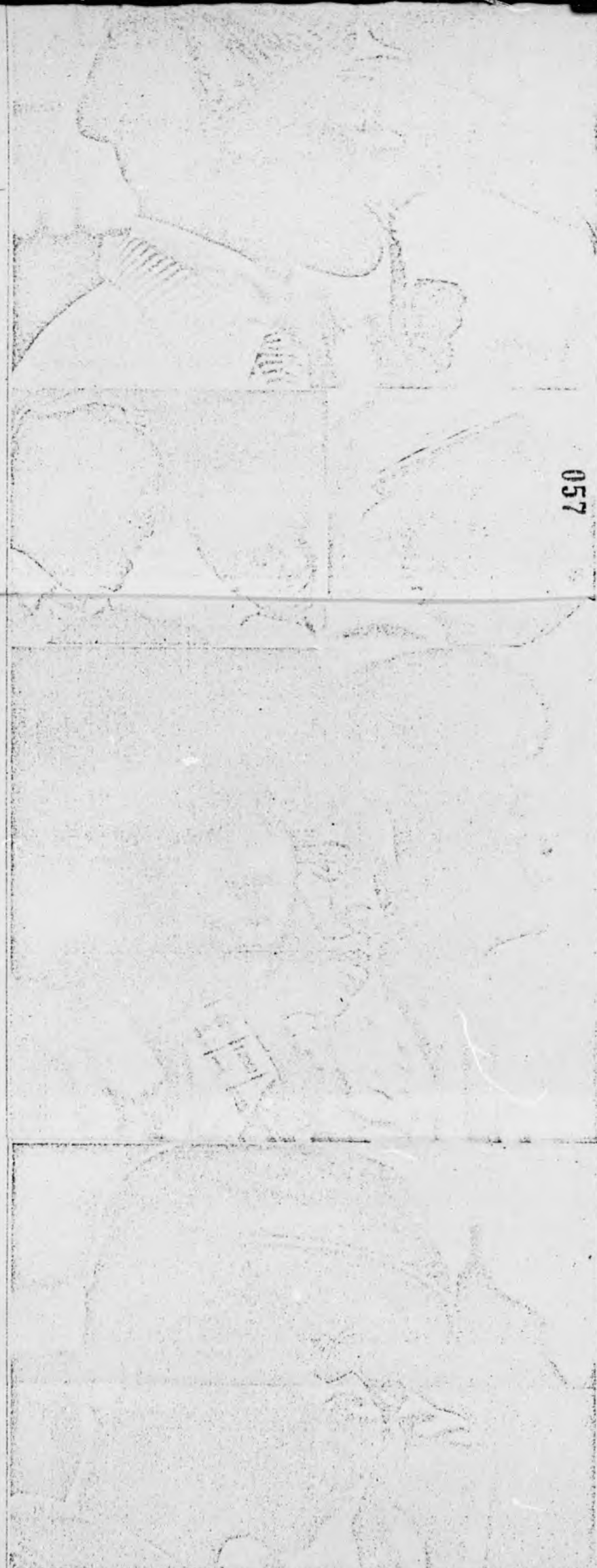
como negro, na linguagem black, compreende-se também o mulato, o mestiço de todas as etnias, exceto a amarela.) Calçam pisanetes brancos, ou, o que é mais comum, coloridos — rosa, rosa e roxo, amarelo ovo, verde-limão, azul e creme, lilás, todas as combinações imagináveis. Vestem suas melhores roupas. Aquele é o primeiro teste de ambientação na Zona Sul, uma preparação para o grande baile do Mourisco no dia 31 de julho.

As roupas, de um modo geral, são de tecido barato, pois as despesas com os sapatos não deixam muita margem a lúxos complementares por parte da população black carioca, constituída, em sua grande maioria, de bagageiros, contínuos, entregadores, balconistas, ambulantes, biscateiros, auxiliares de escritório, empregadas domésticas. Exóticos, isto sim: velhos paletós bordados com frases-chave da soul music (os black sabem tudo sobre o soul, detalhes históricos, épocas de lançamentos de discos, de conjuntos e cantores norte-americanos; sabem tanto de soul quanto ignoram de cultura brasileira), camisetas toscamente pintadas à mão, chapéus, óculos escuros em modelos americanos, coletes, bengala como complemento.

Chegam cabreiros, um pouco assustados, susto que se escconde atrás de uma certa exibição ruidosa. Chegam para, mais uma vez, assistirem ao filme Wattstax, a contrapartida negra do Festival de Woodstock. O filme revela cenas do dia-a-dia negro nos Estados Unidos: negros no trabalho, negros em casa, negros cantando na igreja, negros nas lancheonetes, negros reunidos, nas esquinas conversando, negros falando sobre os Panteras Negras, negros se cumprimentando segundo uma complicada coreografia, negros protestando, negros reclamando da vida, negros jogando dados, negros quebrando pedras, negros contando como a polícia os persegue. É o espírito do Festival Wattstax, cujas cenas vão sendo também mostradas, em alternância com todos esses *flashes*.

O Festival foi em Los Angeles, em 1969, e não chegou a ser muito comentado aqui no Brasil. O filme, lançado mais ou menos na mesma época, não chegou também a atrair grande público. Mas, a partir do aparelhamento da canção Soul Power, de James Brown, que estourou entre os negros do soul carioca a ponto de o título da música ter-se estendido ao que passou, então, a esboçar-se em movimento, Wattstax ganhou uma nova dimensão. Passou a constituir-se num sensibilizador permanentemente atuante e eficaz. As frases de Wattstax são decoradas, repetidas, bordadas nas roupas, cantadas, cantareladas, dançadas, assovadas. E não é só Wattstax. Embora seja ele o filme principal, outros, com elenco inteiramente negro, são do conhecimento e gosto dos jovens. É o caso de *Claudine*, com músicas de Gladys Night e Curtis Mayfield; de *Melinda*, sobre a vida no Harlem; de *O Cheijo de Nova Jorque*, com músicas de James Brown e cujos vilões são brancos; de *Clayton*, com Jim Brown e músicas de James Brown; de *Black Samson*, sobre o negro nos Estados Unidos. Há quem viva apenas de exibir esses filmes antes dos bailes soul. Quem os tem pode pedir qualquer preço, mercado aberto à especulação. O conhecido Messié Lima, (branco), que detém também filmes sobre artistas negros particularmente importantes para o soul power (Marva Whitney, Mongo Santamaria e outros) ganha, segundo Niro, um dos donos da equipe Soul Grand Prix, que o contrata para essas exibições, Cr\$ 300,00 em cada apresentação. Segundo um outro componente da equipe, Lima ganha, na verdade, Cr\$ 1 mil 500 e segundo os seguidores habituais dos filmes e alguns amigos de Messié Lima, ele ganha de Cr\$ 2 mil a Cr\$ 3 mil.

Wattstax não é, portanto, novidade alguma para o público que ocorreu ao MAM naquele dia e nos dois seguintes. Mas é uma espécie de modelo e, como tal, exaustivamente visto e estudado. Os jovens atendem ao chamamento do IPCN (Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, grupo de estudos, de nível universitário), que, dias antes, nas portas dos bailes, distribuíam volantes.



Cachimbo, bonés, boinas, bengalas, óculos, tudo serve para a criação de novidades da moda black

Keyes — The Emotion — Euzes Thomas — Richard Pryor — Albert King — Bar Keyes — Carla Thomas — Jimmy Lee e muitos outros astros. Não parem. Ingressos Cr\$ 5,00.

Aberta a bilheteria, rapidamente os 22 lugares foram ocupados e, poucos minutos após, quase 300 pessoas comprimentam-se na sala da Cinematosa. Le embaixo, no péto outras tantas ainda tentam entrar. Antes de iniciar a sessão, um membro do IPCN explica a razão de existir "É a melhor forma que nos encontramos de comemorar o primeiro aniversário do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Não tem bolo nem vela pra apagar, mas tem um convite para vocês: vamos dar continuidade ao nosso trabalho, a partir da semana que vem, com reuniões".

O público negro (háram de lá brancos presentes, os adultos do museu ficaram lá também), não presta muita atenção às palavras, mas passa a gritar e aplaudir logo que começa a projeção. Na tela, as imagens do Festival de Wattstax sendo armadas, no estádio de Los Angeles, gente aplaudindo o por que de tudo aquilo. O público repete as palavras, as frases, emborra o sentido das palavras e se desorienta. E quando o Reverendo Jesse Jackson aparece na tela conclamando os negros americanos a pensarem de si na própria raça, os cinema, a exemplo do que sempre acontece em todas as exibições de Wattstax em todo o Grande Rio, repete com ele as palavras que fazem chorar um jovem negro de 15 anos, Roberto, estafeta, que está a meu lado, espreitando no corredor da cinematosa: "I am somebody".

"O PESSOAL NÃO BEBE, NÃO QUEIMA FUMO. O NEGÓCIO É DANÇAR"

— Não existe movimento, a rigor não existe. Eles criaram o soul power e estão tentando levar a frente. Pode dar certo, como está dando certo até agora, e pode ser que, futuramente, seja um movimento sério, porque é a única maneira de eles darem o grito de alerta, de revolta deles. Agora, eu não acho que haja pressão em cima porque o Rio de Janeiro é o Rio de Janeiro, todo mundo é livre, todo mundo faz o que quer. Bem, na realidade do pessoal, mas é aquele negócio, não sei, eles criaram o movimento, querem levar a frente e, se der certo, boa sorte pra eles. Você sabe de uma coisa? É um negócio, a gente só entende quando penetra na realidade da coisa. No baile, eu mesmo não acredito. Um amigo meu, paulista, esteve lá. Eu já fui várias vezes, de várias camadas, inclusive antropólogos, e essas pessoas ficaram admiradíssimas. Ninguém foi barrado, porque todo mundo entrou comigo, e eu conheço o pessoal. Acharam... está lá. De início, quando você entra, você se espanta. Mas depois, você começa a conversar com eles, a tomar a alma do negócio, aí você vai sentir realmente o drama, a força da explosão, um negócio que ninguém explica. É aquele negócio. No Rio, a gente pode chegar na rua e dizer: eu sou carioca, eu não sou do Rio. Agora, o preço que vai a esses bailes não é do preto rico, que tem seu Cadillac. Não. É o preto cobieta, é o estafeta, é o contínuo, é o javaleto, que, inclusive, vai muito. Ai é que está o negócio. É onde ele se diverte. Ele não vai ao rock, porque ele é minoria no rock. Então, no baile soul, ele representa a maioria. Então ele se sente satisfeito. Acho que a razão lógica e exata. Por que é que só dá preto? Porque é baile de preto. Não é que o branco não tenha penetração. O branco vai, não tem nada, mas é que o baile é realmente de preto. (São Batista Melo, branco, da equipe de som da Big Boy).

BLACK RIO

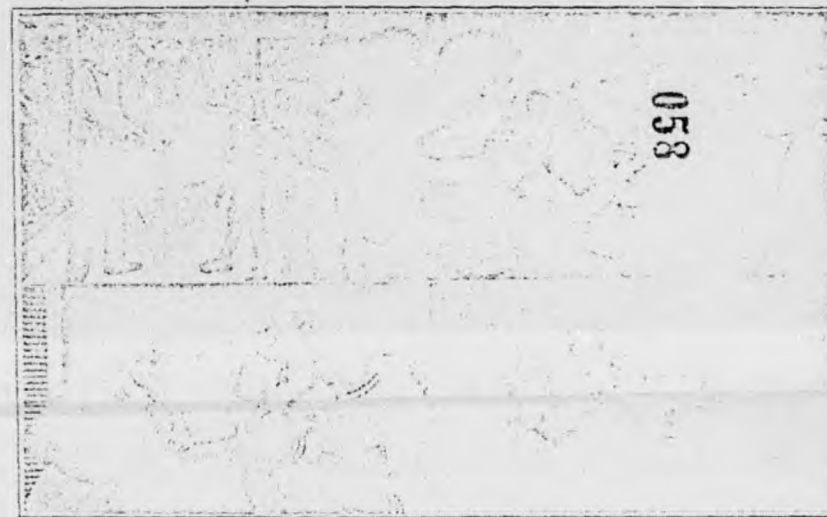
UM VEICULO PARA A COMUNICAÇÃO ENTRE NEGROS, NÃO UM MOVIMENTO DE NEGROS



Os bailes, nos diversos clubes suburbanos, podem reunir até 15 mil adeptos do soul



Na Sapataria Pinheiro, em Madureira, os pisantes coloridos atingem uma venda de até 500 pares por semana



Etapas do complicado ritual de cumprimento black

O pessoal não bebe, não queima fumo, não usa droga, não usa pílula. Nada. O negócio deles é dançar. O que se bebe muito é Coca-Cola e guaraná. E por isso que o movimento de bar, nos clubes, é fraco. (Paulo Correia, do Tapa Car, clubes que está entrando no mercado do soul. Acaba de lançar o LP Black Power, uma seleção de soul, e está colocando no mercado o LP da equipe Dynamic Soul. A equipe, na verdade, entra com o nome e ganha em torno de Cr\$ 1,00 por disco editado).

O racismo começou com a Soul Grand Prix (Big Boy, branco). Foi ali no Largo do Catumbi, no Astória. Já faz uns meses. Meu negócio é rock, eu gosto de rock. Bem, eu fui sozinho, eu cheguei lá, estava cheio de negros, a rapaziada do soul mesmo, aqueles sapateiros. Ai eu comprei o convite pra entrar. Custava Cr\$ 7,00. Ai a rapaziada black fez uma rodinha, tá entendendo? Deram aquele abraço, ai um veio e tirou o convite. Eu nem sei quem foi que tirou. Ai eu fiquei naquela, então uma senhora branca que estava lá dentro, cedeu que era mesmo do clube, me chamou e disse: "Olha, eu vi o que aconteceu com você, mas não faz com o moço ali na porta". O cara na porta, que estava recebendo os ingressos, também era branco. Ele compreendeu a situação e me deixou entrar. Mas eu não fiquei muito tempo. Uma

vez muito que o branco se chegue. Mas é assim como uma defesa. (Everaldo João Farias, 19 anos, continua. Embora branco, é inteiramente afastado de valores culturais tidos como de brancos e identificados como "coisa do rock". Seus amigos do morro da Saúde não todos negros, e ele usa as roupas típicas dos black, sapateiros soul.)

Sábado, noite de 3 de julho. As Ruas Carolina Amado e João Machado, quietas ruas suburbanas, em cuja confluência fica a sede do Bloco Carnavalesco Bolshois de Itaipá, não eram mais ruas do Rio, como de carnaval, o clube só tinha o nome. Lá estavam, dançando na rua (e a noite garçôva ligeiramente), jovens mulatos e pretos, alguns com capas imitando à de Rufus Thomas no filme Wattstax (vermelhas, cobrindo os olhos), outros usando chapéus, bonés, boinas de todos os feitios e cores, cabelos descolorados, enormes, circundando a cabeça como grandes coroas de pêlos encaracolados. Todos com calças boquiunha, curtas, sobre vistosos sapateiros coloridos. Dançando, alguns. Em grupo, outros. Rindo, conversando, namorando. Nenhum casal misto e — outro dado observado em todos os bailes black — ninguém com aspecto indefinido ou sexualmente dubio. Mais negros chegam e se cumprimentam num ritual de gestos, punhos tocando-se ligeiramente dentro de uma se-

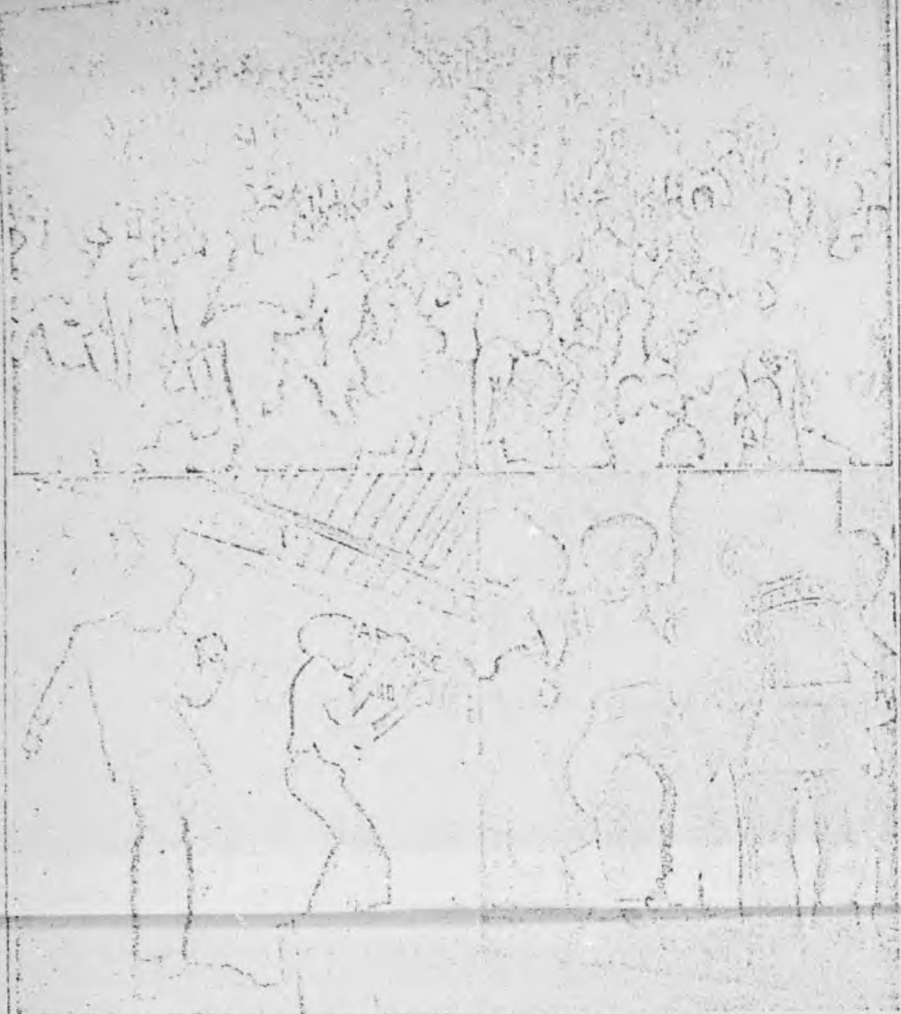
— Por que o soul? Se não for o soul vai ser o quê?
— Eu frequento os encontro soul há três anos. Antes, não frequentava nada. Eu ia a um samba de vez em quando, mas eu curtia mesmo era o rock erudito, na linha do Pink Floyd. Mas eu acabei descobrindo que o rock que eu curtia muito acabou conduzindo a vícios, a drogas, e isso é coisa de branco. A minha era outra. Descobri que o soul oferecia prazer puro, dança sem grilo. E o soul romântico é mista muito mais romântica do que qualquer outra. Mas no Brasil tudo está bem. Somos todos iguais.
(Hugo de Sousa Batista Filho, 22 anos, preto, estuda no Instituto Brasileiro Cultural e pretende ser jornalista.)
"The Beautiful Black People estaria no maior sifoco, não fosse o surgimento das Equipes de Soul. There Was a Time em que foi um só Baile da Pesada. Hoje desdobram-se em centenas de Disco Danas instaladas nos festivais domingueiros de clubes. A Equipe Soul Grand Prix conquistou, através de suas multimilionárias performances, o direito de registrar esse acontecimento tão marcante". (Do texto de Ademir Lemos, discotecário, branco, na contracapa do LP Soul Grand Prix).
Sábado, 10 de julho. No Grêmio Recreativo de Rocha Miranda há quatro equipes tocando. Gí-nasio cheio e o mesmo fenômeno observado em todos os outros bailes: nada de presença branca. E

com um soul pesado, marcado, e apertado o público de Big Boy. E por isso que a rapaziada me considerava assim uma espécie do pai do soul. Comecei a descobrir nas importadoras sem que ninguém curtia. Foi em cima desses que eu fiquei.
— E como é que você vê essa aglutinação do negro carioca em torno do soul?
— É a tal coisa. Muita gente não tem... muita gente, não, certas partes de certas raças não têm aquela liberdade de demonstrar aquilo que... Eu não tenho uma resposta legal, entende? Você me pegou desprevenido. Isso é um negócio em que a gente tem que meditar muito, tem que pensar legal, pra medir as palavras. Mas sabe o que é? Nessa reunião aqui, todo mundo se sente junto, porque eles estão todos no ambiente deles. O pessoal não criou proposadamente uma diferente. Sem querer, a coisa foi se criando sozinha. Hoje em dia o crioulo já está numa de afro. Antigamente o crioulo esticava o cabelo. Hoje em dia o crioulo vê que não é nada disso. Hoje em dia os crioulos já procuram fazer o mesmo que os crioulos americanos, os nossos irmãos lá do outro lado, está entendendo. Então cá nisso que você está vendo, cada um lança a sua moda, cada um dança a sua maneira, é isso aí. Eu não sei explicar legal, já te disse, você me pegou desprevenido. Eu leio muito sobre tudo isso, leio sobre divergências raciais, eu sou

quebrar. Não é uma boa, eu não aconselho ninguém a fazer. Porque o soul é o caminho da comunicação entre os negros. Não é um movimento negro. É um movimento de negros.
Dia 13, terça-feira. Estamos, um grupo black, no lado direito de quem entra na Galeria São Luis, em Madureira. Entrevisto reparos e moças, mas não tenho gravador ou qualquer outro sinal exterior de que realize um trabalho jornalístico. Um grupo black, algumas cateleiras cortadas quase triangularmente, outras descoloradas, eu com o corte comum, redondo. O grupo olha os sapatos nas vitrinas da Sapataria Pinheiro, especializada em pisantes black. Aproxima-se um senhor albauro (re-cuse-se mais tarde, quando perguntado, a dizer seu nome):
— Vão saindo, vão saindo, não pode ficar aqui.
Por que?
— Porque não pode, vão saindo.
Mas por que? Ninguém está fazendo nada demais.
— Não, não pode, juntamente de nego aqui não pode não.
Quem é o senhor?
— Sou o guarda aqui da galeria.
Na outra ala da galeria um outro grupo — jovens brancos, mais ou menos o mesmo número de pessoas que o grupo de negros, conversa em voz alta e ri. Não é incomodado.
José Luis Ferreira, o Gordon do Soul, dono da Equipe Jay Top

ne, o Band, o Mandrill, o AWTB (Average White Band), o Soul Searchers, e outros.
José Jorge da Costa, 25 anos negro, publicitário, acrescenta um outro dado:
— Sinto que há uma tentativa de radição racial aqui no Brasil. Acho que isso é uma jogada por parte de grupos que estão estimulando o racismo como forma de planejamento de marketing para lançamento de linhas de produtos especificamente negros. Você conhece a Ebony, não é? Está também pensando em fazer aqui uma revista toda de negros, como a Ebony americana, que vai se chamar Ebony. E vão lançar linhas de produtos de beleza, figurinos especificamente negros. Não sei quem é que está por trás disso. Mas uma coisa eu te afirmo: são brancos.
Você acha, Gordon, que o movimento soul, no Rio, está assumindo características racistas?
— Acho que sim, e acho isso imbecil, absurdo, porque tem branco fazendo soul e a mídia não tem cor. Acho que os conjuntos brancos devem ter também o direito de tocar. Na maior parte das festas não se vê nenhum branco, mas é aquele negro: o soul é música negra, então é natural você ver muito mais negro adepto do soul do que branco. Agora, pelo menos uns três brancos você vê nos bailes. A mesma coisa acontece com as festas de rock. Só dá branco; você conta a

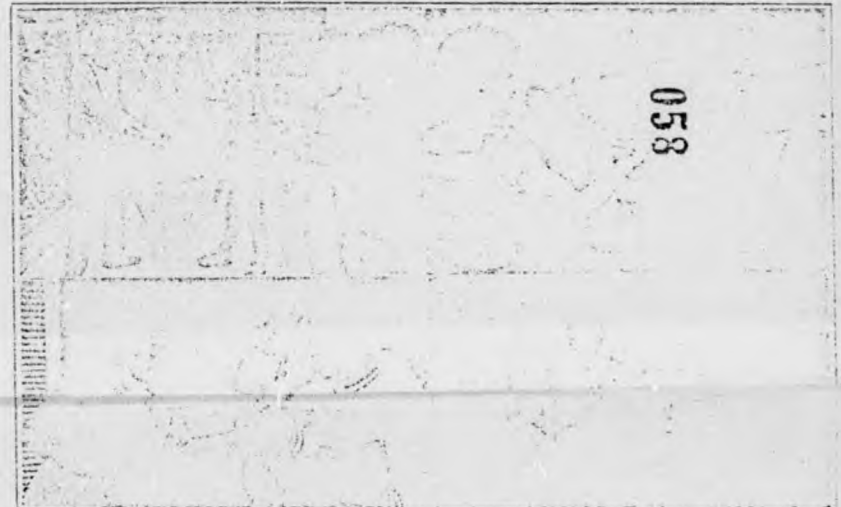
058



Os bailes, nos diversos clubes suburbanos, podem reunir até 15 mil adeptos do soul



Na Sapataria Pinheiro, em Madureira, os pisantes coloridos atingem uma venda de até 500 pares por semana



058

Etapas do complicado ritual de cumprimento black



O pessoal não bebe, não quer fumar, não usa droga, não usa pipo. Nada. O negócio deles é dançar. O que se bebe muito é Coca-Cola e guaraná. E por isso que o movimento de bar, nos clubes, é fraco. (Paulo Correia, do Tapa Car, clube que está entrando no mercado do soul. Acaba de lançar o LP Black Power, uma coleção de soul, e está colocando no mercado o LP de equipe Dynamic Soul. A equipe, na verdade, entra com o nome e ganha em torno de Cr\$ 1,00 por disco editado).

— O trabalho começou com a Soul Grand Prix (Big Boy, branco).

Foi ali no Largo do Catumbi, no Astória. Já faz uns meses. Meu negócio é rock, eu gosto de rock. Bem, eu fui sozinho, eu cheguei lá, estava cheio de negros, a rapaziada do soul mesmo, aqueles sapateiros. Ai eu comprei o convite pra entrar. Custava Cr\$ 7,00. Ai a rapaziada black fez uma rodinha, lá entendendo? Deram aquele adafio, ai um veio e tirou o convite. Eu nem sei quem foi que tirou. Ai eu fiquei naquela, então uma senhora branca que estava lá dentro, achou que era mesmo do clube, me chamou e disse: "Olha, eu vi o que aconteceu com você, mas vou falar com o moço ali na porta". O cara na porta, que estava recebendo os ingressos, também era branco. Ele compreendeu a situação e me deixou entrar. Mas eu não fiquei muito tempo. Uma meia hora e fui embora. Não gostei do ambiente. Não, eu nunca morei uma garota negra, mas não é problema de racismo, apenas não apareceu oportunidade. Se meus pais aceitariam? Não, acho que não aceitariam. (Cswaldo C. A. 17 anos, branco, morador em Santa Teresa).

— Sou white, mas sou black. O caso não é ser. Soul é de preto mesmo. Rock, não. Rock é de branco. Não é um black dançando no meio dos white. Todo mundo coça graça. Mesmo ele dançando bem, todo mundo acha graça. Soul, não, cada um faz o que quer. Samba? Samba não é mais novo. Escola de samba não tem mais lugar pra gente. Branco nos bailes? Ai eu acho que tem que barrar. Não é por não não. É que onde eles chegam não dá lugar pra ninguém. Sufam logo a barra. O soul pode separar um pouco, não que-

rer muito que o branco se chegue. Mira é assim como uma defesa. (Everaldo João Farias, 19 anos, branco. Embora branco, é inteiramente afastado de valores culturais tidos como de brancos e identificados como "coisa do rock". Seus amigos do morro da Saúde são todos negros, e ele usa as roupas típicas dos black, sapateiros soul.)

Sábado, noite de 3 de julho. As Ruas Carolina Amado e João Machado, quietas ruas suburbanas, em cuja confluência fica a sede do Bloco Carnavalesco Boêmios de Inelá, não eram mais ruas do Rio, como de carnavalão o clube só tinha o nome. Lá estavam, dançando na rua (e a noite garçava ligeiramente), jovens mulatos e pretos, alguns com capas imitando à de Rufi Thomas no filme Wattstar (vermelhas, cobrindo os olhos), outros usando chapéus, bonés, boinas de todos os feitios e cores, cabelos descolorados, enormes, circundando a cabeça como grandes coroas de pêlos encaracolados. Todos com calças boquilha, curtas, sobre vistosos sapateiros coloridos. Dançando, alguns. Em grupo, outros. Rindo, conversando, namorando. Nenhum casal misto e — outro dado observado em todos os bailes black — ninguém com aspecto indefinido ou sexualmente dubio. Mais negros chegam e se cumprimentam num ritual de gestos, punhos tocando-se ligeiramente dentro de uma sequência mímica, tanto mais complicada quando maior é o conhecimento das pessoas ou dos grupos entre si. O mais simples é apertar fortemente a mão do parceiro, por baixo, um separando o polegar do outro. Na porta do clube, cerca de 2 mil black esperando para entrar.

Lá dentro, no salão lotado, cerca de 5 mil pessoas. Visíveis, apenas três brancos: uma moça acompanhada de um rapaz mulato e que olha em torno, nada à vontade; um rapaz que ficou junto da porta e não mesmo foi embora; um moço que frisou os cabelos até eles adquirirem o anelado próximo do cabelo do mulato. Centenas de pessoas cercam e reportam e a recebem como quem recebe alguém da mesma confraria, sem qualquer temor. Conversam abertamente seus assuntos, combinam bailes ("quer ir lá, também?").

— Por que o soul? Se não for o soul vai ser o quê?

— Eu frequento os encontro soul há três anos. Antes, não frequentava nada. Eu ia a um samba de vez em quando, mas eu curtia mesmo era o rock erudito, na linha de Pink Floyd. Mas eu acabei descobrindo que o rock que eu curtia muito acabava coincidindo a violas, a drogas, e isto é coisa de branco. A minha era outra. Descobri que o soul oferece prazer puro, dança sem grilo. E o soul romântico é música muito mais romântica do que qualquer outra. Mas no Brasil tudo está bem. Somos todos iguais.

(Hugo de Sousa Batista Filho, 22 anos, preto, estuda no Instituto Brasileiro Cultural e pretende ser jornalista.)

"The Beautiful Black People estaria no maior show, não fosse o surgimento das Equipes de Soul. There Was a Time em que foi um só Baile da Passada. Hoje desdobraram-se em centenas de Disco Dances instaladas nas festividades domingueiras de clubes. A Equipe Soul Grand Prix conquistou, através de suas multimilionárias performances, o direito de registrar esse acontecimento tão marcante". (Do texto de Ademir Lenas, discotecário, branco, na contracapa do LP Soul Grand Prix).

Sábado, 10 de julho. No Grêmio Recreativo de Rocha Miranda há quatro equipes tocando. Glândio chelo e o mesmo fenômeno observado em todos os outros bailes: nada de presença branca. É lá que Santos dos Santos, negro, um dos pioneiros do soul power no Brasil, fala sobre o significado do movimento.

"AJUNTAMENTO DE NEGRO AQUI NÃO PODE NÃO"

— O soul começou com Big Boy, Ademir, Monsieur Liná, por volta de 69, 70. Eles eram profissionais e eu então, de repente, comecei a entrar numa de curtir um sonzinho. Comecei no Astória, que depois se fundiu com o Minerva, no Catumbi. Comecei fazendo um soul diferente do de Big Boy. Era o seguinte: o soul que Big Boy lançava era bacana, mas não era aquilo que o pessoal queria. Ele tinha uma boa discoteca, mas começou a ficar ultrapassado, porque o negócio lá era mais comercial. Ai eu entrei

com um soul passado, mareado, e apanhei o público de Big Boy. E por isso que a rapaziada me considerava assim uma espécie de pai do soul. Comecei a descobrir nas importadoras som que ninguém curtia. Foi em cima dessas que eu fiquei.

— E como é que você vê essa aglutinação do negro carioca em torno do soul?

— É a tal coisa. Muita gente não tem... muita gente, não, certas partes de certas raças não têm aquela liberdade de demonstrar aquilo que... Eu não tenho uma resposta legal, entende? Você me pegou desprevenido. Isso é um negócio em que a gente tem que meditar muito, tem que pensar legal, pra medir as palavras. Mas sabe o que é? Nessa reunião aqui, todo mundo se sente junto, porque eles estão todos no ambiente deles. O pessoal não criou propositalmente uma diferença. Sem querer, a coisa foi se criando sozinha. Hoje em dia o crioulo já está numa de afro. Antigamente o crioulo esticava o cabelo. Hoje em dia o crioulo vê que não é nada disso. Hoje em dia os crioulos já procuram fazer o máximo que os crioulos americanos, os nossos irmãos lá do outro lado, está entendendo. Então dá nisso que você está vendo, cada um lança a sua moda, cada um dança à sua maneira, é isso aí. Eu não sei explicar legal, já te disse, você me pegou desprevenido. Eu leio muito sobre tudo isso, leio sobre divergências raciais, eu sou um cara que manja paca desse negócio, porque se tem uma coisa que eu gostaria de ser na outra encarnação é negro outra vez. Porque a partir do momento em que eu me liguei nesse som, vi aquele pessoal todo legal, a criolada mesmo, o crioulo, o forte da massa, o grosso da massa se ligando no soul, deixando o negócio do rock pra lá e aquelas miquinhas caretas nacionais, paxa, eu me sinto realizado. Sinceramente, se tem uma coisa de que eu gosto é esse pessoal... Não sei, estou muito grilado, muito grilado mesmo. Eu não acho que o soul power seja um movimento racista. Porque eu acho que esse é um país onde a gente não deve implantar esse tipo de coisa, porque aqui, seja branco, seja negro, a gente deve estar lado a lado. Há aquelas barrulinhas, mas são muito pequenas. Então, se a gente for implantar um movimento desses, a gente está arriscado a se

quebrar. Não é uma boa, eu não aconselho ninguém a fazer. Porque o soul é o caminho da comunicação entre os negros. Não é um movimento negro. É um movimento de negros.

Dia 13, terça-feira. Estamos, um grupo black, no lado direito de quem entra na Galeria São Luis, em Madureira. Entrevisto rapazes e moças, mas não trago gravador ou qualquer outro tipo de exterior de que realize um trabalho jornalístico. Um grupo black, algumas cabeleiras cortadas quase triangularmente, outras descoloradas, eu com o corte comum, redondo. O grupo olha os sapatos nas vitrinas da Sapataria Pinheiro, especializada em pisantes black. Apaixonei-me um senhor alourado (recuse-se mais tarde, quando perguntado, a dizer seu nome):

— Vão saindo, vão saindo, não pode ficar aqui. Por que?

— Porque não pode, vão saindo.

Mas por que? Ninguém está fazendo nada demais.

— Não, não pode, ajuntamento de negro aqui não pode não. Quem é o senhor?

— Sou o guarda aqui da galeria.

Na outra ala da galeria um outro grupo — jovens brancos, mais ou menos o mesmo número de pessoas que o grupo de negros, conversa em voz alta e ri. Não é incomodado. José Luis Ferreira, o Gordon do Soul, dono da Equipe Jay Top é um dos raros estudantes de curso superior encontrados entre os black, constituída, em sua grande maioria de gente que nem o prêmio completou ainda (há exceções como o pessoal que frequenta o Maxwell, em Vila Isabel, com forte incidência universitária, ainda que, em grande parte, esteja fazendo primeiro ou segundo grau). Gordon discorda de Ademir, quando o disco-jockey calcula entre 500 e 700 mil, por final de semana, os frequentadores dos bailes soul da Zona Norte e suburbão.

— Vai a um milhão, um milhão e meio de pessoas, te digo isso com segurança, porque conheço o assunto. Desde o ano passado, o soul começou a explodir. Este ano, a coisa está crescendo mais ainda. Se tem alguma coisa atrás disso, eu não sei, mas o que sei é que tem gente nas buéias que nem compra mais discos de soul, se na capa aparece branco. E olha que tem gente branca, e boa, no soul. Os K C and Sunsh-

ne, o Band, o Mandrin, o AFD (Average White Band), o Soul Searchers, e outros.

José Jorge da Costa, 26 anos negro, publicitário, acrescenta um outro dado:

— Sinto que há uma tentativa de racialização racial aqui no Brasil. Acho que isto é uma legada por parte do grupo que veio estudar aqui e também como forma de planejamento de marketing para lançamento de linhas de produtos especificamente negros. Você conhece a Ebony, não é? Está também pensando em fazer aqui uma revista toda de negros, como a Ebony americana, que vai se chamar Beano. E vão lançar linhas de produtos de beleza, alimentos especificamente negros. Não sei qual é que está por trás disso. Mas uma coisa eu te afirmo: são brancos.

Você acha, Gordon, que o movimento soul, no Rio, está assumindo características racistas?

— Acho que sim, e acho isso imbecil, absurdo, porque tem brancos fazendo soul e a maioria não tem cor. Acho que os conjuntos de negros devem ter também o direito de tocar. Na maior parte das festas não se vê nenhum branco, mas é aquele negro: o soul é música negra, então é natural você ver muito mais negro adepto do soul do que branco. Agora, pelo menos uns três brancos você vê nos bailes. A mesma coisa acontece com as festas de rock. Só dá branco, você conta a dedo os pretos.

O soul estaria significando alguma coisa a mais que o simples prazer de dançar?

— Eu acho que sim. Acontece o seguinte. O pessoal se liga muito no que eles vêem. Tem muita gente que não sabe o que é Wattstar, como Cláudio, como Malinda e outros, que mostram a vida do negro americano, o modo do preto americano ser. Isso naturalmente influencia. O pessoal curte a música e curte os filmes e fica procurando saber tudo o mais parecido possível com o que vê. Não sei se tem alguma coisa embutido nesse movimento todo. O apogeu do soul, que atingiu o ponto que chegou hoje em dia, começou mesmo foi com o Soul Grand Prix. Que só tem disputa de público com a Black Power, outra equipe muito forte.



BLACK RIO

QUEM GOSTA DE "ROCK" NÃO VAI PARA O "SOUL"; E A ZONA SUL É TODA DO "ROCK"

O público de música negra é mais de ouvir do que de comprar. O pessoal que compra mesmo é o pessoal das equipes. Agora, com a proibição de importação de discos, o mercado ficou ainda mais escasso. Nos bailes, agora têm sido feitas jogadas musicais, cortes com o disco de Watterak. O negócio aquece mesmo o pessoal, o pessoal fica repetindo o que está no disco. É natural. Olha, sinceramente, eu sou negro, mas eu não vejo muito massacre nisso. Olha, racismo tem aí. Aqui no Rio tem racismo, é claro que tem, mas é assim muito distorcido, quer dizer, está tomando certas proporções, mas racismo mesmo — eu sei que isso vai ferir muita gente — somos nós negros mesmos que estamos fazendo, eu acho. Pelo que eu vejo, nos Estados Unidos, até massacraram negros. Aqui ainda não se chegou a esse ponto...

— Este negócio é muito complicado, sabe? Porra, não existe nada de político na transação. É o pessoal que não vive dentro do soul e por isso passou e viu, vamos dizer assim, muitas pessoas negras juntas, então se assusta. Se assustam e ficam sem entender o porquê. Então entram numa de movimento político. Mas não é nada disso. Você viu? Aquela festival de rock em Saquarema reuniu umas 30 mil pessoas e não houve nenhuma restrição a nada. Então, poderíamos dizer também que está havendo movimento político no rock. E não está havendo. Não é nada disso. Simplesmente o rock, atualmente no Brasil, reúne mais pessoas brancas, atinge mais as pessoas brancas. Agora, o soul, não; o soul atinge mais as pessoas negras. Este é o motivo de o soul reunir tantos negros, tantos black no Brasil. É curioso, gente querendo se divertir. (Sérgio, músico, um dos membros da equipe Soul Grande Prix)



No MAM, antes de mais uma sessão soul

“É SEMPRE ASSIM, NÉ, IRMÃ? ELES OBRIGAM A GENTE A ENTRAR NO CARRO, AQUELA HUMILHAÇÃO”

Sapatos, roupas, chapéus especiais. O maior sonho de cada black é lançar, isto é, apresentar uma roupa ou um detalhe original no vestir, para ser imitado pelos demais. Carlinhos, 17 anos, representa bem essa preocupação: calça boqui aberta, casaco longo de veludo, bem talha do atrás (“curto soul faz quatro anos”). Carlinhos não estuda (“parei na sexta série”), trabalha no que parece e mora no Morro da Gamboa. Não vai a samba (“não dá mais pra gente, irmã”). Seu maior cuidado é com as duas irmãs menores — Fátima, de 15 anos, e Cristina, de 13 — que, por decisão do pai, estão sob sua autoridade. Carlinhos controla as amigas e os passios delas.

— Conheço as bocadas, irmã. Elas podem sair, mas eu quero saber onde é que elas vão. Tem que tomar cuidado, não é irmã? A experiência de Carlinhos: — Semana passada, quase entro numa fria, irmã. Eu e meu primo, a gente ia descendo a Ladeira do Barroco. Ai a gente enzequou e baratinha. Ai eu disse: “Não tem outro crioulo na rua, só pode ser com a gente”. Não deu outra, irmã. A baratinha encostou, aí o cara disse: “Documento”. Legal, eu passei minha carteira do curso que eu estava fazendo na Aeromáutica, nem acabou, mas tinha a carteira. O cara bronqueou: “Isso é carteira fria”. “Fria nada, cara, tão quente que está queimando meu bolso”. Passei a carteira de estudante que eu ainda tinha, aí passou o documento de alistamento militar. O cara bronqueando: “Carteira fria, heim,



Calças tubinho e sapatos de vários “andares” são uma espécie de uniforme, complementado ao gosto de cada um

a cara da gente”. O cara nem nada. Ai eu ofereci uma perna e meia. O cara só rejeitou quando eu disse que tinha duas pernas. Ele perguntou: “Dá aí com você?”. Não, estava em casa. Ai ele disse: “Você vai lá e ganha. Esse se fica aqui, se tu não voltar, já sabe, a gente fecha ele”. Porra, irmã, que sufoco. Cheguei, apaguei duas pernas, eu só tinha aquelas, era um bisacate que eu fiz, um alívio que o covão me deu também. Entreguei tudo pro ana. Ai ele aliviou, eu e meu primo. Devolveu os documentos da gente e disse: “Isso é pra vocês aprenderem”. Aprender o quê, heim, irmã?

Os encontros soul, inicialmente, eram divulgados de uma para a outra pessoa. Depois alguns muros da cidade passaram a funcionar como quadros de aviso, agora menos usados porque baixou a fiscalização multando as equipes anunciadas (elas são amadoras e não pagam direitos autorais). Quase simultaneamente começaram a aparecer os voluntários, distribuídos uma, duas ou

carinho Cr\$ 500,00. Ou ainda: Atenção: William Hulk oferece um sapato ao melhor dançarino.

Hulk, no caso, é o empresário, o homem que arranja bailes para as equipes. Mas, de modo geral, elas mesmas tratam de se empregar. Os clubes podem levar de 20% a 50% da bilheteria, ou ter contrato com as equipes. A Black Power tem contrato com o Boêmios de Irajá, para onde carrega, no mínimo, 3 mil pessoas cada sábado. A Soul Grand Prix com o Maxwell, cuja lotação se completa a cada domingo.

Perguntado se as equipes de soul estão lhe trazendo prejuízos, comprometendo seu misticado de bailes, Big Boy responde:

— Estão. Atualmente, a Soul Grand Prix, que não tem a metade do material que eu tenho, ganha Cr\$ 10 mil por baile. Eu ganho Cr\$ 5 mil.

Big Boy e a Rádio Mundial também sempre foram divulgadores dos bailes soul, cada chamada custando, hoje em dia, nunca menos de Cr\$ 300 ou Cr\$ 500. E cada equipe usando de cinco a

— Desde pequeno eu frequento o soul. Tenho o maior orgulho de ser black. Por quê? Não sei explicar. White no soul? Não. Eu sou contra. Só se for white ligado na gente. (Sérgio F. S., 16 anos, estudante, negro).

— Acho que todo black, morou, tem que curtir. White aqui? Acho que não deve, mas se ele quiser vir, pode vir, a gente mostra pra eles como é que a gente é. A gente é melhor. Não precisa discriminar eles, é isso que eu acho. A gente pode ensinar os whites a ser gente. Eles tratam a gente de cima, e a gente não precisa fazer isso com eles. A gente é melhor, morou?, não precisa deles pra nada. Eles são tudo cocota. (Antônio F. C., 16 anos, ajudante de operário. Frequenta o Clube Belém, em Caxias).

— Black não pode transar mina white. Mulher branca não combina. É muito fria, morou? (José Carlos Alves, 18 anos, soul no Império Serrano).

— Já fui barrado shh. Num baile de cocota no Cascadura...

— podia entrar, criava tumulto. E' por isso que nos bailes black não tem white. Eu não faço isso, morou?, mas tem muito black que zinga os white, bate neles e tudo, como aconteceu no Império Serrano. O pessoal caiu de cocota em cima deles. Eles chegaram lá dizendo que o ar estava cheirando a preto, e isto e aquilo, entraram no cocote. (Sidney A. C., auxiliar de escritório, 17 anos)

“GOSTO DO IDI AMN E DOS JUDEUS”

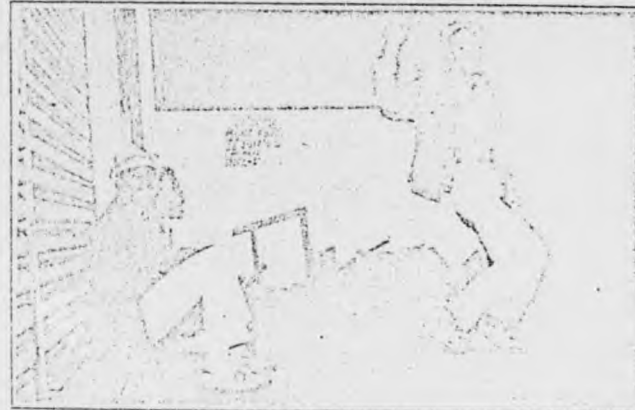
— A pessoa que eu mais admiro? Idi Amin Dada. Ele curte com a cara dos brancos todos. Gosto também dos judeus. Eles são discriminados como a gente. (Maria Célia Rosa, 19 anos, normalista)

— A rapaziada que é mesmo da cor, que tem esse preconceito com eles, nem entra em festa de...



059

Em Rocha Miranda, o batom completa a maquiagem do black



Em Ramos: fora do baile, na rua, também se dança

jico louca. (Vanda Casau, 20 anos, dançarina de afro).

A próxima etapa do soul power (expressão que os integrantes das maiores equipes, daquelas que como a Soul Grand Prix preparam-se para tornarem-se firmas, fegalem) é a Zona Sul. É colocar a massa black nos clubes, nos salões e recuperar o movimento que, na opinião dos blacks, foi o lugar da “terra do samba negro”. O pessoal do rock está se preparando. Segundo afirma, não há o que temer: a Zona Sul jamais aceitará os atuais cultores do soul, embora possam aceitar a dança, de modo que ela “fique um pouco mais civilizada”. Carlos Miria Sana Junior, estudante de Medicina, 20 anos, um dos líderes da Equipe “Família Sem, do rock, expressa o pensamento da gang do rock:

— A gente está sabendo que eles vão estragar dia 31 no Maricão, que eles querem tomar a Zona Sul. Acho difícil. Porque quem gosta de rock não vai para...



...de ouvir da que de comprar. O pessoal que compra mesmo é o pessoal das equipes. Agora, com a proibição de importação de discos, o mercado ficou ainda mais escasso. Nos bailes, agora têm sido feitas jogadas musicais, cortes com o disco de Wattstar. O negócio seguinte mesmo o pessoal, o pessoal fica repetindo o que está no disco. É natural. Olha, sinceramente, eu sou negro, mas eu não vejo muito massacre nisso. Olha, racismo tem lá. Aqui no Rio tem racismo, é claro que tem, mas é assim muito discretizado, quer dizer, está tomando certas proporções, mas racismo mesmo — eu sei que isso vai ferrir muita gente — somos nós negros mesmos que estamos fazendo, eu acho. Pelo que eu sei, nos Estados Unidos, até massacraram negros. Aqui ainda não se chegou a esse ponto...

— Esse negócio é muito malandro, sabe? Poza, não existe nada de político na transação. É o pessoal que não vive dentro do soul e por isso passou a vir, vamos dizer assim, muitas pessoas negras juntas, então se discute. Se discutem e ficam sem entender o porquê. Então entram numa de movimento político. Mas não é nada disso. Você viu? Aquilo festival de rock em Saquarema reuniu umas 30 mil pessoas e não houve nenhuma restrição a nada. Então, poderíamos dizer também que está havendo movimento político no rock. E não está havendo. Não é nada disso. Simplemente o rock, atualmente no Brasil, reúne mais pessoas brancas, atrai mais as pessoas brancas. Agora, o soul, não, o soul atrai mais as pessoas negras. Este é o motivo de o soul reunir tantos negros, tantos black no Brasil. É curioso, gente querendo se diferenciar. (Nunca, muito, um dos membros da equipe Soul Grande Prix)

"É SEMPRE ASSIM, NÉ, IRMÃ? ELES OBRIGAM A GENTE A ENTRAR NO CARRO, AQUELA HUMILHAÇÃO"

Sapatos, roupas, chapéus especiais. O maior sonho de cada black é lançar, isto é, apresentar uma roupa ou um detalhe original no vestir, para ser imitado pelos demais. Carlinhos, 17 anos, representa bem essa preocupação: calça boquinha, casaco longo de veludo, bom talhado atrás ("curto soul faz quatro anos"). Carlinhos não estuda ("parei na sexta série"), trabalha no que aparece e mora no Morro da Gamboa. Não vai a samba ("não dá mais pra gente, irmã"). Seu maior cuidado é com as duas irmãs menores — Fátima, de 15 anos, e Cristina, de 13 — que, por decisão do pai, estão sob sua autoridade. Carlinhos controla as saídas e os passeios delas.

— Conheço as bocadas, irmã. Elas podem sair, mas eu quero saber onde é que elas vão. Tem que tomar cuidado, não é irmã?

A experiência de Carlinhos: — Semana passada, quase entro numa fria, irmã. Eu e meu primo, a gente ia descendo a Ladeira do Barroso. Ai a gente emergiu e baratinha. Ai eu disse: "Não tem outro criolo na rua, só pode ser com a gente". Não deu outra, irmã. A baratinha encostou, aí o cara disse: "Documento".

Legal, eu passei minha carteira do curso que eu estava fazendo na Aerodinâmica, nem cobrei, mas tinha a carteira. O cara broncou: "Isso é carteira fria". "Fria nada, cara. Não gente que está querendo meu bolso". Passei a carteira de estudante que eu ainda tinha, aí passou o documento de alistamento militar. O cara broncou: "Carteira fria, heim, negão? Vai com a gente". Não teve jeito. O cara fez a gente entrar na baratinha e mandou a gente esticar a mão bem pra frente. Que jeito tem? É sempre assim, né, irmã? Sabe como é, né? Eles obrigam a gente a entrar no carro e é aquela humilhação, ficam passando a gente pela localidade, que é pra todo mundo ver. E eu com irmã de menor. Como é que fica a minha autoridade?

Carlos aperta o dedo para o próprio punho, mostra a pele: "É esta cor, não é, irmã? Eu ainda disse: por que é que você quer me prejudicar, você ganha o quê com isso? Foi aquela, quando eles levaram a gente prum terreno baldio eu vi que tinha que fazer alguma coisa. Ai eu disse: "Que é que há, cara?". Ele disse: "Delapédia e 221 (Hócio)". E a gente de cara limpa, heim, irmã. Ai eu falei: "Te passo uma perna (nota de Cr\$ 100) pra você livrar



No MAM, antes de mais uma sessão soul

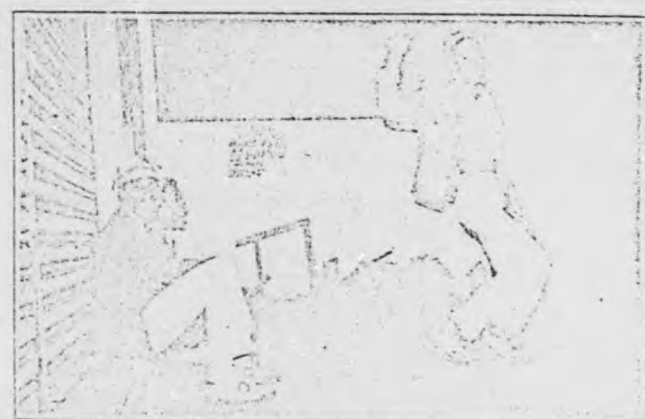


Calças tubinho e sapatos de vários "andares" são uma espécie de uniforme, complementado ao gosto de cada um



059

Em Rocha Miranda, o batom completa a maquiagem do black



Em Ramos: fora do baile, na rua, também se dança

a cara da gente". O cara nem nada. Ai eu ofereci uma perna e mais. O cara só rejeitou quando eu disse que tinha duas pernas. Ele perguntou: "Dá aí com você?" Não, estava em casa. Ai ele disse: "Você vai lá e apanha. Esse fica aqui, se tu não voltar, já sabe, a gente fecha ele". Poza, irmã, que sufoco. Cheguei, apañei duas pernas, eu só tinha aquelas, era um bisote que eu fiz, um alívio que o coroa me deu também. Entreguei tudo pro cara. Ai ele olhou, eu e meu primo. Devolveu os documentos da gente e disse: "Isso é pra vocês aprenderem". Aprender o quê, heim, irmã?

Os encontros soul, inicialmente, eram divulgados de uma para a outra pessoa. Depois alguns muros da cidade passaram a funcionar como quadros de aviso, agora menos usados porque baixou a fiscalização multando as equipes anunciadas (elas são amadoras e não pagam direitos autorais). Quase simultaneamente começaram a aparecer os volantes, distribuídos uma, duas ou até três semanas antes (a Soul Grand Prix, para uma festa com um distribuído 40 mil), nos diversos bailes da cidade. Os volantes, além do nome da equipe, mencionam as atrações da noite, os prêmios que podem ser distribuídos entre os dançarinos, as condições que dão acesso aos clubes: Grêmio de Rocha Miranda, Av. dos Italianos, 232 apresenta a maior festa da cidade. O 3.º aniversário da Horus. Dia 17 de junho. Sábado, 10 horas. Horus, o antecessorante só nos e o presenteando é você. Condições: 900 — Penha — N. Iguaçu — B. Roca — Méier — V. Nova — Cascadura — Jardim Botânico — Cascadura — Vilar dos Teles. Com este entrada grátis. Ou Vitória T. C. Rua Porto Alegre. Hulk apresenta Os Gigantes do Soul Messie Ltda. File de Wattstar. Santos. E lançando a vedete Cia Soul. Atenção: Hulk oferece ao melhor dan-

çarino Cr\$ 500,00. Ou ainda: Atenção: William Hulk oferece um sapatinho ao melhor dançarino. Hulk, no caso, é o empresário, o homem que arranja bailes para as equipes. Mas, de modo geral, elas mesmas tratam de se empregar. Os clubes podem levar de 20% a 50% da bilheteria, ou ter contrato com as equipes. A Black Power tem contrato com o Boêmio de Irajá, para onde carrega no mínimo, 3 mil pessoas cada sábado. A Soul Grand Prix com o Maxwell, cuja lotação se completa a cada domingo.

Perguntado se as equipes de soul estão lhe trazendo prejuízos, comprometendo seu mercado de bailes, Big Boy responde:

— Estão. Atualmente, a Soul Grand Prix, que não tem a metade do material que eu tenho, ganha Cr\$ 10 mil por baile. Eu ganho Cr\$ 5 mil.

Big Boy e a Rádio Mundial também sempre foram divulgadores dos bailes soul, cada chamada custando, hoje em dia, nunca menos de Cr\$ 300 ou Cr\$ 500. E cada equipe usando de cinco a 10 chamadas por dia. Para o 2.º Soul Grand Prix, festa de lançamento do LP *Dynamic Soul*, no Olaria Atlético Clube, sábado, dia 17, as chamadas anunciadas como atrações, além da própria *Dynamic*, Big Boy, Boot Power, Toni Tornardo, Monsieur Lima, Soul Grand Prix, Ademir Disco Show, prevendo-se que seja esta a maior festa da temporada. Os volantes anunciaram ainda filmes, distribuição de discos, carnês e abrasivos *Dynamic*. A promoção é da Tapcar Gravadora, que está entrando no mercado. Anunciam ainda, para domingo, dia 18 de julho, a *Dynamic* na Igreja de São Mateus, o que remete aos conjuntos negros americanos que se apresentam em igrejas. Não se esqueçam de lembrar que Archie Bell vem aí e indicar as condições diretas: Caxias, Nova Iguaçu, Campo Grande e Jacarepaguá.

— Desde pequeno eu frequentando o soul. Tenho o maior orgulho de ser black. Por quê? Não sei explicar. White no soul? Não. Eu sou contra. Só se for white ligado na gente. (Sérgio F. S., 16 anos, estudante, negro).

— Acho que todo black, morou?, tem que curtir. White aqui? Acho que não deve, mas se ele quiser vir, pode vir, a gente mostra pra eles como é que a gente é. A gente é melhor. Não precisa discriminar eles, é isso que eu acho. A gente pode ensinar os whites a ser gente. Eles tratam a gente de cima, e a gente não precisa fazer isso com eles. A gente é melhor, morou?, não precisa deles pra nada. Eles são tudo cocota. (Antônio F. C., 16 anos, ajudante de operário. Frequenta o Clube Belém, em Caxias).

— Black não pode transar mina white. Mulher branca não combina. É muito fria, morou? (José Carlos Alves, 18 anos, soul no Império Serrano).

— Já fui barrado stih. Num baile de cocota no Cascadura... (José Roberto Azevedo, 18 anos, operário).

— A pessoa — morou? — tem rainha porque tem muito clube aí, que não deixa a gente entrar por causa da cor. Tem um na Rua Toncleros que é assim. A gente vem pros nossos, deixa os white de fora. Meu sapato? Custou Cr\$ 250,00. Eu ganho salário. Mas eu tenho um mais bonito, de três andares. O pessoal sabe que eu me amarro e me deu de aniversário. Eu nem pude falar. Eu fiquei tão feliz... (Paulo Roberto dos Santos. Mora na Favela de Dona Marta, em Botafogo. Balconista de farmácia).

— O problema é o seguinte: em Mesquita tem dois clubes, o Mesquita Futebol Clube, que é da gente, e o Mesquita Tênis Clube, em que não entra preto. Eu fui querer entrar num baile no Tênis Clube, em janeiro, e não deixaram. Era um baile de conjunto. Eles disseram que a gente não

podia entrar, criava tumulto. E por isso que nos bailes black não tem white. Eu não faço isso, morou?, mas tem muito black que zinga os white, bate neles e tudo, como aconteceu no Império Serrano. O pessoal caiu de cocete em cima deles. Eles chegaram lá dizendo que o ar estava cheirando a preto, e isto e aquilo, entraram no cocete. (Sidney A. C., auxiliar de escritório, 17 anos)

"GOSTO DO IDI AMIN E DOS JUDEUS"

— A pessoa que eu mais admiro? Idi Amin Dada. Ele curte com a cara dos brancos todos. Gosto também dos judeus. Eles são discriminados como a gente. (Maria Célia Rosa, 19 anos, normalista)

— A rapaziada que é mesmo da cor, que tem esse preconceito com eles, nem entra em festa de requete. Roquete é cocota, white e drogueiro. Tem uns pretos que botam umas calças cocota e vão pra lá dizer que também são, mas eu acho que não pega bem pra eles. Será que eles não têm que o cabelo deles é duro também? Acho que eles queriam ter aquele cabelo de parafina, lizo, não, caído pros lados! White tem é inveja do cabelo da gente, porque não pode fazer igual. (Edson M. S., 16 anos, estudante. Coroa de Ramos)

— Num festa soul em me sinto muito feliz, livre. Não pela música, mas por ter muito negro junto, entende? É o maior barato. Acho que não é preciso imitar os negros americanos. Nós não precisamos deles, nós temos as nossas danças, nós marcamos os nossos passos. Mas já que o caso é soul, eu adoro ir às festas, ver aqueles negros lindos, nós ficamos maravilhosos assim, todos unidos. E por isso que eu danço, que eu

fico louco. (Vanda Cassa, 20 anos, dançarina de afro).

A próxima etapa do soul power (expressão que as integrantes das maiores equipes, daquelas que como a Soul Grand Prix preferiam-se para tornarem-se fiéis, repõem) é a Zona Sul. E colocar a massa black nos clubes, nos salões. E recuperar o Mourisco que, na opinião dos blacks, foi o lugar da "derrota do samba negro". O pessoal do rock está se preparando. Segundo afirma, não há o que temer: a Zona Sul jamais deixará os atuais cultores do soul, embora possam aceitar a dança, desde que ela "fique um pouco mais civilizada". Carlos Maria Sosa Júnior, estudante de Medicina, 20 anos, um dos líderes da Equipe Transa Som, do rock, expressa o pensamento da gang do rock:

— A gente está sabendo que eles vão entrar dia 31 no Mourisco, que eles querem tomar a Zona Sul. Acho difícil. Porque quem gosta de rock não vai para o soul, e a Zona Sul é toda do rock. Eles não vão conseguir tomar conta dos clubes daqui, porque isso aqui é impossível. Eles podem vir, mas a maior parte do pessoal brown — não é deslealdade de ninguém — é um pessoal mais pobre, é uma turma posada, entende? Eles como este aqui (Caroca Esparte Clube, na Rua Jardim Botânico, na Gávea), por exemplo, que estão interessados em fazer uma boa imagem, só vão querer rock. Vou fazer um negócio mais elevado, pra atrair um pessoal de mais situação financeira. Não vai haver possibilidade de o pessoal do soul tomar conta dos salões, porque os clubes não permitirão. O diretor aqui proibiu o soul, exatamente para evitar que essa turma black venha pra cá. É uma questão de classe, entende?



O SOUL, DO GRITO NEGRO À CADERNETA DE POUPANÇA

Soul invade a Zona Sul. A frase, encabeçando os volantes publicitários do baile de 31 de junho, no Mourisco, em Botafogo, anunciava, ao mesmo tempo um programa e uma plataforma do povo black do Rio. O programa, na sua parte mais concreta e mais imediata, cumpriu-se. Nove mil jovens, em sua forte maioria vindos da Zona Norte e da Baixada Fluminense fizeram um baile no Mourisco, que começou às oito horas da noite de sábado e se encerrou às cinco horas da manhã de domingo. Durante o encontro, os blacks assistiram aos filmes com Steve Wonder e Isaac Hayes, cantores negros de soul; exibiram roupas as mais exóticas, que incluíam casacos feitos com chifre, veludo ou peles e velhas capas de chuva, de xantunpue, improvisadas em capotes; e toucas de banho, de plástico e coloridas, usadas a modo de boina ou boné.

Consumiram 10 mil garrafas, entre cerveja e guaraná, predominando o refrigerante. Funcionaram como júri no concurso

que elegu o candidato (eram cinco) mais parecido com Isaac Hayes, premiado com uma caderneta de poupança no valor de Cr\$ 1 mil. Assistiram ao debut do discoteário Monsieur Limá que, vestido de cetim verde-folha, inaugurava a sua equipe de zom, a Soul Discotheque. Apresentada, como é de praxe em festas assim, pelas duas outras que participavam também do encontro, a Soul Grand Prix e a Black Power, mais velhas e estabelecidas com público próprio e certo, madrinhas da nova Discotheque, companheira e concorrente na disputa da massa black, Limá vê a concentração soul de maneira pragmática: "Isso devia até ser estimulado pelo Governo. Não é fazer virar folclore, mas estimular. Porque se não houvesse os bailes, essa massa de um milhão e meio de pessoas que circula aos sábados e domingos pelo soul iria fazer o quê? Iria divertir-se como? Se não houvesse isso, eu garanto que haveria um aumento grande nos assaltos, nos finais de semana,

na, o pessoal sem ter o que fazer, sem ter como se divertir. O Governo devia encorajar."

Se o programa — vir à Zona Sul — cumprisse a plataforma — a tomada efetiva dessa parte da cidade pelo soul — dependerá ainda do comportamento dos diretores de clubes, de aceitarem ou não equipes e seguidores. Mas os soul powers não parecem preocupados com isso: já provaram que podem vir quando quiserem; que, quando quiserem, podem carregar 9 mil pessoas para um clube fora das jurisdições de subúrbio e Baixada. Ainda assim, informa M Limá, está prevista uma festa para setembro.

Apareceram no Mourisco centenas de prospectos anunciando próximas festas. Delas, a mais importante será a de sábado, dia 7, no Templo do Soul. É a 5ª. Procissão do Soul, com a participação de oito equipes: Soul Grand Prix, Petrus, Alma Negra, Sorae, Scorpio, Danger Soul, Black Soul e Root Power. A palavra procissão vem substituído encontro. Mas o volante mais significativo da Noite do Shift de Ouro ficou por conta da equipe Dynamic Soul. É um edital dirigido ao povo soul e revela, pela primeira vez, o esboço de uma estrutura econômica e de uma intenção social ao movimento.

A Dynamic Soul não pertence somente aos clubes, mas também, individualmente, a todos aqueles que são adeptos do soul. Ela surgiu da nada e hoje ocupa uma posição, graças a você. A você devemos o lançamento de nosso LP. A você devemos o nosso

nome. A você devemos o nosso sucesso. Agora, queremos retribuir tanta generosidade. Nosso elo é o Funk soul, que vem direto do fundo da alma e faz pulsar o sangue em nossas veias, som puro, vibrante, jovem e viril.

Você tem plenos poderes para nos dirigir críticas e conselhos. Aceitaremos todas as sugestões que possam tornar mais efetiva a nossa união. A equipe Dynamic é sua: não nos interessa a sua origem, apenas que você seja um adepto do soul music.

Procure-nos em nossos bailes. Mesmo que você não possa entrar. Tudo faremos para conseguir-lo. O ideal de nossa equipe é elevar cada vez mais a maré alta do soul music. Se você tem alguma dificuldade, tentaremos ajudá-lo, inclusive para conseguir um emprego. Vamos provar que os seguidores do soul são rapazes e moças pacatos, educados, ordeiros, retirando qualquer imagem deformada ou negativa.

Colocamos à sua disposição um departamento jurídico para atendê-lo e aconselhá-lo gratuitamente. A Dynamic Soul, a partir deste edital, é uma instituição para beneficiar o soul e você.

Dynamic Soul não é ganância: é bondade e consideração. Pedimos apenas a sua compreensão e colaboração, para elevar o nome da soul music.

Até o fim do ano, na Associação Atlética Oswald Cruz, em Oswaldo Cruz, estaremos realizando nossa grande festa motivada pela nossa união: o Baile da Gratidão, todas as sextas-feiras. Procure-nos.

O NEGRO VISTO

MARIA Beatriz Nascimento, 34 anos, formada em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, atualmente pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas, vem, há três anos, trabalhando num ambicioso projeto: reescrever, de forma interpretativa, a história do negro no Brasil. O que ela pretende não é realizar um trabalho convencional de mergulho no passado, mas estabelecer uma relação de continuidade histórica que, partindo do passado, possa levar a uma nova compreensão do papel do negro na história brasileira, incluindo seu presente. Sobre isso, Maria Beatriz falou a MANCHETE: — Foram motivos pessoais ou científicos que a levaram a escrever a história do negro no Brasil?

Maria Beatriz — Difícil separar as duas coisas. Ainda no tempo de estudante eu sentia uma grande necessidade de conhecer e de entender o papel do negro na história brasileira. Neste campo existe um vazio muito grande em termos de conhecimento. Além disso, sentia que não bastava apenas, um maior número de informações sobre o assunto: é necessário que a história seja reescrita de uma nova perspectiva, crítica, reformista, que se reavalie tudo o que se tem sobre história e sociologia do negro. Ao nível existencial, sendo negra, acho necessário que tudo isso seja analisado da perspectiva do negro, enquanto sujeito da História.

— O seu trabalho vai revelar novos documentos sobre o tema?

— As fontes que estou utilizando são conhecidas, em parte pelo menos. Utilizo muita bibliografia estrangeira, especialmente norte-americana. Em termos de documentos de fonte primária, o que restou foi muito pouco e uma boa parte se encontra em Portugal, no arquivo da Torre do Tombo. Esses documentos, que eu já utilizei, são, na sua grande maioria, de uma fonte específica: a polícia colonial.

Nelas, o negro aparece quando há necessidade de reprimi-lo. Estou também me baseando em dados da história recente: o que eu quero não é narrar acontecimentos do passado, mas estabelecer o que há de continuidade entre o passado e o presente do negro no Brasil.

— E em que aspectos você percebe e estabelece essa continuidade?

— O tema do meu trabalho é o quilombo. Na minha opinião, ao contrário do que me foi ensinado e do que ainda hoje se ensina nas escolas, o quilombo não foi uma tentativa de rebelião pura e simples contra o sistema escravocrata. Foi também uma forma de organização política e social com implicações ideológicas muito fortes na vida do negro no passado e que se projecta, após a abolição, no século XX.

— Isto é, o quilombo na sua opinião ainda sobrevive?

— Sobrevive, não na sua forma original, mas como uma tradição de vida do negro brasileiro. O fundamental é que essa é uma forma de vida do negro brasileiro em qualquer época. Um exemplo, estudando-se a documentação da polícia do século XIX, percebe-se que determinados regiões do Rio de Janeiro, como o Catumbi, os morros de São Carlos e Santa Marta e outras favelas atuais foram, anteriormente, lugares onde existiam quilombos. Ou, durante a seca do Nordeste, em 1877, os grupos migrantes que se dirigiram para a Amazônia estabeleceram-se em núcleos formados por ex-quilombolas. A continuidade histórica aí pode ser percebida mesmo ao nível geográfico.

— Embora as favelas do Rio de Janeiro tenham uma grande concentração de população negra, nelas também habitam grupos de outras origens raciais. Como é que você estabelece, então, essa continuidade em termos de quilombos?

— O próprio quilombo colonial e na era apenas reduto de negros, embora estes representassem a maioria de sua população, mas, pela sua origem social, integrava negros e outros oprimidos, índios, por exemplo, e mulheres brancas. A tradição diz que essas mulheres eram trazidas à força pelos quilombolas, mas aí está um outro aspecto que é preciso rever.

Uma sociedade que cria valores próprios

— E quanto ao que você chama de organização social e ideológica do quilombo?

— Isso é, para mim, o aspecto mais

importante, ainda insuficientemente estudado pelos historiadores. É evidente que a fuga, o suicídio, o aborto ou o assassinato de brancos existiram como uma espécie de reação mesmo ou de vingança contra os sofrimentos infligidos aos escravos. Mas não foi apenas a necessidade de fugir que permitiu o estabelecimento da sociedade quilombola. Foi, isso sim, a capacidade de criar uma sociedade alternativa, com valores próprios, diferentes dos valores dominantes na sociedade em que os negros foram integrados à força.

A fuga, no caso, era fundamental, uma vez que os negros, enquanto presos às fazendas, não tinham condições de enfrentar militarmente seus dominadores. Mas é ao organizar sua própria sociedade que o negro se afirma e se torna autônomo. Por isso, eu me preocupo mais em desvendar os aspectos relativos à paz quilombola, pouco conhecidos, do que com a rebelião em si.

— Que características tinha essa paz?

— Os momentos de paz correspondem, basicamente, ao desenvolvimento social e econômico dos quilombos. Períodos em que se desenvolveram a agricultura, a pecuária, o fabrico de instrumentos de trabalho e de armas para a defesa. Nestes períodos, os quilombos chegaram a estabelecer relações econômicas dentro do sistema, alugando suas pastagens para o gado de pequenos proprietários, comerciando seus produtos com os habitantes das vizinhanças. Por isso, a repressão que sofreram não se explica, ou não se espanta, no fato de que os negros rebeldes prejudicavam a sociedade colonial diminuindo seu potencial de mão-de-obra. A sociedade os reprimiu mais duramente em momentos de crise econômica, quando os quilombos vitoriosos chegaram a representar uma ameaça, como seus contornos dentro do próprio sistema.

— Como você explica a existência de escravos dentro dos quilombos?

— O quilombo está longe de ser o lugar de liberdade, a sociedade ideal, a utopia descrita por parte da intelectualidade branca em espetáculos do tipo Arena Conta Zumbi. Considero mesmo reacionária essa concepção, pois mostra apenas um aspecto: o negro frágil, perseguido, sofrido,

bonzinho. O quilombo, como qualquer sociedade humana, tinha suas próprias contradições. A escravidão entre elas, embora essa escravidão não fosse idêntica à escravidão colonial, não chegasse aos limites de crueldade verificadas na sociedade branca.

— Na sua opinião existe um vazio de conhecimento a respeito do negro ou, então, ele é apresentado de uma forma idealizada. Como e porque você pretende desidealizar essa imagem?

— Considero importante desidealizar o quilombo, porque isso significará desidealizar o negro, libertá-lo de sua suposta fragilidade. Historiadores norte-americanos, por exemplo, têm-se mostrado

surpresos com o que chamam a "doloridade do negro brasileiro" — isso se explica, em parte, pelo obscurantismo em que o negro foi mergulhado em relação a si próprio às lutas do seu passado. Quando uma criança negra ouve, na escola, que os africanos viviam livres, dançando, caçando nas florestas, quando foram aprisionados e transportados em navios negreiros — essa criança pode ficar revoltada contra a brutalidade da escravidão. Mas, ao mesmo tempo, ela se sentirá, enquanto negra, depreciada: então os negros eram assim tão frágeis?

A lucrativa escravização dos africanos

— E na realidade não eram?

— Tudo fica mais compreensível quando se diz a essa criança que houve um acordo, uma complicidade, entre os reis europeus e os próprios reis africanos, que viam na escravidão do homem africano uma possibilidade de lucro. O negro, então, não foi só vítima da escravidão. Os soberanos africanos, cúmplices dos mercadores de escravos, foram também algozes. — E em que medida pode ser bom saber que o negro foi também algoz?

— O que vou dizer pode parecer reacionário. Mas, para o homem em geral, dominar, vencer, significa ser forte. E aí está uma das chaves do problema: é preciso mostrar ao negro a verdade histórica, dando-lhe oportunidade de tomar

A pesquisadora Maria Beatriz Nascimento reinterpreta os quilombos e fala sobre a continuidade histórica de seu comportamento no Brasil de hoje

POR ELE MESMO

Maria Beatriz Nascimento tem nova interpretação sobre o funcionamento dos quilombos no Brasil e suas profundas implicações ideológicas.



conhecimento de sua própria força. Ele precisa saber que pode dominar, pode organizar uma sociedade e fazê-la vitoriosa. Se ele vai usar essa força para dominar os outros ou simplesmente para libertar-se, afirmar-se, é problema dele. O importante, inicialmente, é recuperar a consciência de sua força, sentir-se potente. Ou seja, que negro não é sinônimo de vencido. Saber, por exemplo, que houve toda uma preparação militar e ideológica anterior à constituição do quilombo. Que, embora o escravo também praticasse a fuga pura e simples, houve também a fuga preparada, discutida ainda na senzala, prova disso é o fato de que primeiro fugiam os homens. As mulheres e crianças só eram levadas quando o quilombo atingia um estágio de organização que possibilitasse sua própria defesa.

— Não eram movimentos espontâneos?

— De maneira nenhuma. O quilombola típico, se assim podemos dizer, não fugia apenas dos maus tratos e da escravidão. Um homem em condições físicas e psíquicas normais, embora vivendo sob um sistema de instituição vigorosamente opressora, poderia voluntariamente imaginar para si instituições mais de acordo com as suas potencialidades e aptidões, o que era impossível de realizar dentro da ordem social escravocrata. O quilombo não foi o reduto de negros fugidos: foi a sociedade alternativa que o negro criou.

Intervenção intelectual do preconceito racial

— E você, pessoalmente, como se sente hoje, enquanto negra brasileira?

— Eu sou eu e eu sou negra. E, enquanto negra, sou um produto das relações raciais no Brasil, relações que estão numa situação que se pode chamar de caótica. Por exemplo: em termos de recenseamento da população brasileira não sou mais negra. O censo demográfico aboliu o quesito cor. Não existe mais negro no Brasil. Tomos declarados, a nossa revolta, como integrantes de uma democracia racial. Deixemos as leis de lado, observemos a vida: existe preconceito de cor no Brasil? Im

que medida? Se somos um país de iguais, que motivos tem o negro de lutar por melhores condições de vida? Por outro lado, na minha opinião, ainda existe, no Brasil, uma cultura própria, uma forma de vida do negro, que só poderá ser conhecida na medida em que o próprio negro se identificar enquanto negro. Mas aí está outro problema: é interessante para o negro que isso seja conhecido fora do seu meio, ou ele estará correndo o risco de fornecer mais elementos de conhecimento sobre si, facilitando a utilização desses conhecimentos contra ele próprio? É preciso desconfiar o negro, no momento, está desconfiado.

— Como é que você sente essa desconfiança?

— Veja, por exemplo, a discussão em torno das escolas de samba: branco pode? Não pode? A entrada do branco na escola a descaracteriza ou não? Outro aspecto: as religiões afro-brasileiras não são abertas como a religião dominante. Para se chegar aos verdadeiros cultos afro-brasileiros é preciso vencer toda uma resistência que parte justamente da desconfiança dos seus integrantes, que se negam a fornecer as chaves da compreensão. Esse intimismo do negro é significativo. E tem também sua contrapartida: o negro não se mostra, mas, para falar em termos grossos, "permite que no seu lugar", isto é, ocupa os espaços sociais que lhe permitiram ocupar, mantendo, indiretamente, a discriminação.

— Quais são os espaços que o negro ainda tem que conquistar?

— O negro não tem apenas espaços a conquistar, tem coisas a reintegrar também, coisas que são suas e que não são reconhecidas como suas, características. O pensamento, por exemplo, fico chocada quando se dá ao branco a cabeça, a racionalidade, e ao negro o corpo, a intuição, o instinto. Negro tem emocionalidade e intelectoabilidade, tem pensamento, como qualquer ser humano. Ele precisa e recupera o conhecimento que é também seu, e que foi apenas apoderado pela dominação. E por aí vamos chegar à discussão sobre a posse do conhecimento. É a Bacon, que tem toda razão quando diz que conhecimento é poder.

d

063

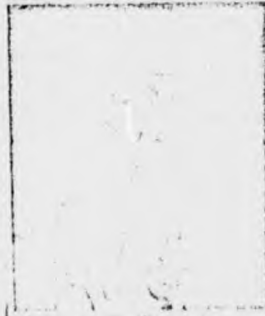


Um dos integrantes do movimento é Antônio dos Santos (à direita), que adora ser chamado de "Mr. Santos, please". Acima, dois personagens típicos do Black Rio: o homem de óculos escuros, boné e cachimbo, a mulher a ostentar com orgulho seu bem cuidado penteado afro.



Reportagem de Tatlis Balista e Fotos de Antônio Rudge

OS RELACIONES NO ENTORNO DO SUJITO



Até as poses às vezes parecem repetir os personagens do Hallett mostrados nas cenas de TV.

Colôres e paletós podem parecer pouco adequados ao color catioca, mas se o negro americano usa, não há porque deixar de imitá-lo.

CULOS escuros, chapéu na cabeça, paletó comprido, às vezes colorido, sempre lascadinho atrás, eventualmente terno branco, cachimbo trabalhado, gravatinha-borboleta e, para completar, o indefectível sapalão de quatro solas — vermelho ou branco, pitais preto. Essas roupas vistosas, no estilo dos negros americanos, viraram uma rotina em bailes e reuniões de Caxias, Madureira, Vilar dos Teles, Cascadura, Periba, Vila Isabel, embora até há pouco tempo tudo não passasse de uma brincadeira espontânea no calçadão perto da estação de

Caxias, ao som de uma etrola de pilha. Um baile hoje consegue reunir até 15 mil pessoas, fortalecendo esse movimento dos negros do grande Rio e dos subúrbios cariocas, considerado por eles mesmos "musical e não contestatário". E a adesão às fórmulas musicais fabricadas em linha de montagem, no exterior, dificilmente poderia sugerir algo além do mero conformismo de uma gente simples, despreparada talvez para resistir ao bombardeio dos modismos pela mídia — especialmente o rádio, a TV e o cinema.

SIGUE



A bongaia de Osvaldo Gomes (durante uma dança no calçadão na primeira foto da esquerda) virou moda e agora custa C\$ 300. Na foto do meio,

Os sapatos podem ser até sete solas. Li a verdade é um ritual complicado, com punhos que se tocam numa sequência tão rápida quanto o grau do conhecimento

NINGUÉM sabe precisar como tudo começou. Uns atribuem o papel de pioneiro a Antônio dos Santos, um negro alto, sistematicamente de roupas coloridas, que mora num sobrado da Rua Henrique Valadares, em Duque de Caxias. Outros valorizam mais o trabalho do bancário Paulo Santos, figura simpática, lábios grossos, maneira suave de falar, "amante desde pequeno da soul music de James Brown, Marva Whitney, Kuff Thomas e muitos outros". Os dois nem sequer se conhecem — e não reclamam distinções ou honrarias pela sua participação no movimento. Até hoje se espantam com o interesse da imprensa, iniciado com uma reportagem da

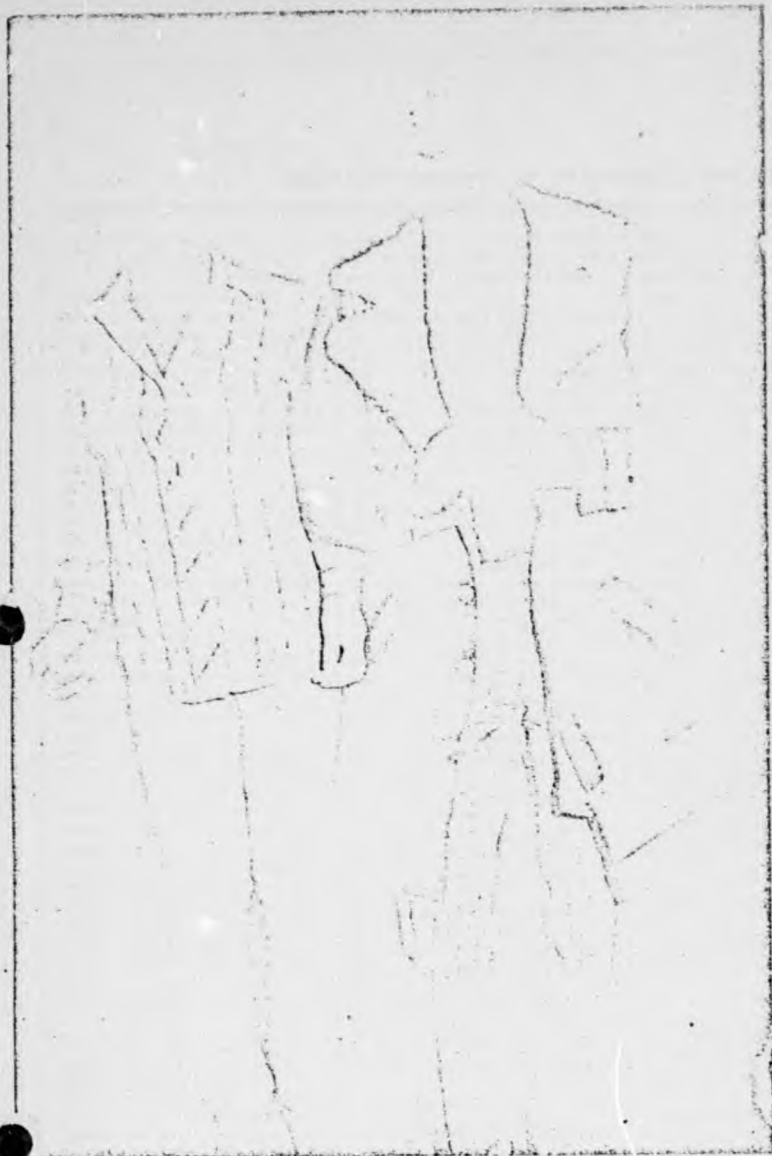
jornalista Lena Farias, que também balizou o movimento de Black Rio. Mas eles já perceberam que a coisa não se limita mais às reuniões no fim de semana de mais de 300 pessoas no calçadão de Caxias ou de milhares nos bailes, para a curtidão dos últimos sucessos da música soul, lançados por gravadoras especializadas americanas. Verificase uma mudança também na moda e no comportamento das pessoas. O grande Rio e os subúrbios cariocas, antes adeptos retardatários dos modismos de Ipanema, de repente se dão ao luxo até de criar suas próprias pratas, ainda que sejam as vezes a mera repetição de palavras estrangeiras com pronúncia equivocada.

SEGUI



Os bailes são sempre animados e os sapatos são vendidos, sob enco

066



o ritual do cumprimento. A direita, um baile no Mourisco.

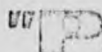


O disc-jockey Monsieur Lima (alto, branco, latina a soul music na Zona Sul, mas a Zona Norte já trouxe Archie Bell ao vivo (acima).



Os e às vezes chegam a reunir 15 mil pessoas. Os nada, em duas horas.





ELÉ? Este jamais se preocupou em ajudar os negros"



O início, as reuniões eram no Cantinho Musical, no Mercado de Caxias, para ouvir soul music", conta Antônio dos Santos, que adora ser chamado de "Mr. Santos, please". Depois, o grupo cresceu muito e surgiram problemas de espaço. "Como já éramos mais de 50 e a loja muito pequena, resolvemos mudar o local das reuniões. Foi quando descobrimos o calçadão."

O grupo reuniu algum dinheiro e comprou uma eletrola a pilha. "Era chegar lá, comprar o disco e sentar nos bancos do calçadão para ouvir. Mas só baixinho, pra não perturbar ninguém", explica ele.

O grupo acostumou-se às reuniões. E o contato frequente criou também a solidariedade entre eles, segundo Antônio. "Quando alguém tinha problemas, os outros procuravam ajudar. Uma vez fizemos uma vaquinha e saímos às pressas para comprar um terreno na Duca para um que tinha de tentar um emprego no dia seguinte."

De repente, eles perceberam que já eram mais de 100 — todos negros, fazendo do calçadão o seu ponto de encontro nas tardes de sábado e domingo. "Vinha gente de todo lado. De Madureira, Bangu, Campo Grande, Nilópolis e muitos outros bairros."

Quando a polícia começou a manifestar sua preocupação, com bailes frequentes, os próprios comerciantes do lugar saíram em defesa do grupo — "gente inofensiva, que não cria grandes problemas e até estimulava as vendas", disseram. Paulo Santos, por ter resolvido dar o nome de Black Power à sua equipe de som, também teve de enfrentar a polícia. Foi duas vezes ao DOPS para explicar que sua intenção era apenas comercial, não envolvendo de nenhuma forma, qualquer tipo de contestação. A agência bancária onde trabalha tomou a iniciativa de atestar a sua idoneidade.

Hoje, as equipes de som dedicadas exclusivamente ao repertório da música soul já são mais de 300. Tão conhecidas como a Black Power são a Furacão 2001 e a Soul Grand Prix. Esta última, nascida há três anos no Clube Remanescente, dona de moderno equipamento de som, montou uma seleção dos melhores cantores de soul num disco que, segundo Ademir Lemos, o produtor, "já vendeu

mais de 150 mil cópias". Depois disso, uma gravadora contratou a Grand Prix com exclusividade por três anos.

As lojas que mais vendem discos de soul music estão nos subúrbios de Madureira e em Caxias. "Se continuar no atual ritmo de venda, a soul music vai desbancar o samba e a curto prazo", prevê o gerente da Motodisco de Madureira, com base nos números registrados em sua loja.

Situação semelhante acontece nas duas sapatarias especializadas na confecção dos sapatos usados pela gente do Black Rio. Carlos Souza, dono de uma delas, já foi obrigado a fazer, por encomenda, sapatos de até sete solas. "É incrível, não entendo como eles conseguem andar com isso. O sapato não é flexível, obriga a pessoa a andar arrastando os pés no chão. Além disso, é tão pesado que a pessoa deve sair esgotado após um baile."

Mas os clientes podem e a sapataria se limita a confeccionar. Souza tentou algumas inovações, como a divisão no meio da sola para facilitar o andar dos não-acostumados, mas nada disso deu certo. "Hoje, vendemos em média 100 a 150 pares por semana. Todos sob encomenda. Nossa capacidade de produção é limitada e esse tipo de sapato é totalmente artesanal. As vezes chegamos a recusar, tantos são os pedidos."

A juventude negra em busca de identidade

Há outros benefícios do movimento, além das gravadoras, sapatarias e lojas de disco. Os frequentadores dos bailes também usam bengalas, cachimbos, chapéus, óculos, bonês, jóias e pentes de fabricação especial. Osvaldo Francisco Gomes, um mulato de 23 anos, explica que agora terá de cobrar uns Cr\$ 300,00 pelas bengalas que faz. Para ele, a prosperidade começou no dia em que chegou ao baile com uma de suas bengalas. "Recebi de cara mais de 10 encomendas. A princípio, vendia a Cr\$ 50,00, mas percebi que tinha virado moda e subi o preço. Faço os cachimbos também. Tudo em bambu e com muita aceitação." Archie Pell and The Dreils foram os primeiros artistas estrangeiros contratados para uma apresentação num baile do

grupo. A iniciativa de contratá-los foi de Nirto, Aníllon e Luis Carlos, da equipe Soul Grand Prix, que pagaram mais de Cr\$ 120 mil por apresentação. Como o preço do ingresso era caro (Cr\$ 40,00), não conseguiram lotar o pinasio do Olaria, dia 18 de agosto. Mas sete mil pessoas estiveram presentes. Agora, eles esperam trazer outras atrações, com ingresso a um preço mais baixo. O público é sempre muito fiel às iniciativas do grupo. Uma fidelidade que se manifesta até nos gestos. Os blacks — eles se referem uns aos outros como blacks — repetem,

sistematicamente, por exemplo, o ritual do cumprimento: os punhos se tocam numa sequência rápida (quanto mais rápida a sequência, maior o conhecimento).

— Você sabe a origem desse cumprimento?

A pergunta é feita a um jovem de 17 anos, penteado conservado à custa de muito laquê.

— É o cumprimento dos nossos irmãos negros dos Estados Unidos.

Ele pouco sabe além disso. Como mal conhece também o significado de algumas das expressões em inglês que repete a todo mundo. I'm somebody. White Power. The Beautiful Black. E outras.

Será alienação? Um estudante de Sociologia que prefere não ser identificado, mas que participa ativamente das reuniões do Instituto de Pesquisa de Culturas Negras (IPCN), está convencido de que não se trata de alienação. "O negro brasileiro tem dificuldades de se identificar com suas origens, ao contrário do que acontece com os italianos, os judeus, os japoneses e outros grupos étnicos brasileiros. A presença do negro na nossa história ainda é muito folclórica. Não se dá crédito aos nossos heróis negros. E nos dias de hoje, que exemplos existem a ser seguidos pela juventude negra? Pelo? Este jamais se preocupou em contribuir para a ascensão do negro. Quando precisou de secretário, por exemplo, contratou um branco. Será que nenhum negro tinha condições de ser seu secretário?"

Segundo o jovem estudante, futuro sociólogo, fica mais fácil para o negro brasileiro identificar-se com os americanos. "Aberta a porta, então podemos tentar devê-lo

para as nossas coisas, a nossa história. Descobrir qual o seu papel na história do Brasil." A socióloga Lélia González, professora da Faculdade Estácio de Sá, interpreta tudo isso, no entanto, com uma forma importada de identificação consigo mesmo. "Tenho certeza de que não se trata de uma tomada de posição do negro, mas só uma identificação provocada pelo fenômeno da cultura de massa, que o americano faz muito bem." A primeira reação da Professora Lélia González, atualmente ministrando um curso de Cultura Negra no Parque Iajé, foi repudiar o movimento. Depois de se informar melhor, viu até aspectos positivos no fenômeno do Black Rio.

"Sabe? O soul me ajuda a viver melhor"

"Quando veio da África, acorrentado, arrancado de suas raízes, nação, cultura e família, lutando contra todos os elementos contrários, o negro conseguiu, sem deixar de assimilar os valores do colonizador, preservar alguns de seus valores — diz ela. — No momento, parece que acontece mais ou menos isso. Sofremos forte pressão da máquina de divulgação americana, impondo a soul music. Ela vem sendo absorvida, mas temos condições de preservar as nossas." Fumo, álcool e droga não sensibilizam os blacks do grande Rio, cuja maior preocupação é sempre cuidar a música. Jorge, um dos líderes do movimento, companheiro permanente de Mr. Santos, trabalha de dia como contínuo numa firma da Rua Sete de Setembro e estuda à noite. "Sabe de uma coisa? O soul me ajuda a viver melhor — diz ele. — Lendo a história dos caras do soul, as dificuldades que enfrentam antes do sucesso, resolvi voltar aos estudos. E agora só penso quando estiver formado em Engenharia ou Arquitetura."

O cantor e compositor negro Gilberto Gil, pertencente a uma outra geração, também vê aspectos positivos no movimento. "Num repente, eles não se conscientizam do seu papel no mundo e passaram a buscar novos caminhos, melhores condições de vida para si e para os outros — explica Gil. — A música é assim. Há tanta cara por inteiro, de surpresa.

"Nesta de singular valor, grande íntimo e consciência rara, esta é o espetáculo dos mais, pouco a sua própria, logo a fertilidade das ideias surge de um século, as suas de exemplo." (Excerto de "Notas Inéditas do Iluminado de Pernambuco - documento da Comissão Ultramarina")

Na crônica das lutas do povo brasileiro, 1976 marca o tercio centenario da revelação de um lider que, obscuro durante muito tempo, adquire, numa visão historica moderna, as dimensões de um herói: Zumbi, o negro que durante 17 anos chefiou a resistência do quilombo dos Palmares aos senhores de escravos do Brasil colonial. Conduzindo a guerra de 1675 a 20 de novembro de 1695, data de sua morte, ele mostrou a espantosa qualidade de liderança politica e militar, criando uma legenda em torno de seu nome. Fonte de inspiração de escritores e artistas, a atuação de Zumbi é um tempo ainda pouco explorada pelos pesquisadores, que nele encontraram um rico material para os seus estudos. Neste artigo, uma tentativa de reconstituir a vida de Zumbi, a partir de fontes históricas, com base na obra de Artur Ramos.

A 20 de novembro de 1695 encerrava-se uma etapa importante da guerra dos Palmares. Nessa data, era morto na Serra dos Dois Irmãos, região elevada do atual Estado de Alagoas, o Governador das Armas dos Quilombos de Palmares, Antônio Soares, mulato, ex-lieutenant de Zumbi, depois de aprisionado pelo paulista André de Mendonça Furtado, enterrado um punhal no estômago do seu antigo chefe. Posteriormente, Furtado, Zumbi continuou a enfrentar adversidades. Quando não pôde mais suportar a situação, foi decapitado. Soares viveu tranquilo muitos anos em Recife, só vindo a morrer em idade avançada. Enquanto isso, seus irmãos e seus companheiros de luta continuaram a lutar pela liberdade dos negros no interior do Brasil. A história dos Palmares, desde a sua fundação até a sua queda, é uma história de luta constante, de resistência e de coragem.

Artur Ramos, quando se refere aos quilombos, ressalta neles o espírito associativo do negro brasileiro. Mas foi Euzébio Carneiro quem melhor caracterizou os quilombos. Via neles um acontecimento singular na vida nacional, "como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento de um novo, como organização social, como realização dos valores das culturas africanas, sob todos esses aspectos, o quilombo revela-se um fato novo, único, peculiar — uma síntese dialética".

De fato, o organizador dos Palmares foi um herói nacional de maior importância. No século XVII, quando o Brasil atravessava um momento dramático de sua história, humilhado pela invasão holandesa, Zumbi defende nos Palmares a união de homens livres permitindo que a jovem nação, subjugada ao poder colonial da coroa espanhola e internamente ao Governo dos bataves, sobreviva nas terras férteis do Nordeste. O estabelecimento de N'Gola Djanga, que os portugueses chamavam de Vila Rica, e que hoje conhecemos como Quilombo dos Palmares, concedeu a necessa-

riedade da Independência: o negro investe sua própria, tornando os quadros subalternos das forças armadas nas Guerras da Independência, através dos batalhões de Pretos Henriques, dos Faróis Livres e dos Liberais. Ele é também herói popular na Guerra do Paraguai, onde luta em troca de sua liberdade, muitas vezes não obtida. No processo de mudança do Estado monárquico para a República, a aquisição do trabalho escravo possibilita a passagem pacífica para o novo regime.

Palmares foi uma ação militar de grande envergadura. Ao longo de sua existência, Palmares teve dois chefes conhecidos. O primeiro, Ganga-Zumba, dirige a guerra desde o momento em que os autoritários coloniais iniciam a repressão aos quilombos no interior da Capitania de Pernambuco. Em 18 de junho de 1678, o chefe militar de Palmares vai ao Recife, acompanhado de uma embaixada constituída de pessoas de sua confiança, inclusive seus três filhos. A visita prenhe-se à necessidade que o Governador da Capitania tinha de obter uma trégua dos palmarinos, no momento em que procura reorganizar a economia da colônia, desorganizada a expulsão dos holandeses.

Palmares, considerado o inimigo de portas-adentro pelas autoridades portuguesas, estava totalmente autônomo da dominação colonial no Recife, o rei negro é recebido em Palácio, acontecimento comemorado com missa de ação de graças, assistida pelos dois chefes de Governo, Aires de Saude, de Capitania de Pernambuco, e Ganga-Zumba, do Estado de Palmares. Pouco antes, ao entrar na cidade, os palmarinos tinham provocado reação de "aterroramento e fúria" da população, relata Décio Freitas; "entraram com seus arcos, flechas e lanças, cada um com arma de fogo, cobertas as partes naturais, uns com panos, outros com peles, uns com barbas trançadas, outros corcadas, outros raspadas, corpulentos e valorosos todos". Diziam eles que queriam ter com os moradores comércio e trato, e que só pediam a liberdade para os nascidos em Palmares, desde que lhes fosse dado outro sítio onde pudessem viver sob a obediência do Rei de Portugal, mas livres.

POR que Ganga-Zumba concordou em fazer um tratado com os governantes inimigos? Pela distorção geográfica dos Palmares, seu quilombo é o mais avançado em relação à Capital pernambucana e por isso o mais fustigado pelas autoridades coloniais. Por outro lado, a colonização dos Palmares, constituída da geração mais nova, manifestou nos quilombos, começava a questionar o poder dos chefes tradicionais, com certeza constituída de africanos ou mestiços mais velhos. Em Recife, Ganga-Zumba recebe de Aires de Saude os termos verbais do acordo: 1) liberdade para os nascidos em Palmares; 2) concessão de ter-

ZUMBI

DE N'GOLA DJANGA OU DE ANGOLA PEQUENA OU DO QUILOMBO DE PALMARES

Beatriz do Nascimento



A luta contra a opressão abala a colônia até as Antilhas. No Sergipe, o Rei da Angola Pequena mantém seu país de seres livres: negros, índios e mulheres brancas. Há 300 anos



nos limites do quilombo, intensifica a produção agrícola e a metalurgia e decreta a lei marcial para os que tentem desertar.

Ao mesmo tempo em que consolida seu prestígio dentro dos Palmares, Zumbi promove a destruição do Cucuí, destruído encetada também pelo poder colonial, que não cumpre os acordos de paz. Com a infiltração de agentes de Zumbi no quilombo de Ganga-Zumba, muitos repressores dos Palmares clandestinamente, outros se aliam à liderança quilombola renegada, ameaçando Ganga-Zumba e a família Ganga-Zumba para a conferência com o Governador de Macaco. Ao iniciar-se a década de 80, as pressões sobre o Cucuí são intensificadas. Não surtiram efeito as negociações entre Ganga-Zumba e o sobrinho. Enquanto isso, no Cucuí, partidários de Zumbi enviam Ganga-Zumba e massacraram seus aliados imediatos. Ganga-Zumba, sobrevivente, junta-se às autoridades coloniais para promover a repressão aos membros da facção contrária. João Malato, Canongo, Amaro e Gaspar, líderes da conspiração, são degolados. O Cucuí é extinto e suas terras distribuídas entre os grandes proprietários da região.

A partir daí, Palmares torna-se muito mais agressivo. Em contrapartida, intensificam-se as expedições contra ele. Fatores externos contribuem para que as autoridades coloniais reprimam com maior constância os quilombos: revoltas negras explodem em todas as colônias escravagistas do Novo Mundo. Um dos focos principais são as Antilhas. Nina Rodrigues chama a atenção para essa guerra generalizada que ocorre nas colônias de grande matéria populacional negra. Como seus correlatos em Jamaica e São Domingos, Palmares ameaça o domínio colonial, exigindo uma ação repressora mais severa. Por outro lado, o Brasil vive as voltas com rebeliões de grupos indígenas; para abafá-las as autoridades lançam mão dos paulistas predadores dos nativos brasileiros. Esses paulistas serão chamados também para a guerra contra os quilombos.

DURANTE 17 anos, as várias expedições à região quilombola voltam ao Recife com a notícia da morte de Zumbi. São incoerentes os chefes de tropa que nesse período reivindicam a glória de terem morto o Governador das Armas. Da tal forma esse consenso de morte de Zumbi se espalha, que parte da literatura sobre Palmares defende a tese de terem existido tantos Zumbis quantos foram os chefes militares na história do quilombo. Entretanto, muitos documentos das autoridades coloniais estabelecem a identidade física do indivíduo que conduziu a guerra entre 1675 e 1695, provendo que se tratava de um só homem. Por outro lado, a crônica sobre Palmares não registra o nome de Zumbi co-

guerra contra os índios jagunhos (14 mil homens em revolta, espalhados por Pernambuco, Itamaracá, Paraíba e Rio Grande do Norte), engajando-se na luta contra os quilombos. A ferocidade dos paulistas (testemunhada pelo bispo de Pernambuco), alimentada pelo desejo de entrar na posse das riquezas acumuladas pelos quilombolas, faz desta etapa da guerra a mais decisiva.

Mas não foi o paulista quem venceu a guerra de Palmares. Foi o general João de Albuquerque, governador de Pernambuco, que derrotou Zumbi. A vitória foi conseguida graças à traição de um paulista, André de Mendonça Furtado. Entretanto, Palmares não desapareceu com seu chefe. O próprio Jorge Velho, em meio ao regimento do Conselho Ultramarino, chama a atenção para a continuidade de Palmares. E tinha razão, pois no começo do século XVIII um novo Zumbi surgiu na pessoa de Camanga, agrônomo de Palmares. Seu quilombo, na região mais ao Norte, foi desorganizado em 1704. Outros grupos palmarinos inauguram o quilombo do Cumbé, na Paraíba; mais forte, este só foi liquidado em 1701.

A trajetória de Palmares seguiu, grosso modo, a direção Sul-Nordeste do século XVIII levanta-se o grande quilombo de Sergipe, tão forte quanto Palmares. A ausência de estudos mais profundos impossibilita que se estabeleça uma ordem cronológica definitiva e ao mesmo tempo as relações entre os quilombos dos séculos XVII e XVIII no Nordeste. Entretanto, é fácil perceber que, pelo menos em termos geográficos, o quilombo de Sergipe é a continuação do movimento migratório dos quilombolas rumo ao Sul da região. Convém salientar que o momento da queda de Palmares coincide com o das descobertas de ouro e diamantes em Minas Gerais. Significativamente, os grandes quilombos do século XVIII se deram na região de economia mineral. Minas e Mato Grosso tiveram sucessivos quilombos de grande densidade populacional e longa duração. O século XVII foi a época áurea dos quilombos no Extremo-Norte Maranhão e Pará, e Rio de Janeiro e Bahia.

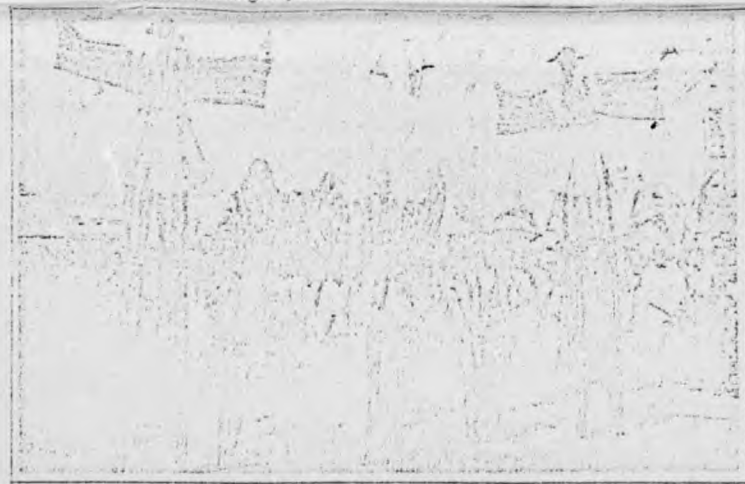
A maioria dos historiadores brasileiros que dentro dos quilombos os negros viviam harmoniosamente com segmentos da população pertencentes a outras etnias. A historiografia sobre quilombos resiste a uma organização para agrupar a riqueza que constituiu a formação social brasileira. Além dos negros, o quilombo acolheu índios e mestiços brancos, embora a literatura não fale de elementos do sexo masculino entre os últimos. Fatores que só mulheres brancas tiveram em quilombos, principalmente em Palmares. Segundo alguns historiadores, sua ida para Palmares

DE N'GOLA DJANGA OU DE ANGOLA PEQUENA OU DO QUILOMBO DE PALMARES

Beatriz do Nascimento



A luta contra a opressão abala a colônia até as Antilhas. No Sergipe, o Rei da Angola Pequena mantém seu país de seres livres: negras, índios e mulheres brancas. Há 300 anos



do Ganga leva para o Cucuí destacados chefes, inclusive o guerreiro Ganga-Zumba, irmão do rei e também tio do Zumbi. Sua defesa entrega nas mãos das autoridades coloniais a própria sobrevivência dos Palmares, pois os chefes que o acompanham são conhecedores dos segredos da região, as técnicas da guerra e os indivíduos que a empreendem. Em função desse perigo, é que Zumbi não hesita em estabelecer a ditadura da "seleção pública", como afirmam alguns historiadores. O novo Governador das Armas subordinava toda a existência dos Palmares às emergências da guerra. Submetido os homens a adestramento intensivo, multiplica as sentinelas

colônias também... do de entrar na posse das Pequenas acumuladas pelas quilombolas, faz desta etapa da guerra a mais decisiva.

... Mas não foi o capitão português quem viveu a vida de Zumbi... Zumbi não desapareceu com esta chefe. O próprio Jorge Velho, em meio ao regozijo do Conselho Ultramarino, chama a atenção para a continuidade de Palmares. E tinha razão, pois no começo do século XVIII um novo Zumbi surgiu na pessoa de Camanga, espírito de Palmares. Seu quilombo, na região mais ao Norte, foi desorganizado em 1704. Outros grupos palmarinos inauguram o quilombo do Cucuí, na Paraíba; mais forte, este só foi liquidado em 1701.

A
69

... trajetória de Palmares seguiu, grosso modo, a direção Sul. Nos meados do século XVIII levanta-se o grande quilombo de Sergipe. A ausência de estudos mais profundos impede que se estabeleça uma ordem cronológica definitiva e ao mesmo tempo as relações entre os quilombos dos séculos XVII e XVIII no Nordeste. Entretanto, é fácil perceber que, pelo menos em termos geográficos, o quilombo de Sergipe é a continuação do movimento migratório dos quilombolas rumo ao Sul da região. Contudo, assinala que o momento da queda de Palmares coincide com o das descobertas de ouro e diamante em Minas Gerais. Significativamente, os grandes quilombos do século XVIII se deram na região de economia mineral, Minas e Mato Grosso tiveram sociedades quilombolas de grande densidade populacional e longa duração. O século XIX foi a época áurea dos quilombos no Extremo-Norte Maranhão e Pará, e Rio de Janeiro e Bahia.

A maioria dos historiadores acredita que dentro dos quilombos os negros viviam harmoniosamente com segmentos da população pertencentes a outras etnias. A historiografia sobre quilombos ressalta a sua capacidade para aglutinar as raças que contribuem a formação social brasileira. Além dos negros, o quilombo acolheu índios e mesmo brancos, embora a literatura não fale de elementos do sexo masculino entre os últimos. Parece que as mulheres brancas viviam em quilombos, principalmente em Palmares. Segundo alguns historiadores, sua ida para Palmares era consequência da escassez de mulheres no Brasil colonial, uma realidade também quanto a população negra. Daí os quilombos serem vistos como espaços de equilíbrio demográfico em uma sociedade desequilibrada.

Quatrocentos anos depois de sua queda ao Poder colonial, Zumbi permanece vivo no imaginário brasileiro. De forma solene ou presente na consciência, ele sobrevive para a História como um mito e um herói tradicional de povo livre. Hoje, certamente, muitos o homenageiam repetindo as palavras do verso que era cantado nas horas mais difíceis da vida de Palmares e que ficaram guardadas numa canção popular do Estado de Alagoas: "Foi no ano de 1695 que o velho Zumbi, filho de sua 'Ngola D'Angola hoje é uma raça".

distância do quilombo dos Palmares aos terrenos de escravos do Brasil colonial. Conduzindo a guerra de 1695, data de sua morte, ele mostrou excepcionais qualidades de liderança política e militar, criando uma legende em torno de seu nome. Fonte de inspiração de escritores e artistas, a atuação de Zumbi é um tempo ainda pouco explorada pelos pesquisadores, que nele encontram um rico material para os seus estudos. Neste artigo, uma viagem para descobrir a história de Zumbi, o Rei da Angola Pequena.

A

20 de novembro de 1695 encerrava-se uma etapa importante da guerra dos Palmares. Nessa data, era morto na Serra dos Dois Irmãos, região elevada do atual Estado de Alagoas, o Governador das Armas das Capitanias de Palmares, Antônio Soares, então, ex-lagartim de Zumbi, depois de aprisionado pelo paulista André de Mendonça Furtado, entregou um parafuso no estômago do seu antigo chefe. Zumbi continuou a enfrentar os adversários. Quando não pôde mais resistir, fugiu para o Nordeste. Soares viveu tranquilo muitos dias em Recife, só vindo a morrer em 1696, vítima de um ataque cardíaco. Enquanto isso, seus filhos, já em fuga, continuaram a lutar contra os espanhóis. Quando não pôde mais resistir, fugiu para o Nordeste. Soares viveu tranquilo muitos dias em Recife, só vindo a morrer em 1696, vítima de um ataque cardíaco. Enquanto isso, seus filhos, já em fuga, continuaram a lutar contra os espanhóis.

Artur Ramos, quando se refere aos quilombos, resalta não o espírito associativo do negro brasileiro. Mas foi Edison Carneiro quem melhor caracterizou os quilombos. Via neles um acontecimento singular na vida nacional, "como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento de uma nova, como organização social, como realização dos valores das culturas africanas, sob todos esses aspectos, o quilombo revela-se um fato novo, único, peculiar — uma síntese dialética".

De fato, o organizador dos Palmares foi um herói nacional de maior importância. No século XVIII, quando o Brasil atravessava um momento dramático de sua história, humilhado pela invasão holandesa, Zumbi defende nos Palmares a união de homens livres permitindo que a jovem nação, submetida ao poder colonial da coroa espanhola e intermitente ao Governo dos holandeses, sobreviva nas terras férteis do Nordeste. O estabelecimento de N'Gola D'Angola, que os portugueses chamavam de Angola Pequena e que hoje conhecemos como Quilombo dos Palmares, obedeceria à necessidade que os homens negros tinham de organizar-se num Brasil desintegrado pela dupla dominação que sofria.

Não há imparcialidade em a história que retrata o Zumbi como um herói nacional. Mas a história que retrata o Zumbi como um herói nacional é uma história que retrata o Zumbi como um herói nacional. Mas a história que retrata o Zumbi como um herói nacional é uma história que retrata o Zumbi como um herói nacional.

... onde luta em nome de sua liberdade, muitas vezes não oída. No processo de mudança de Estado monárquico para República, a abolição do trabalho escravo possibilita a passagem pacífica para o novo regime.

Palmares foi uma ação militar de grande envergadura. Ao longo de sua existência, Palmares teve dois chefes conhecidos. O primeiro, Ganga-Zumba, dirige a guerra desde o momento em que as autoridades coloniais iniciam a repressão aos quilombos no interior da Capitania de Pernambuco. Em 18 de junho de 1695, o chefe militar de Palmares vai ao Recife, acompanhado de uma embaixada constituída de pessoas de sua confiança, inclusive seus três filhos. A visita prende-se à necessidade que o Governador da Capitania tinha de obter uma trégua dos palmarinos, no momento em que procura reorganizar a economia da colônia, desorganizada à expulsão dos holandeses.

Palmares, considerado o inimigo de portas-adentro pelas autoridades portuguesas, estava totalmente autônomo da dominação colonial no Recife, o rei negro é recebido em Palácio, acontecimento comemorado com missa de ação de graças, assistida pelos dois chefes de Governo, Aires de Sousa, da Capitania de Pernambuco, e Ganga-Zumba, do Estado de Palmares. Pouco antes, ao entrar na cidade, os palmarinos tinham provocado ranço de "alvorço e júrio" da população, relata Décio Freitas; "entram com seus arcsos, flechas e lanças, cada um com arma de fogo, cobertas as partes naturais, uns com panos, outros com telas, uns com barbas trançadas, outros corridos, outros raspadas, corpulentos e valerosos todos". Diziam eles que queriam ter com os moradores comércio e trato, e que só pediam a liberdade para os nascidos em Palmares, desde que lhes fosse dado outro sítio onde pudessem viver sob a obediência do Rei de Portugal, mas livres.

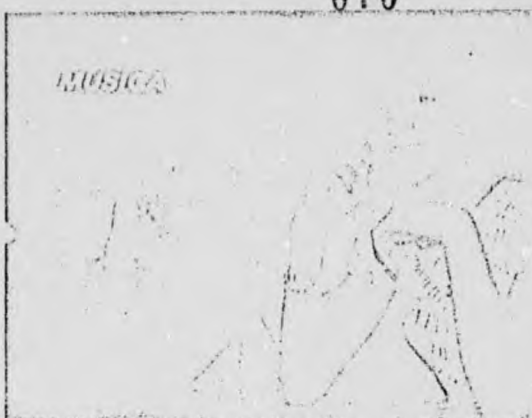
Por que Ganga-Zumba concordou em fazer um tratado com os governantes inimigos? Pela disposição geográfica dos Palmares, seu quilombo é o mais avançado em relação à Capital pernambucana e por isso o mais fustigado pelas autoridades coloniais. Por outro lado, a comunidade dos Palmares, constituída da geração mais nova, nascida nos quilombos, começava a questionar o poder dos chefes tradicionais, com certeza constituída de simpatizantes ou aliados mais velhos. Em Recife, Ganga-Zumba recebe de Aires de Sousa os termos verbais do acordo: 1) liberdade para os nascidos em Palmares; 2) concessão de terras para viverem e cultivarem; 3) garantias de comércio e relações com os moradores; 4) gozo da foro de varejos da Coroa.

Ganga-Zumba promete em troca conduzir ao domínio do Poder colonial os outros negros que não concordassem com os termos de paz. Quatro meses depois (3-11-1695), a paz é assinada em nova solemnidade no Recife. Retornando ao interior com seus familiares e súditos, Ganga-Zumba funda no quilombo de Cucuí, próximo de São-Joaquim, a Nordeste de Palmares.

A atitude unilateral que constitui a paz de Ganga-Zumba provoca violenta reação da comunidade militar dos Palmares. Num atitude típica de quilombola, os oponentes do pacto admitem a paz em separado e esperam a sai-



Baile soul nos subúrbios do Rio: uma festa...



... em que se pode dançar, desfilor o humorar

BLACK RIO

O inesquecível Delegado ainda era o mais competente mestre-sala do Brasil quando foi visto, em pleno morro da Mangueira, arriscando uns passinhos ao som de um disco de James Brown. Escandalizados admiradores imediatamente lhe cobraram aquela pecaminosa infidelidade cultural, mas a resposta do renomado mestre saiu inesperadamente seca e misteriosa: "É igualzinho ao samba". Chocante e aparentemente incompreensível para os teóricos brancos da música popular brasileira, que brigam em nome da pureza do samba de nossas favelas, a impenetrável frase de Delegado se revelaria, alguns anos mais tarde, estranhamente profética. A um tal ponto que, hoje, é possível anunciar que milhares de negros da zona norte do Rio de Janeiro já trocaram Zé Keti e Cartola por Stevie Wonder e James Brown.

Do Andaraí a Jacarepaguá, de Olaria ao bairro do Colégio, de Bangu a Caxias, a grande vitória nos subúrbios cariocas é a *soul music*, música negra de origem norte-americana "imediatamente reconhecível pela alma negra e símbolo de um estado de espírito indefinível", como a descreve um de seus fervorosos adeptos brasileiros. Talvez pelas secretas afinidades com a música popular brasileira, detectadas por Delegado, a *soul music* é, atualmente, considerada por seus defensores como "capaz de satisfazer a necessidades que o samba comercializado não mais consegue preencher".

Recusando ostensivamente o morro e a favela, a música soul se espalhou rapidamente pela zona norte do Rio, trazendo consigo uma surpreendente geração que se intitula Black Rio: moças e rapazes de roupas extravagantes e coloridas, calças berrantes, sapatos de sola dupla (pisões), vestidos longos, blusas

afro, colares de marfim e cabelos eriçados. Gente alta, elástica, de olhar firme e seguro, que, inspirada em modas nova-iorquinas, preferiu escolher para si uma nova aparência, capaz de negar simultaneamente o surrado traje do malandro carioca e o uniforme colonial das escolas de samba.

O resultado são fantasias individuais sempre renovadas, roupas descobertas no fundo de algum baú, ou acessórios adquiridos em lojas tão prosaicas e óbvias como as da praça da Bandeira. E, como um espírito novo e uma indumentária nova exigem uma nova festa, surgiu o baile soul: um baile que prolifera vigorosamente nos clubes do subúrbio do Grande Rio, enchendo quadras de basquete com um público animado e exclusivamente negro (de 3 000 a 10 000 participantes).

Esse público de forma alguma pode ser classificado como *lumpen*: os adeptos do Black Rio formam uma gama que abrange desde o proletário até o cidadão de classe média, todos integrados à economia urbana e decididos a abandonar o acanhamento marginal das gafeiras e o irritante enquadramento das escolas de samba-empresas. Mas a capacidade aquisitiva do Black Rio pode ser avaliada por aqueles poucos vinte carros parados à porta de bailes onde se batam milhares de pessoas.

A atmosfera das festas soul é sempre vertiginosa e feérica: lanternas estroboscópicas decompõem gestos e parecem eliminar a ação da gravidade; projetores vermelhos varrem um mar de cabeleiras afro que se agitam compassadamente; uma grande esfera de espelhos facetados, suspensa no teto do galpão, espalha um faiscamento constante sobre um público predominantemente masculino. "Esses bailes", diz

uma moça, "são ocasiões para encontros e para um desfile de vaidades."

Sempre realizados nos fins de semana, cobrando um ingresso que oscila entre 3 e 25 cruzeiros (dams grátis), as festas são organizadas por várias equipes. Elas fornecem a indispensável aparelhagem de som, organizam produções de filmes e slides, e valem pela boa ordem da festa. Os convites sugerem prudentemente que "o bom andamento do baile depende exclusivamente de você" — em todo caso, existe a segurança a cargo de troncos fuzileiros soul à paisana. Ao contrário, porém, do que costuma ocorrer em quadras de escola ou salões de gafeira, as brigas são raras e o bar serve com moderação cerveja e doses de Brankfort Black, o "uisque da massa". Uma austeridade que objetiva evitar qualquer pretexto a críticas por parte dos que olham desconfiados para o Black Rio.

As principais equipes se chamam sugestivamente Soul Grand Prix, Black Soul, Boat Power, Monsieur Limá, Black Power, Sorac, Petru's, Arte Negra, e competem furiosamente entre si. "Algumas delas nem se cruzam", diz Dom Alcione, 30 anos, como é conhecido o diretor artístico do Soul Grand Prix, a maior delas. As festas, animadas ao som dos sucessos de Otis Redding, Aretha Franklin e outros, eventualmente incluem shows ao vivo, com bandas soul e grupos de dança (todas as equipes — cerca de 300 espalhadas pelo Rio — possuem seu grupo de dançarinos profissionais). Podem também contar com a presença de atrações nacionais (como Tony Tornado) ou internacionais, como o conjunto americano Archibell and Drells, trazido no final de agosto ao Rio pelo Soul Grand Prix — que gastou na operação a respeitável quantia de 300 000 cruzeiros.

O som é feroz e tecnicamente im-

continua na página 156

continuação da página 154

cável: os "cortes" de uma música para outra são realizados com a perícia dos mais hábeis discotecários. O repertório é sugerido pela revista *Billboard* e programado por conhecidos discjockeys cariocas, como Big Boy, Ademir e Monsieur Lima. Mas toda a experiência desses profissionais vem sendo rapidamente assimilada por discotecários, técnicos de som e organizadores negros. Pois, segundo estes, "o Black Rio deve ficar sob todos os aspectos controlado por nós".

Musicalmente, o *brasilian soul* apenas começa a se estruturar (veja quadro). E seu principal laboratório se chama WEA Discos Ltda. (Warner, Elektra, Atlantic). Nos estúdios da gravadora, Marco Aurélio, mais conhecido como Mazola, explica por que a poderosa WEA, recém-instalada no país, confia nas possibilidades de um movimento musical brasileiro calcado na soul music. Em sua opinião, os grandes músicos negros responsáveis há dez anos por música popular brasileira da melhor qualidade — gente como Gilberto Gil, Milton Nascimento, Jorge Ben — quase não fazem samba. Cantores como Jair Rodrigues repetem surrados sambões. De resto, não existem no momento movimentos musicais tais como a Bossa Nova, a Jovem Guarda, a Tropicália, etc. E, para Mazola, esse vazio, além de representar uma preocupação fundamentalmente cultural, fere também as leis do marketing que regem a indústria do disco. Rezam estas que as grandes vendas dependem menos dos valores individuais do que das correntes e movimentos musicais. Por isso mesmo, Mazola



O estado-melior do Soul Grand Prix: Nirto, Dafé, Filó e Alcione

não pode deixar de sonhar com hipóteses estimulantes como, por exemplo, uma eventual adesão de um músico como Luís Melodia a esse Black Rio tão carente de valores musicais.

André Midani, diretor da WEA, reforça essas esperanças com a teoria de que "os entrecielos musicais sempre prencunaram uma ascensão da música negra. Nos Estados Unidos, por exemplo, nos anos 20 e 30, o jazz negro, somado a outras manifestações musicais de negros, como o gospel e o blues, modificou toda a estrutura das grandes orquestras brancas". Coerente com esse cálculo, Midani investe na possibilidade de surgir no Brasil um importante movimento musical negro que não esteja ligado ao samba. Em relação à tempestade de críticas e resistências culturais que desabou sobre o Black Rio (folclórico, alienado culturalmente, gerado no bairro nova-iorquino do Harlem), Midani propõe uma explicação cruel e certeira:

"Quando o pobre do negro brasileiro tem a infelicidade de sair de sua favela para fazer outra coisa que não samba, despara-se com uma imprensa branca que o acusa de estar perdendo sua negritude e lhe diz que ele tem que continuar fazendo samba. É bonito, mas isso equivale a dizer: fica na tua favela, vive na tua favela, dana-te na tua favela e morre na tua favela. Por que recusam a ele a possibilidade de existir em outra estrutura, ou se lançar em outra manifestação cultural que não as conhecidas?"

A interpretação de Midani provocou imediatamente um sorriso cúmplice e cansado no rosto do líder da equipe Soul Grand Prix, Asilólio de Oliveira Filho, carioca de 27 anos, engenheiro civil, conhecido no Black Rio como Dom Filó. Em sua opinião, as reações de espanto, cautela ou desprezo que têm cercado o Black Rio são ostensivamente precon-

continua na página 158

Procura-se o soul-samba em disco e show

A primeira vista, a proposta musical surgida com o Black Rio é extremamente ambiciosa. Os resultados exibidos, porém, têm sido modestos. É a opinião de Târik de Souza, de VEJA, que não vê nada de novo no LP "Soul Grand Prix", lançado pela WEA. Ele diz: "As gravadoras parecem ter descoberto uma escondida propriedade da música: ela faz dançar. Embora o achado possa ser atribuído à perseverança de estrelas discjockeys e discotecários, como Big Boy e Ademir, em suas peregrinações por bailes de subúrbio, as fábricas de disco não tardaram a fazer coro unânime ao fenômeno. O resultado são artefatos lustrosos que reprodu-

zem uma fórmula constrangedoramente simples: seleciona-se uma dúzia de músicas dançantes, onde a percussão dialética permita ofuscar a debilidade da letra e da melodia das faixas, e usa-se a isso tudo uma mixagem tonitruante capaz de envordecer um ouvinte mais bem aparelhado".

Mas a pergunta permanece de pé: Será possível o casamento do soul com o samba? Tecnicamente sim, responde o repórter Antônio Chrysóstomo, de VEJA, que assistiu a vários espetáculos soul no Grande Rio. "Além das origens culturais aparentadas das duas músicas, há grande identificação harmônica, rítmica, de batida. Simplificando: o soul seria um samba com mudanças na acentuação rítmica. E, como harmonias e batidas de alguma forma se conjugam, é perfeitamente possível imaginar uma escola de samba tocando no ledão de um conjunto soul. Entretanto, casamentos interfamiliares apresentam facilidades ori-

ginais de hábitos e costumes comuns mas também perigos de degeneração genética. Por isso tudo, tanto se pode esperar um movimento forte e renovado quanto uma jogada comercial vala e de efeitos efêmeros. Restaria provar a impossibilidade de um casamento fértil e saudável entre as duas correntes musicais. O que ainda não é possível pois não somente o raciocínio cultural dos músicos Black parece correto (se os brancos misturam baía e rock, por que não podemos adicionar o soul ao samba?) como também eles, até o momento, não apresentaram um trabalho elaborado, capaz de ser submetido a um júri crítico justo e isento. Portanto, embora existam perspectivas ausadas que incluiriam cavatinhas munidas de pedais, cuícas e chocalhos, só se pode dizer que, por enquanto, essas pesquisas ainda são embrionárias e o movimento Black Rio, uma promessa de laboratório."

continuação da página 156

ceituosas e já eram previsíveis. Uma longa conversa de VEJA com Filó, entremeadada de numerosos chopos no restaurante Saci, no bairro carioca do Andaraí, pode ser resumida em algumas perguntas que o entrevistado devolveu, como respostas, a Cláudio Bojunga:

— Por que se aceita com toda a naturalidade que a juventude da zona sul se vista de jeans, dance o rock, frequente discoteca e cultue Mick Jagger, enquanto o negro da zona norte não pode se vestir colorido, dançar o soul e cultivar James Brown?

— Por que o negro tem que ser o último reduto da nacionalidade ou da pureza musical brasileira? Não será uma reação contra o fato de ele haver abandonado o morro? Contra uma eventual competição no mercado de trabalho?

— Por que o negro da zona norte deve aceitar que o branco da zona sul (ou da zona norte) venha lhe dizer o que é autêntico e próprio ao negro brasileiro? Afinal, nós que somos negros brasileiros nunca nos interessamos em fixar o que é autêntico e próprio ao branco brasileiro.

Filó parece ter uma grande prática com esse tipo de argumentação. Durante boa parte de sua vida contrariou cha-



Dom Filó: diversão sem hora marcada

vões que costumam etiquetar o negro no Brasil. Estudante de Engenharia, foi obrigado a usar a inevitável gravata que o "identificaria como preto exceção", num meio onde a tendência geral seria classificá-lo como tudo, "menos estudante". Em 1972, no célebre clube negro Renascença (onde montou a peça "Orfeu Negro" e criou o grupo de dança Angola Soul), lutou sobretudo contra os eternos concursos de missas que "per-

petuavam o culto nacional da mulata-exportação". Com Haroldo de Oliveira, Wolney de Almeida e outros tentou encontrar novos rumos. Embora admitindo notáveis exceções (como Xangô, diretor de Harmonia da Mangueira, "que tinha uma visão"), as escolas de samba lhe pareciam empresas de shows, vazias de significado e cortadas de suas raízes. Os centros de estudo afro-brasileiros, por outro lado, "eram muito teóricos e respeitáveis". Uniu-se então a Dom Alcione, Dom Nito, Dom Jorge e lançou-se no movimento soul.

A idéia de que "o negro instruído não pode produzir nada de original porque ele deseja ser branco" parecia-lhe uma cruel projeção da teoria do "progressivo embranquecimento" cultivada, segundo ele, pela sociedade brasileira. Pois, diz Filó, "apenas os que acreditam nessa solução ficam preocupados ao assistir a ascensão social de um grupo de brasileiros que se orgulha de sua negritude".

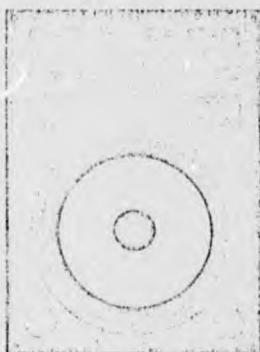
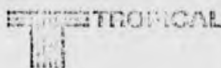
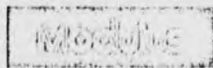
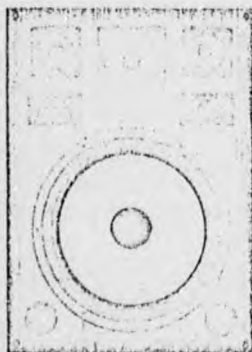
Filó repete também a acusação de que a "moda Black Rio" seja "perigosa". Ele insiste que não há nenhuma intenção em hostilizar os brancos: "A afirmação de nossa negritude não implica conflito. O

continua na página 160

Espaço reservado para toca-discos, gravadores, receivers e amplificadores de todas as marcas.

Depois de passar 22 anos importando, distribuindo e prestando assistência técnica a marcas como Akai, Marantz, Sansui, JBL, Elac e Memorex, a Tropical lança seu primeiro produto: as caixas acústicas Modulus. E convida você para testar neste espaço qualquer aparelho de som.

Nós temos certeza de que estes 22 anos em boa companhia serviram para a gente aprender muita coisa.



Entre simplesmente gostar de vinho e ser um conhecedor, existe todo um aprendizado. Os vinhos Santa Rita ensinam as mais importantes lições.



Vinho nobre de Chile
Santa Rita

Para cada momento um tipo certo. Casa Real 120, Dona Paula Rosé, Banquete, Gran Vino, Reservado, Burgundy, Riesling, Cabernet.

A escolha
é de quatro
rescreve

CROSS

continuação da página 158

que gostamos no negro americano é o seu orgulho pela beleza e pelas características da nossa raça. Sentimos que somos irmãos deles, mas como brasileiros. As condições aqui são diferentes das de lá". Em sua opinião, os rituais e as roupas são apenas um expediente cultural destinado a recuperar uma convivência violada e a fortalecer uma identidade precária. Ele diz: "Com o soul queremos reintegrar nossa alegria e nossas festas ao cotidiano, e recusar as diversões com hora marcada. Dificilmente conseguimos nos transformar em atração turística enquanto fizermos algo tão pouco brasileiro como o soul".

Mas como não ficar preso à camisa-de-força de uma música (e de uma cultura) basicamente americana? "Nosso plano é fundar um movimento que se chamará Brafo — que incluirá pesquisas musicais e iniciativas culturais. Por enquanto estamos tentando encontrar um rumo. O soul serve nessa fase para unir as pessoas em torno de algo imediatamente identificável." Filó não pode evidentemente afirmar que esses planos dão certo, pois "isso vai depender do talento dos músicos e também de nossa capacidade em nos mantermos fiéis a uma proposta cultural, resistindo às tentações comerciais". E a participação da WEA, que reforça as acusações de desnacionalização e as suspeitas de jogada comercial? Filó responde frontalmente: "Todo movimento musical precisa de uma máquina industrial que produza, oriente e venda. Além disso, ninguém se lembra de impugnar o trabalho de Tom Jobim (cujo último disco, "Urubu", foi lançado pela WEA) ou de Gilberto Gil (cuja carreira se desenvolveu na também multinacional Phonogram, sob a direção do mesmo André Midani).

A "procura de novos rumos" mencionada por Filó, ou o simples desejo de imitação, segundo seus críticos, é visível nos dançarinos. Nas roupas: gorros de neve coloridos, casaco de peles, camisas numeradas, nos apertos de mão: um complicado ritual que exprime solidariedade e alegria; no corpo: maquiagens, cabelos afro tingidos de vermelho ou amarelo; laboratório de gestos: de vez em quando, um dançarino mais criativo exige que abram uma roda a fim de exibir suas últimas invenções, que sempre tentam combinar as contorções de um James Brown com os molejos de um Delegado. Provavelmente condicionado pelo samba, o Black Rio ainda prefere os andamentos rápidos. Mas tudo é uma questão de tempero. Afinal, como ensina o professor Peter Fry, da Universidade de Campinas, um dos pratos tradicionais do sul dos Estados Unidos é a feijoadá. E lá ela se chama *soul food*.

LEILA ALEXANDR 074

É A REENCARNAÇÃO CARIOCA
DE UMA PRINCESA AFRICANA.
MAS ENQUANTO SEU PRÍNCIPE NÃO APARECE
VAI DE PASSARELA EM PASSARELA
MOSTRANDO A CRIAÇÃO
DOS OUTROS.
A SUA MODA

MULHER

PARA Leila Alexandra, 24 anos, alta, esbelta, esculpida em ébano, conforme se pode verificar, a profissão de modelo é um trampolim para outras carreiras. Pois manequim ela já é há quatro anos, ou seja, trampolim ela já tem.

"Um dia eu estava no cabeleireiro, quando Clodovil entrou, olhou e gostou do meu tipo. Acabei trabalhando com ele. Meu primeiro trabalho foi fazer uma noiva tipo *madre*, com um véu de organza bege com miçangas marrons. Houve até quem me chamasse de N. S. da Aparecida da passarela."

Embora hoje não seja *maneca* exclusiva de ninguém, Leila Alexandra atua em quase todas as mostras de Clodovil, inclusive

contratada para participar de sua Coleção-Réveillon. Já foi vista (ou pôde ser vista, pelos mais bafejados pela sorte) em duas FENITs, apareceu na revista *Vogue*, e está passando uma temporada em Brasília, convidada pela embaixatriz do Senegal para um desfile coreografado de vários modelos *boubous* (roupa típica africana). Na verdade, o grande sonho da moça — autêntica reencarnação das princesas africanas — é ser uma outra *Iman*, a bela *somali* que, importada diretamente de uma tribo errante do Norte do Quênia, já está faturando horrores nos Estados Unidos. Se não conseguir tanto, Leila Alexandra já se conforma com os caminhos de uma Aizita ou de

Qualquer reclamação, endereçar a Clodovil, que foi quem a descobriu, num cabeleireiro. Mais uma prova de que costureiro entende mesmo é de mulher. Pois é.

Atenção para o olhar, numa panorâmica desde a pulseirinha do tornozelo. Ademais, atenção para o resto desta tijuana que sonha em voltar às origens.

075

uma Zezé Motta, igualmente charmosas e talentosas, que não faturam em dólares, mas podem se olhar tranquilas no espelho. Ou então, meu Deus, um casamento milionário já quebra um galho.

"Embora não se pareça com a forma grosseira que existe nos Estados Unidos, o racismo também está presente aqui no Brasil. Só que é disfarçado.

Muita porta de restaurante, bar e boate é testemunha disso. Isso sem falar em clubes ou reuniões gra-finas, onde, mesmo que as pessoas nos aceitem, somos olhados como seres inferiores, pouco mais do que animais. No começo da minha carreira fui contratada pelo costureiro Hugo Rocha, que queria uma negra para desfilar no Rio. Foi barrada, entretanto, por uma coreógrafa rarista. Aliás, os negros normalmente só podem ser cantores, bailarinos, pugilistas, atletas; as negras, empregadas domésticas ou prostitutas.

Acontece que os negros não estão conscientizados do seu valor e vivem na maior acomodação, sem liderança, submissos, com medo de competir com os brancos. Enfim, nossa raça não é unida.

Com quase 1,60 de altura, Leila Alexandra consegue equilibrar, com graça e elegância, cada modelo que veste. Os estudiosos do africanismo consideram a Somália, o Senegal, a Mauritânia, o Zâmbia, a Costa do Marfim e Uganda como os povos mais bonitos daquele continente. Ali os negros são altos, esbeltos, esguios, atléticos. As negras acrescentam a tudo isso, o algo mais feminino. Oriunda da tribo watusi, Leila — nascida no bairro carioca da Tijuca, atualmente morando em São Paulo — tem tudo isso, e já andou por quase

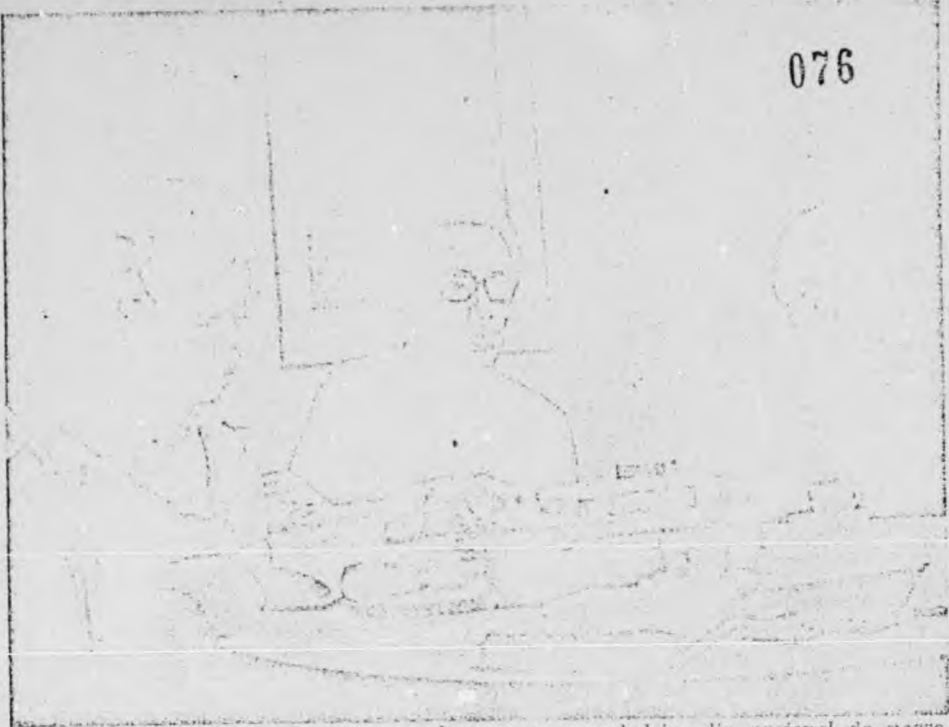
todo o Brasil, cada vez mais solicitada para, com esse seu jeitinho todo especial de andar, exibir a moda de nossos mais famosos costureiros. E ninguém tem reclamado. Muito pelo contrário.

Reportagem de Paulo Coelho
Fotos de Rúbia Pimenta
(Guarda-roupa de Trapp e Barbarella, penteados de Stefani, maquiagem de Vitor)

h

2

076



O Grupo Palmares propõe 20 de novembro como o verdadeiro dia nacional do negro

Negro no Sul não quer mais Abolição como data da raça

Porto Alegre (Sucursal) — A data de 13 de maio não merece as comemorações que recebe, como dia da Abolição da Escravatura, ou Dia da Raça, porque o negro não tem porque se ufanar dela. O verdadeiro dia nacional do negro é o 20 de novembro, aniversário da morte heroica do Zumbi dos Palmares, símbolo da capacidade criadora e orgulho da raça.

A idéia é do Grupo Pal-

mares, criado em Porto Alegre em 1971, com a finalidade de levantar o patrimônio histórico e cultural do negro, "para que ele conheça a verdadeira história do seu povo no Brasil, e, sacudindo seus complexos, passe a participar de outra maneira na sociedade brasileira, consciente do seu valor — o que é diferente de uma integração à custa da sua alienação cultural."

História e mitos

Para o Grupo, o negro não conhece a sua própria história, porque a história do Brasil foi feita pelo branco, e, em relação aos negros, teria sido muito mal contada. Valoriza pontos que não são os mais importantes, como o 13 de Maio, e diminui, até no tempo de duração, episódios como os dos quilombos, que teriam sido o momento mais importante da história do negro no Brasil.

— A gente é criada com certos mitos históricos que nos conduzem a aceitar a Abolição como um ato de benevolência do branco, e não como realmente foi, uma consequência das pressões econômicas da época — explica a arquiteta Helena Machado, integrante do Grupo. A Abolição,

antes de ser uma dívida, foi uma necessidade econômica. Ela teve inúmeras outras causas, mas provavelmente a última e a menor foi a do sentimento de humanitarismo.

Segundo Helena Machado, o branco escravou, na época, já não interessava, porque a sociedade estava se transformando rumo a uma industrialização, onde valia mais a mão-de-obra especializada do imigrante do que o braço do negro inculto. Por outro lado, havia o movimento republicano, que o Império desejava esvaziar, tirando-lhe a bandeira do abolicionismo. Agora isso, existiam as pressões externas, da Guerra do Paraguai e da política inglesa contra o comércio de escravos.

Continua

Abolição sem programa

O poeta e professor Oliveira Silveira, coordenador do Grupo Palmares, acha que a campanha abolicionista teve seus méritos. "Inclusive ela foi feita também por negros, como André Rebouças, Luís Gama e José do Patrocínio. Esses não tiveram outros interesses, mas alguns estavam pouco conscientes do papel do negro, como José do Patrocínio, que chegou a ajoelhar-se e beijar a mão da Princesa Isabel, chamando-a de a loira mãe dos brasileiros. O seu entusiasmo fez-lo esquecer que era uma obrigação dela assinar a Lei."

— Mas nem a Abolição, nem a República que veio depois, modificaram a situação do negro, que até piorou — interveio a universitária Maril Carolino. A população negra saiu da escravidão para a liberdade

sem que tivesse preparada para isso. Nenhuma medida oficial foi adotada para integrar o negro à sociedade, e ele permaneceu marginalizado, disputando subempregos. E piorou também a situação do negro quando a sua equiparação legal ao branco gerou o preconceito.

Para Oliveira Silveira, a Abolição pouco valor histórico tem porque nada trouxe de novo ao negro, que continuou vivendo nas condições sócio-econômicas em que vivia como escravo, "e até piores, pois hoje casos em que ex-escravos voltavam para seus ex-senhores, que lhes davam casa e comida, em troca de trabalho." A falta de um programa de integração, junto com a Lei Aurca, manteve o negro inferiorizado.

Quilombo dos Palmares

O Grupo Palmares sugere então que se comemore o Dia da Raça ou o Dia Nacional do Negro em 20 de novembro, para lembrar o Quilombo dos Palmares, que durou um século, até 1635.

— Esse foi o momento mais glorioso da história do povo negro no Brasil, e, infelizmente, a nossa historiografia o diminui no tempo e até na apresentação dos fatos principais, como a morte de Zumbi, sobre a qual até Jorge Amado se engana, não era Jubbá — diz Oliveira Silveira.

A assistente social Antônio Carolino — outra integrante do grupo — conta que na verdade Zumbi não se jogou de um penhasco, na serra dos Macacos, mas foi morto muito mais tarde, traído por um mulato, que o apunhalou pelas costas. Ao morrer, lutando, Zumbi ainda matou dois

inimigos, entre os quais o traidor. "É lamentável que o negro só receba da História motivos para se depreciar, e não conheça o seu passado heróico" — acrescenta ela.

O Quilombo dos Palmares, entre Alagoas e Pernambuco, representou um século de liberdade para uma civilização de 30 mil negros dentro de um país que ainda era colônia. Dos seus reis, se conhecem dois: Ganga-Zumba e Zumbi. Eles chegaram a enfrentar sete dos mais famosos chefes militares da época, enviados pelos senhores de engenho e pelos Governos, e os venceram.

— A morte de Zumbi simboliza a luta do negro pela sua própria libertação, que é bem diferente do passivo recebimento de uma liberdade-dada — pensa o Grupo.

Vencer complexos

— Na verdade — explica Helena Machado — o negro sempre reagiu à escravidão, e não a aceitou passivamente. Hoje, é fácil enganá-lo com histórias de Mãe Joia e Mãe Preta, mas eu reconheço o negro não foi dócil ao regime escravo. Houve quilombos em todo o Nordeste, no Estado do Rio, em Goiás, em Mato Grosso, em São Paulo e até no Rio Grande do Sul. Na Bahia, as mulheres chegaram a pegar em armas, lideradas por Luisa Mahu, a mãe de Luís Gama.

De acordo com o Grupo Palmares, é tomando consciência desses fatos que o negro fica sabendo que ele tem uma história de que se orgulhar, e vai participar de outra maneira da sociedade brasileira, popularizando-a, e que é uma atitude mais positiva, do que inferiorizar-se às custas da sua alienação cultural.

— "Ao se orgulhar de ser negro, ele vai superar seus complexos, que vão cair por terra quando ele lembrar Palmares" — diz o líder do Grupo.

— Hoje em dia, o grosso da população negra ainda está marginalizado — diz Maril Carolino — e apenas uns poucos negros conseguiram um lugar melhor graças ao seu esforço pessoal, depois de derrubar duas barreiras: a do próprio en-

timento de inferioridade e a do preconceito.

Segundo ela, até hoje o negro está sofrendo os reflexos do regime escravagista. A arquiteta Helena Machado julga que, embora o negro não tenha sido indenizado depois da Abolição, o mínimo que deveria haver é uma disposição dos Governos para permitir que ele trabalhe sem pressões.

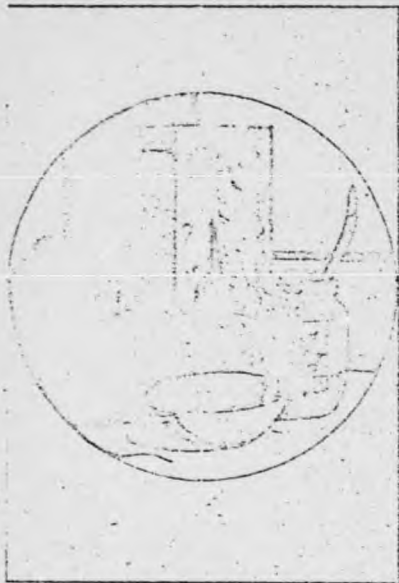
O Grupo Palmares é composta de 12 negros, universitários ou de nível superior, que se reúnem semanalmente para debater e apresentar idéias ligadas ao estudo do patrimônio histórico e cultura do negro no Brasil. Suas conclusões são divulgadas em palestras nos clubes Floresta Aurora e Marcelino Dias, onde também realizam atos comemorativos ao 20 de Novembro. Mas eles ainda buscam um modo de popularizar suas pesquisas, com vistas a uma maior resposta no terreno social.

Helena Machado esclarece que o grupo não tem maiores afinidades com o movimento americano Black Power:

— Nos Estados Unidos, há preconceito e repressão violenta, por isso a reação é violenta. Aqui, o que existe, é um preconceito velado, a ponto de dizerem que não há. Nosso trabalho é de conscientização cultural.

SER NEGRO

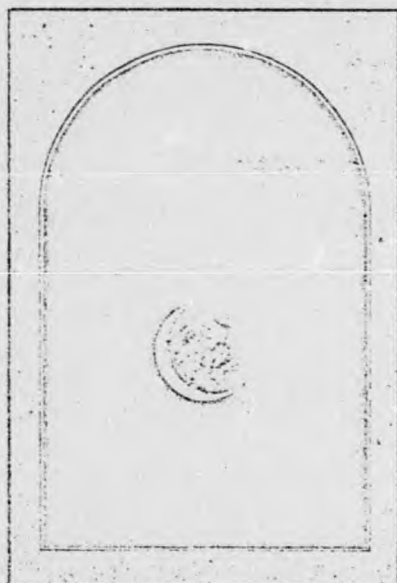
Negro, adj. 1. Destituído de luz, ou incapaz de a refletir; desprovido de cor ou tão escuro que não se pode distinguir a cor; oposto a Branco. 2. Envolto em escuridão; destituído de luz; afastado, totalmente penumbroso ou deprimente; - ex: ter um negro futuro. 3. Que tem pelo, cabelo e olhos escuros; especificamente o componente de uma raça caracterizada pela pigmentação negra, incluindo Negros, Negritos e Nativos Australianos. 4. Conspicuo de sujidade; que é desagradável aos sentidos. 5. Que traz vestimentas negras; ex: o cavaleiro negro. 7. Desagradável ou ultrajantemente mau; ex: negra crueldade. 8. Indicando desgraça, desonra ou culpa; ex: marca negra. 9. Envolvendo, práticas proibidas ou banidas; ex: magia negra. 10. Vendido, distribuído ou transportado à margem dos trâmites legais, preços concorrentes, prioridade ou restrições de racionamento, ou levado a uma tal venda ou distribuição; ex: lucro negro, - v.t.; - Apegar (Black out). 1. Obscurecer em escuridão, especialmente extinguindo toda a luz como medida protetora contra um ataque aéreo; também, ficar mergulhado na escuridão. 2. Cortar ou suprimir pela censura. 3. Rádio, salientar ou interferir (relativo a uma emissão de rádio). Extraído do Webster International Pocket Dictionary.



SER NEGRO
Destituído de luz, ou incapaz de a refletir;
desprovido de cor ou tão escuro que não se
pode distinguir a cor; oposto a Branco.



SER NEGRO
Que tem pelo, cabelo e olhos escuros;
especificamente o componente de uma raça
caracterizada pela pigmentação negra,
incluindo Negros, Negritos e Nativos
Australianos.



SER NEGRO
Indicando desgraça, desonra ou culpa;
ex: marca negra.



SER NEGRO
Que traz vestimentas negras;
ex: o cavaleiro negro.

SER NEGRO

Negro, adj. 1. Destituído de luz, ou incapaz de a refletir; desprovido de cor ou tão escuro que não se pode distinguir a cor; oposto a Branco. 2. Envolto em escuridão; destituído de luz; afastado, totalmente penumbroso ou deprimente; - ex: ter um negro futuro. 3. Que tem pelo, cabelo e olhos escuros; especificamente pertencente ou componente de uma raça caracterizada pela pigmentação negra, incluindo Negros, Negritos e Nativos Australianos. 4. Conspicuo de sujidade; que é desagradável aos sentidos. 5. Que traz vestimentas negras; ex: o cavaleiro negro. 7. Desagradável, ou ultrajantemente mau; ex: negra erudição. 8. Indicando desgraça, desonra ou culpa; ex: marca negra. 9. Envolvendo, práticas proibidas ou banidas; ex: magia negra. 10. Vendido, distribuído ou transportado à margem dos trâmites legais, preços concorrentes, prioridade ou restrições de racionamento, ou levado a uma tal venda ou distribuição; ex: lucro negro, - vt; - Apagar (Black out). 1. Obscurecer em escuridão, especialmente extinguindo toda a luz como medida protetora contra um ataque aéreo; também, ficar mergulhado na escuridão. 2. Cortar ou suprimir pela censura. 3. Rádio, salientar ou interferir (relativo a uma emissão de rádio). Extradido do Webster International Pocket Dictionary.



SER NEGRO
 Destituído de luz, ou incapaz de a refletir; desprovido de cor ou tão escuro que não se pode distinguir a cor; oposto a Branco.

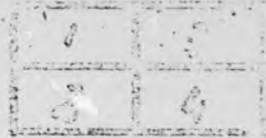
SER NEGRO
 Envolto em escuridão; destituído de luz; afastado, totalmente penumbroso ou deprimente; - ex: ter um negro futuro.

SER NEGRO
 Que tem pelo, cabelo e olhos escuros; especificamente pertencente ou componente de uma raça caracterizada pela pigmentação negra, incluindo Negros, Negritos e Nativos Australianos.

SER NEGRO
 Conspicuo de sujidade; que é desagradável aos sentidos.

078

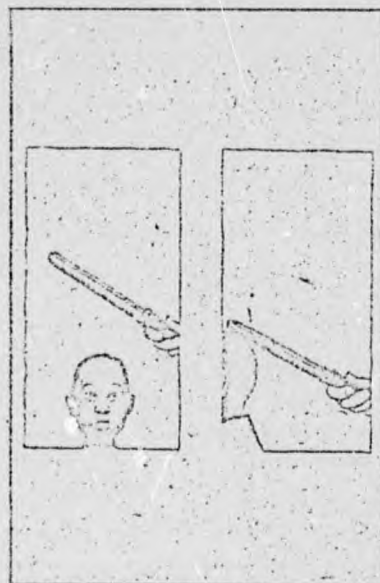
GRANDE PARTE DA ATUAL GERAÇÃO NEGRA BRASILEIRA VIVE NUMA SÉRIA ALIENAÇÃO, IGNORANDO QUE É HERDEIRA DE UMA CULTURA DIFERENTE DA QUE LHE IMPOE O BRANCO. MUITAS VEZES TENTAM INCUTIR-LHE A IDÉIA DE DOCILIDADE, REPRESENTADA POR FIGURAS COMO O "PAI JOÃO", A "MÃE PRETA", O CULTO À PRINCESA ISABEL E AO 13 DE MAIO. O GRUPO PALMARES, DE PORTO ALEGRE, FIXOU O DIA 20 DE NOVEMBRO COMO A DATA MÁXIMA DOS NEGROS BRASILEIROS. FOI NESSE DIA, EM 1695, QUE MORREU ZUMBI, O ÚLTIMO REI DO ESTADO LIVRE DE PALMARES. HOMENAGEANDO A DATA, APRESENTAMOS PARTES DO LIVRO "SER NEGRO", DE TURNER BROWN JR., COM ILUSTRAÇÕES DE ANN WEISMAN.



NI



Se você
for um negro negro
deixe de ser negro
de ser negro de ser negro



Se você
for um negro negro
deixe de ser negro
de ser negro de ser negro



Se você
for um negro negro
deixe de ser negro
de ser negro de ser negro



Se você
for um negro negro
deixe de ser negro
de ser negro de ser negro

079

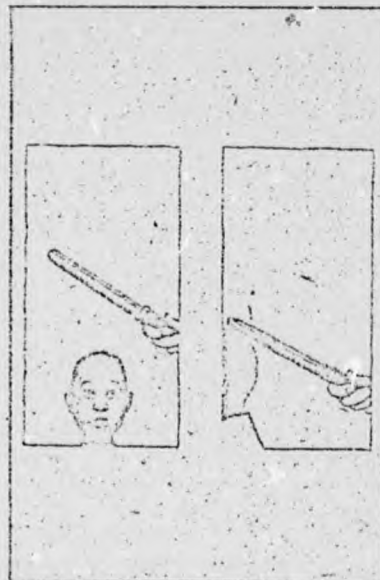
GRANDE PARTE DA ATUAL GERAÇÃO NEGRA BRASILEIRA VIVE NUMA SÉRIA ALIENAÇÃO, IGNORANDO QUE É HERDEIRA DE UMA CULTURA DIFERENTE DA QUE LHE IMPOE O BRANCO. MUITAS VEZES TENTAM INCUTIR-LHE A IDÉIA DE DOCILIDADE, REPRESENTADA POR FIGURAS COMO O "PAI JOÃO", A "MÃE PRETA", O CULTO À PRINCESA ISABEL E AO 13 DE MAIO. O GRUPO PALMARES, DE PORTO ALEGRE, FIXOU O DIA 20 DE NOVOBRO COMO A DATA MÁXIMA DOS NEGROS BRASILEIROS. FOI NESSE DIA, EM 1695, QUE MORREU ZUMBI, O ÚLTIMO REI DO ESTADO LIVRE DE PALMARES. HOMENAGEANDO A DATA, APRESENTAMOS PARTES DO LIVRO "SER NEGRO", DE TURNER BROWN JR., COM ILUSTRAÇÕES DE ANN WEISMAN.



NE



Os negros
são considerados
como lixo e são
lançados no lixo.



Os negros
são considerados
como animais e
são tratados
como tal.



Os negros
são considerados
como animais e
são tratados
como tal.



Os negros
são considerados
como animais e
são tratados
como tal.

079

Função 08
E

A T E N Ç Ã O:

O original deste documento (com 4 folhas) foi apre-
tado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível
leitura completa no original nem na microficha.

Sar Diego
com a sua família
de férias em
Santos, Brasil.



Sar Diego
fazendo compras
em uma loja
de roupas em São Paulo.

Sar Diego
com a sua família
em férias em
Santos, Brasil.



Sar Diego
fazendo compras em uma loja
de roupas em São Paulo.

Sar Diego
fazendo compras
em uma loja
de roupas em São Paulo.



Sar Diego
fazendo compras
em uma loja
de roupas em São Paulo.

Sar Diego
fazendo compras
em uma loja
de roupas em São Paulo.



Sar Diego faz
compras em uma loja
de roupas em São Paulo.

A T E N Ç Ã O:

0 original deste documento (com 4 folhas) foi apresentado parcialmente ilegível para microfilmagem, não sendo possível sua leitura completa no original nem na microficha.

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]



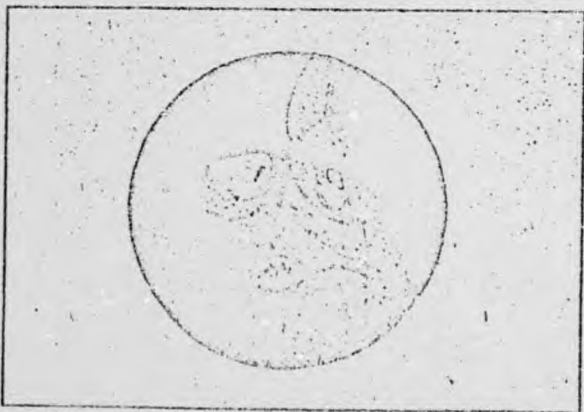
Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

Sr. Negro
de nome [illegível]
de [illegível]
[illegível]

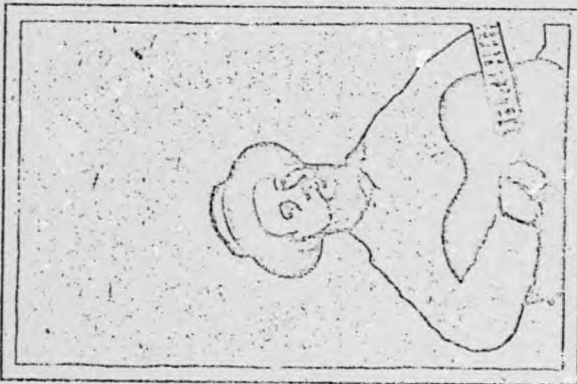
Sr. Negro de nome
Rm. Mirim [illegível]

Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad



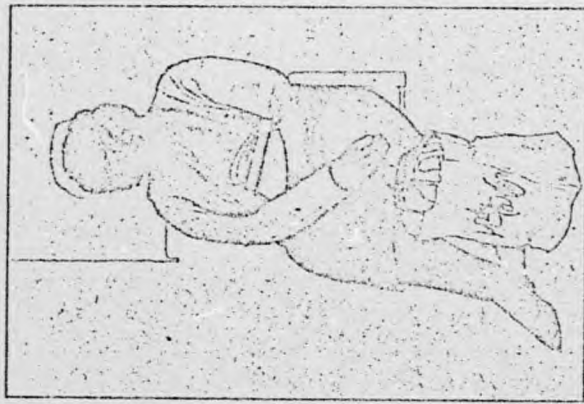
Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad

Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad



Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad

Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad



Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad

Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad



Señorito
 a todos los señores
 que desean visitar
 el Departamento de Sanidad

San Diego
Public Relations
Department of San Diego

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.



San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

San Diego
Expressing
decent admiration
throughout
the world.

Os sistemas opressivos vivem submetidos a uma dialética infernal. Se endurecem a repressão, apenas exacerbam o espírito de revolta, que cedo ou tarde acaba explodindo, e se a mitigam, não fazem senão criar oportunidade a uma igual explosão, em prazo talvez ainda mais breve.

Décio Freitas

Mais um livro de valorda
EDITORA MOVIMENTO

DÉCIO FREITAS

INSURREIÇÕES ESCRAVAS



082

EDITORA MOVIMENTO

Os sistemas opressivos vivem submetidos a uma dialética infernal. Se endurecem a repressãc, apenas exacerbam o espírito de revolta, que cedo ou tarde acaba explodindo, e se a mitigam, não fazem senão criar oportunidade a uma igual explosão, em prazo talvez ainda mais breve.

Décio Freitas

Mais um livro de valorda
EDITORIA MOVIMENTO

DÉCIO FREITAS
INSURREIÇÕES
ESCRAVAS

082

MOVIMENTO



INSURREIÇÕES ESCRAVAS

Embora estrangeiros na terra fecundada pelo seu trabalho - na colônia não eram súditos do rei e na nação independente estavam excluídos da nacionalidade - os escravos se incorporaram à sociedade brasileira e participaram da sua história. Demonstrar que eles não desempenharam um papel passivo no nosso processo histórico, mas, ao contrário, foram atores e autores, constitui a preocupação de Décio Freitas.

Depois de nos haver dado *Palmares - a Guerra dos Escravos*, livro que já mereceu tradução para o espanhol, Décio Freitas empreende reconstituir a história das insurgências escravas ocorridas em Salvador entre 1807 e 1835. Os protestos escravos, entre nós, sempre tiveram lugar no meio rural e assumiram uma forma característica - o *quilombo*. A singularidade das insurgências de Salvador: consiste em haverem sido as únicas, no Brasil e acaso em todo o Novo Mundo, a ocorrerem num centro urbano. A que atribuir o fato de que somente em Salvador se tenham registrado insurreições urbanas de escravos? Mais ainda, por que foi que, mesmo em Salvador, somente ocorreram naquele período, não antes nem depois?

Nina Rodrigues deu para este fato uma explicação que está pacificamente consagrada. Para o fundador da antropologia negra no Brasil, as insurreições de Salvador constituíram obra exclusiva dos negros muçulmanos, importados pela Bahia em grande número no princípio do século passado. Não expressaram, segundo ele, um protesto

Coleção Documentos Brasileiros
Volume 11

DÉCIO FREITAS

INSURREIÇÕES
ESCRAVAS

084



EDITORA MOVIMENTO

Capa
Mário Röhnelt
Revisão
Myrna Bier Appel

SUMÁRIO

Apresentação	9
A cidade negra	11
As insurreições ussás	31
As insurreições nagôs	49
A grande insurreição	69
A justiça dos senhores	87
Nota bibliográfica	101

1976

Direitos reservados à
Editora Movimento
República 130 - Fone 24-5178
Porto Alegre - RS - Brasil

080

Röhnelt

Bier Appel

SUMÁRIO

Apresentação	9
A cidade negra	11
As insurreições ussás	31
As insurreições nagôs	49
A grande insurreição	69
A justiça dos senhores	87
Notabibliográfica	101

ATENÇÃO

ESTE DOCUMENTO

CONTINUA NA PRÓXIMA MICROFICHA